

Ao meu Pai e ao meu Avô, que me guiam na terra e no céu.

Agradecimentos

Se queres ir rápido, vai sozinho,
Se queres ir longe, vai acompanhado.
Provérbio Africano

Chegado o momento de pôr à prova este trabalho, é também chegado o momento de agradecer a todos aqueles que a meu lado, de perto ou de longe, viram-me caminhar em direção ao meu sonho.

Antes de agradecer a alguém individualmente, agradeço a Deus, pela força, pela luz e por ter colocado todas estas pessoas na minha vida.

Aos meus pais, pelos valores que me transmitiram, pelo amor que me ofereceram, por todos os projetos, por todos os sonhos realizados, por todas as lutas, por sempre acreditarem em mim e me ensinarem, desde sempre, que “o fácil qualquer um faz”.

À minha avó Mariazinha, a pessoa mais doce deste mundo, pelo seu amor e carinho, pelo seu cuidado comigo e por inspirar-me desde cedo a ser uma pessoa melhor.

Aos meus irmãos, os meus maiores tesouros e o meu porto de abrigo, pelo seu amor, companheirismo e por me ajudarem a descobrir desde cedo a minha vocação.

Ao Mário, pela paciência infinita, pelo carinho, pelas brincadeiras, por despertar o melhor em mim e por acreditar sempre em mim, motivando-me sempre para algo mais.

Aos meus amigos, pelo seu carinho, paciência e compreensão, quando não pude ser uma amiga muito presente.

À Helena, minha amiga irmã, pelo seu apoio, carinho, companheirismo e amizade, desde o primeiro ao último momento. Pelo consolo quando as lágrimas e o cansaço eram mais fortes e pelos sorrisos e gargalhadas quando as vitórias eram certas.

À minha equipa da *Parfois*, pela compreensão, pelos “jeitinhos” e pelo apoio em perseguir sempre este meu sonho.

Ao meu professor e orientador Doutor Adolfo Fialho, por ter “abraçado esta cruz” comigo, por ter dado largas à minha criatividade, pela sua atenção e disponibilidade, pelo seu cuidado e por me fazer acreditar que é sempre possível ir mais além.

Aos meus professores da Universidade, em especial aqueles que acompanharam de perto este processo, pelo seu colo, pela sua motivação e por sempre acreditarem em mim.

Às minhas crianças e às docentes das escolas que me receberam por me mostrarem

quão feliz é a profissão que escolhi para a minha vida.

A todos os professores e professoras que passaram por mim e que me formaram como ser humano e profissional que sou.

Por fim, e não menos importante, às minhas “irmãs mais velhas” do curso, Carolina Jarimba, Joana Garcia e Melissa Garcia pelo seu apoio, motivação, dicas e por sempre me fazerem ver que o caminho é longo, mas que a vista final é maravilhosa.

O meu grande obrigada a todos! A minha vitória é a vossa vitória.

Resumo

O presente Relatório de Estágio surge no seguimento da análise e reflexão acerca da ação educativa desenvolvidas no nosso estágio pedagógico, nos contextos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, integrado na 2.ª edição do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade dos Açores.

A razão que esteve na base do seu título - *As Expressões Artísticas como uma janela aberta para a Criatividade, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico* - fundamentou-se na necessidade de compreendermos a forma como a criatividade, uma capacidade intelectual hoje em dia tão solicitada, é explorada em contexto escolar, nomeadamente através da lecionação das Expressões Artísticas.

Neste sentido, procurámos compreender a forma como as Expressões Artísticas contribuem para o desenvolvimento das crianças, bem como explorar eventuais conexões entre estas áreas de conteúdo e a criatividade. Nesta ordem de ideias, averiguámos ainda a forma como a criatividade é potencializada na escola, em especial, mediante a prática das Expressões Artísticas e nos contextos escolares em que realizámos os nossos estágios.

Paralelamente à análise e reflexão acerca da nossa ação educativa, e com o objetivo de compreendermos as perspetivas dos docentes das escolas acerca desta matéria, realizámos entrevistas a docentes de ambos os níveis de ensino (quatro no total). Com o recurso a esta técnica, investigámos se, nas suas práticas diárias, fomentavam o exercício da criatividade, que meios e recursos utilizavam, se convocavam as áreas das Expressões Artísticas neste particular e que lugar atribuíam ao exercício da criatividade no processo de desenvolvimento das crianças.

A análise e reflexão acerca das nossas práticas permitiu-nos concluir que as Expressões Artísticas são excelentes veículos de promoção da criatividade, contribuindo para uma prática pedagógica mais rica e diversificada e promovendo o desenvolvimento dos alunos, nos seus diferentes domínios. Concluímos ainda que, apesar de esta realidade ser valorizada pelos docentes de ambos os níveis de ensino em causa, é na Educação Pré-escolar que ela se revela mais flagrante, principalmente quando é convocada a área da Expressão Plástica.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico, Estágio Pedagógico, Criatividade, Expressões Artísticas

Abstract

This traineeship report follows on from the reflexive analysis of the educational action developed during our Pedagogical Traineeship, in the framework of the Master's degree program in Pre-school Education and Primary School Teaching offered by the University of the Azores.

The reason for the title – *Artistic Expressions in Pre-School Education and First Cycle of Basic Education as an Open Window on Creativity* - arises from the need to understand how creativity (currently a highly valued intellectual skill) is exploited in the schooling context, namely by teaching Artistic Expressions.

Therefore, we have been trying to understand how Artistic Expressions contribute to children's development, and how to explore possible links between these subjects and creativity. In line with this purpose, we have also investigated how creativity is enhanced at school, especially through the practice of Artistic Expressions, in the real school context where our traineeship took place.

Besides the analysis of our educational intervention, and with the aim of understanding how these subjects are regarded by school teachers, four of them, (belonging to both educational levels mentioned above) were interviewed. Using this technique, we ascertained if the exercise of creativity was encouraged in their daily practice, and by which means and resources. We asked if they resorted to Artistic Expression for this specific purpose, and we collected their opinion on the impact of such exercise on children's development process.

This reflexive analysis of our own practices allowed us to conclude that Artistic Expressions are excellent for promoting creativity, contributing to a richer and more diverse pedagogical action, fostering children's development in its different areas. We further concluded that, although this kind of practice is considered an advantage by teachers pertaining to both educational levels taken here into account, the significance of artistic activity, especially that which involves Plastic Expression, is particularly highlighted in Pre-school Education.

Keywords: Pre-school Education; 1st Cycle of Basic Education; Pedagogical Traineeship; Creativity; Artistic Expressions.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	iv
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Índice de Figuras	x
Índice de Quadros.....	xii
Índice de Anexos	xii
Introdução.....	13
CAPÍTULO I.....	16
As Expressões Artísticas como veículos promotores de uma aprendizagem criativa....	16
1.1. A Arte como princípio de uma educação mais criativa	17
1.1.1. A arte da criança	18
1.2. A educação artística	19
1.2.1. O professor como motivador da arte na escola.....	20
1.3. As Expressões Artísticas como lugar de aprendizagem na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	21
1.4. A Criatividade como forma de resolução de problemas	23
1.4.1. Pensamento divergente: um canal para a criatividade.....	23
1.4.1.1. Criatividade: uma realidade de múltiplos sentidos.....	24
1.4.2. A criança criativa.....	26
1.5. A Criatividade na educação	29
1.5.1. As Expressões Artísticas como uma forma de promoção da criatividade..	32
CAPÍTULO II.....	37
Estágio em Educação Pré-Escolar	37
2.1. Caracterização do meio	38
2.2. Caracterização da escola	39
2.3. Caracterização da sala de atividades	41
2.4. Caracterização do grupo de crianças.....	43
2.5. A Ação Educativa na Educação Pré-Escolar	45

2.5.1. A criatividade em análise na ação educativa.....	51
2.5.1.1. As Expressões Artísticas como lugares de criatividade.....	52
2.5.2. As rotinas diárias da sala de aula como um convite à criatividade	68
2.5.3. Dicionários ilustrados e registros de visitas de estudo.....	70
3.A organização da sala de atividades como um espaço de criatividade	71
CAPÍTULO III- Estágio em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	76
3.1. Caracterização do meio	77
3.2. Caracterização da escola	77
3.3. Caracterização da sala	79
3.4. Caracterização da turma.....	81
3.5. A Ação Educativa no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico	84
3.5.1. A criatividade na ação educativa no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	95
3.5.1.1. As Expressões Artísticas como lugares de criatividade.....	95
3.5.3. A organização da sala de atividades como um espaço de criatividade	112
Considerações Finais	116
Referências Bibliográficas.....	121
Anexos.....	126

Índice de Figuras

Figura 1- Tipos de criatividade (Taylor,1995)	25
Figura 2- Perfis de criatividade- (Sousa,2003)	28
Figura 3- A sala de atividades no início do nosso estágio.	41
Figura 4- A sala de atividades no final do nosso estágio.	42
Figura 5- Monstrinhos das regras- a)- recursos para a atividade (pompons, penas, marcadores); b),c), d) e e)- colagem de elementos para elaboração do monstrinho; f) monstrinhos finalizados	53
Figura 6- Castanhas coloridas- a)- Materiais para a atividade (desenho de uma castanha penas, lápis de cor); b)- Pintura com cor livre da castanha; f) Castanhas coloridas.	56
Figura 7- Árvores numerosas- a)- Colagem de “bolas de natal” na árvore; b)- Árvore final; c) Associação entre número sorteado e pregadeira com o respetivo número; d) contagem de “bolas de natal”; e) decoração da sala de atividades com as árvores	57
Figura 8- “O Padeiro” a) apresentação da coreografia a outro grupo do Pré-Escolar b)- ensino da coreografia a outro grupo do Pré-Escolar; c) ensaio livre da coreografia	59
Figura 9- Maracas personalizadas- a)-decoração do copo da maraca b)-copos da maraca; c) maraca finalizada; d) colocação de arroz; e); f) dinamização de músicas com a maraca.	60
Figura 10- 1,2,3 castanhas- a)-leitura faseada do pictograma b) leitura final e completa do pictograma; c) preenchimento do flanelógrafo com colagem de excertos da letra da canção; d) canção mimada com apoio da letra do pictograma	62
Figura 11- A vida de um micróbio- a) desenho do micróbio b) e c)- recorte e colagem do micróbio no pau de gelado; d) micróbios finais; e) dramatização final a pares.	64
Figura 12- " Quando for grande quero ser..."- a) pintura do desenho da profissão pretendida b) e c)- colagem do fantoche no pau de espetada; d) dinamização livre das profissões; e) dramatização final no fantocheiro.	66
Figura 13- “Joca, o jacaré com dor de dente”- a) fantoches criados para a dramatização b) dramatização feita pela estagiária; c) e d)- dramatização da história feita, a pares, pelas crianças do grupo.	67
Figura 14- As rotinas diárias como um convite à criatividade- a),b) e c)- pintura e desenhos livres e d)- modelagem de Figuras; e) recorte e colagem de revistas e livros de desperdício; f) e g)- dramatização com fantoches; h) desenho e escrita no fantocheiro.	70
Figura 15- Dicionários ilustrados- a) dicionário da higiene oral; b)- dicionário do Natal; c) dicionário do Ciclo do Pão; d)- registo da visita de estudo ao Museu Etnográfico das Capelas	71
Figura 16- Fantocheiro- a) perspetiva completa do fantocheiro; b)- apresentação do fantocheiro ao grupo; c) espaço de dramatização; d)- suporte de instrumentos e/ou recursos para atividades criativas(instrumentos musicais, fantoches, marcadores, giz, etc.); e) e g) espaço de desenho e suporte de materiais; f) flanelógrafo.	72
Figura 17 – A sala de aulas no início do nosso estágio.	80

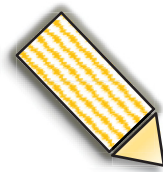
Figura 18- A sala de aulas no final do nosso estágio.	81
Figura 19- Decoração da T-shirt para o Dia da Criança- a) técnica de pintura com a mão/dedos; b)- estampagem com pena; c) materiais para a atividade; d)- carimbagem com stencil em esponja; e) colagem de acessórios; f) resultado final da t-shirt.	97
Figura 20-Oferta do Dia da Mãe- a) técnica do cotonete; b)- estampagem com folha; c) estampagem com carimbo de batata; d)- anagrama do nome da mãe; e) finalização da luva com glitter; f) resultado final	98
Figura 21 – Oferta da Páscoa- a) decoração do papel de embrulho com a técnica do berlinde; b)- aspeto final da oferta; c) papel de embrulho final; d)- caixas de ovos finalizadas; e) pintura da caixa de ovos.	100
Figura 22- “Era uma vez...” - a) dramatização de um grupo resultante das “ordens” dos dados; b) dados e ficha de registo da dramatização c)- cubos “Era uma vez”.	102
Figura 23- "A mãe é" - a) uma água; b) um sabonete; c) um saleiro.	104
Figura 24- "Se eu fosse uma flor" - a),b) e c)- dramatização individual do comportamento/vida de uma flor	105
Figura 25- Dança flamenga- a) par a dançar flamengo; b) e c)- exploração criativa da dança pelo pavilhão; d) demonstração de passo de dança pela estagiária.	107
Figura 26- "A mãe diz..." - a), b) e c)- exploração individual da rima criada para o Dia da Mãe.	108
Figura 27-Folclore- a) coreografia grupo A; b), d) e e) explicação e demonstração de folclore; c)- coreografia do grupo B.	110
Figura 28- As rotinas como um convite à criatividade- a) elaboração de banda desenhada para uma história lida em aula; b) pintura em grupo sobre a Primavera, c) pizza de frações; d)- bilhete de espetáculo.	111
Figura 29- Cantinho dos artistas- a) materiais para criação de produções artísticas; b) e d) recorte e colagem; c) sinalética de delimitação do “cantinho”; e)- pintura; g) folha de expressão individual composta por recorte, colagem e pintura.	113

Índice de Quadros

<i>Quadro 1- Síntese das atividades desenvolvidas no contexto da Educação Pré-Escolar</i>	46
<i>Quadro 2- Análise da ação educativa na Educação Pré-Escolar</i>	52
<i>Quadro 3- Síntese das atividades desenvolvidas no contexto do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico</i>	84
<i>Quadro 4- Análise da ação educativa no ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico</i>	95

Índice de Anexos

<i>Anexo I- Guião de entrevista- Docentes titulares</i>	127
<i>Anexo II- Guião de entrevista- Professores de Expressões Artísticas</i>	129



Introdução

O presente trabalho, definido pelo artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de Fevereiro, constitui, no plano de estudos da Universidade dos Açores, uma unidade curricular denominada Relatório de Estágio.

Este documento visa incidir nas práticas educativas das unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e de Estágio Pedagógico II, através de uma descrição, análise e reflexão, fundamentadas cientificamente, das práticas educativas na Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

De acordo com a literatura especializada das Expressões Artísticas em geral, e na área da Criatividade, em particular, esta parece-nos ser uma capacidade intelectual um pouco esquecida e pouco trabalhada, nas nossas escolas. Desta forma, surgiu a pertinência para a escolha da temática descrita neste relatório: *As Expressões Artísticas como uma janela aberta para a Criatividade, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Nisto se concretiza o interesse da estagiária em compreender de que forma as Expressões Artísticas, como áreas do desenvolvimento de competências poderão estimular a criatividade, uma capacidade intelectual bastante requisitada na atualidade.

Considerando que a arte está intimamente ligada à criatividade, e da mesma forma que uma janela numa casa representa uma entrada de luz, uma revelação para o desconhecido, neste sentido figurativo também as expressões artísticas representam uma janela para a criatividade, um meio de realização do pensamento criativo de cada criança.

Assim sendo, foram formulados os seguintes objetivos por forma a nortear as atividades que serviram de base a este nosso Relatório de Estágio:

- Refletir criticamente, de forma contextualizada e fundamentada, sobre a ação educativa desenvolvida no âmbito do estágio pedagógico, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- Compreender como a criatividade é encarada e trabalhada em contexto escolar
- Perceber de que forma as Expressões Artísticas contribuem para o desenvolvimento das crianças;
- Entender qual a relação entre as Expressões Artísticas e a criatividade;
- Averiguar de que forma a criatividade influencia o progresso das crianças;

Relativamente à estrutura, este relatório encontra-se dividido em três capítulos, nos quais abordaremos, respetivamente:

No capítulo I, As Expressões Artísticas como veículos promotores de uma aprendizagem criativa.

No capítulo II, o Estágio em Educação Pré-Escolar;

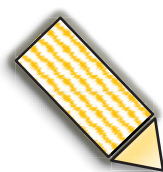
No capítulo III, o Estágio em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No capítulo I abordaremos a temática em foco neste relatório. Procuramos, recorrendo a autores da especialidade, perceber o impacto atual das Expressões Artísticas no desenvolvimento das crianças, assim como compreender como a criatividade pode contribuir para uma melhor aprendizagem do aluno e para o seu conhecimento por parte do professor. Além disso, tentamos perceber de que forma um professor pode ser dinamizador de uma aprendizagem criativa, visto que o sistema de ensino, por um lado, estimula a criatividade na sala de aula, mas por outro parece condenar o desenvolvimento da mesma.

Nos capítulos II e III faremos uma caracterização dos nossos contextos de estágio, assim como, de todas as atividades neles realizadas, bem como dos resultados mais significativos que estas produziram no âmbito da temática em estudo.

Paralelamente à análise e reflexão acerca da nossa ação educativa, e com o objetivo de compreendermos as perspetivas dos docentes das escolas acerca desta matéria, realizámos entrevistas a docentes de ambos os níveis de ensino (quatro no total). Com o recurso a esta técnica, investigámos se, nas suas práticas diárias, fomentavam o exercício da criatividade, que meios e recursos utilizavam, se convocavam as áreas das Expressões Artísticas neste particular e que lugar atribuíam ao exercício da criatividade no processo de desenvolvimento das crianças.

Por fim, apresentaremos algumas considerações acerca do trabalho desenvolvido e adiantaremos algumas limitações do mesmo. Seguidamente, serão apresentadas as referências bibliográficas que serviram de base à realização deste relatório, seguidas do corpo de anexos onde constatarão elementos considerados por nós importantes para a compreensão dos contornos metodológicos que estiveram na base deste nosso trabalho.



CAPÍTULO I

As Expressões Artísticas como veículos promotores de uma aprendizagem criativa

1.1. A Arte como princípio de uma educação mais criativa

1.1.1. A arte da criança

1.2. A educação artística

1.2.1. O professor como motivador da arte na escola

1.3. As Expressões Artísticas como lugar de aprendizagem na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo

1.4. A Criatividade como forma de resolução de problemas

1.4.1. Pensamento divergente: um canal para a criatividade

1.4.2. A criança criativa

1.5. A Criatividade na educação

1.5.1. As Expressões Artísticas como uma forma de promoção da criatividade

No presente capítulo, procuraremos aprofundar a temática que tomámos como foco para a análise do nosso trabalho: As Expressões Artísticas como veículos promotores de uma aprendizagem criativa. Numa primeira fase, começaremos por especificar qual o papel da arte no ensino, aprofundando esta realidade através de uma abordagem ao lugar que as artes e/ou as expressões artísticas têm no ensino atual. No seguimento desta linha de pensamento será abordado ainda o papel do professor no exercício das artes pois, como veremos seguidamente, este é considerado por alguns autores como uma peça-chave para o desenvolvimento harmonioso e significativo destas áreas.

Posteriormente à explanação dos fundamentos desta temática, procuraremos explicitar qual o papel da criatividade na educação. Este tema será desenvolvido sob várias vertentes. Abordaremos o papel da criatividade no quotidiano, as características da criança criativa e, finalmente, o papel das Expressões Artísticas na promoção da criatividade. A este respeito, interessa-nos identificar de que forma o exercício das diferentes áreas de expressão nas práticas e rotinas diárias potenciam o exercício da criatividade.

1.1. A Arte como princípio de uma educação mais criativa

A arte é algo envolvente ao ser humano. Na nossa ótica, de simples observadores, está em todo o lado, representada por várias formas e por vários artistas. No entanto, aquilo a que corresponde verdadeiramente à arte ainda é algo um pouco indefinido e que requiere alguma reflexão da nossa parte.

No entendimento de Read (1958) “a Arte é uma daquelas coisas que, como o ar ou o solo, está em todo o lado à nossa volta, mas acerca da qual raramente nos detemos a pensar” (p. 28).

De acordo com Reis (2003), o conceito de Arte é influenciado pela época em que o mesmo é posto em causa e, por isso, torna-se difícil de definir, adquirindo vários significados com o passar dos tempos.

Para Lowenfeld e Brittain (1987) a arte assume o papel de um “processo humano fundamental”, sendo ainda “uma actividade pessoal e satisfatória a qualquer idade”, promotora de descobertas e explorações do mundo (p. 2).

De acordo com o Roteiro para a Educação Artística (2006), a arte consiste num conjunto de “expressões que comunicam perspetivas e abrem espaço para reflexão na mente das pessoas” (p. 9). No entanto, na opinião de Fortunato (2013) aquilo que por nós é entendido por arte, noutra cultura poderá adquirir um conceito diferente, sendo que “a arte usa a linguagem dos sentidos, ela transmite significados que não podem ser

transmitidos por nenhuma outra linguagem” (p. 33). Assim, e ainda de acordo com a mesma autora, a arte pode ser entendida como uma expressão de uma cultura, de uma comunidade, ou como um produto de reflexão sobre as mesmas.

No entendimento de Leite e Malpique (1986), a arte assume dois eixos fundamentais: o da forma e o da criatividade. Enquanto a forma diz respeito à percepção que o sujeito tem da obra criada, a criatividade relaciona-se com a imaginação e com a criação de “ símbolos, de fantasias e de mitos ”. Essas duas componentes relacionam-se entre si porque, segundo estes autores, “o princípio da criatividade, próprio da mente humana, leva à criação, cuja existência é universalmente reconhecida pelo princípio de forma” (p. 11).

Tendo em conta as potencialidades do contacto entre a arte e a criança, Teixeira (2012) realça que a mesma deverá ser utilizada com o intuito de “alargar a aprendizagem e tornar o ensino/educação mais criativo, livre e lúdico” (p. 57). Neste sentido, e tendo em conta as orientações do Roteiro para a Educação Artística, a arte deve fazer parte do quotidiano das crianças através da realização de atividades que tenham como recurso o uso das expressões artísticas.

No que diz respeito ao papel das artes como parte integrante da infância, Lowenfeld e Brittain (1987) acrescentam ainda que estas assumem um papel de grande importância na vida das crianças, uma vez que potenciam a aprendizagem através das experiências e descobertas feitas por elas. Nas suas palavras, através do desenho e da pintura “a criança dá-nos mais que uma imagem ou escultura, ela dá-nos uma parte de si: como ela pensa, sente e vê” (p. 2).

É sobre este aspeto que nos debruçaremos de seguida.

1.1.1. A arte da criança

Ao entendermos a arte como um lugar de expressão pessoal e um estímulo à criatividade, entendemos que esta, desde cedo, deverá estar enraizada na vida das crianças. Neste sentido, defendemos com Teixeira (2012) que “ a prática artística ajuda a criança a compreender-se, a humanizar-se e a socializar-se com o mundo que a rodeia, isto é, aprende a conhecer-se e a conhecer os outros” (p. 79).

De acordo com Moser (2015) a arte das crianças não é sempre igual. Há medida que a criança vai crescendo, a sua arte vai sendo modificada pelas “suas aptidões artísticas [que] vão-se tornando mais maduras, adquirindo maior controlo e precisão no uso dos diferentes materiais através da maturação da motricidade fina” (p. 9).

Na perspetiva de Lowenfeld e Brittain (1987) a arte assume-se como uma forma de representar o que a criança pretende, que acompanha o seu crescimento, mudando à medida

que esta também muda e os seus pensamentos se alteram.

A compreensão da arte infantil, de acordo com Stern (1974.), consiste em perceber o foco que leva a criança a expressar-se, isto é, o motivo, modo e objeto, daquilo que aparece representado pela criança.

De acordo com Fróis (2000) a arte, como componente de formação, permite um desenvolvimento mais aprofundado da criança a vários níveis, nomeadamente, ao nível cognitivo, afetivo e expressivo. Para Coletto (2010) através da arte a criança torna-se mais sensível ao mundo que a rodeia para além de que potencia o desenvolvimento da sua criatividade

1.2. A educação artística

Na perspetiva de Queiroz e Bila (2014), a arte revela-se essencial na educação, na medida em que permite interligar pensamentos, sentimentos e sensações, colocando-os em perspetiva e perfazendo um “ato educativo completo” (p. 113).

Neste sentido, importa salientar que “a educação é imprescindível para a apreciação duma acção ou obra artística” (Reis, 2003, p. 53). Deste modo, torna-se imprescindível facilitar o acesso dos alunos à Arte, através de uma educação que, para além do conhecimento esperado das letras, dos números e das ciências, promova as artes como forma de conhecimento e compreensão do mundo.

A educação através da arte, no nosso entendimento, poderá ser igualmente entendida como educação artística, sendo que o ato de educar através da arte, acrescenta à educação uma componente que não existe na educação tradicional, acrescenta um toque artístico, daí utilizamos a designação de educação artística.

Nesta linha de pensamento a UNESCO, no seu Roteiro para a Educação Artística (2006), defende que a mesma pode ser ministrada através da forma como a arte é encarada, quer como objeto de ensino específico, “desenvolvendo assim nos estudantes as aptidões artísticas, a sensibilidade e o apreço pela arte”, quer como um suporte de apoio às disciplinas de carácter geral, como a Matemática, o Português e as ciências, o “método da Arte na Educação (AiE – Art in Education) ” (p. 10). A inserção das artes no ensino de outras disciplinas deve-se ao facto desta poder “ser uma via para evitar a sobrecarga curricular verificada em algumas escolas ” (UNESCO, p. 12).

Esta Educação para a Arte, na ótica de Reis (2003), pretende ser uma educação dos sentidos, nos quais interferem a consciência, a inteligência e o raciocínio, utilizando para isso todas as formas de expressão artística e em que “os conhecimentos e a habilidade

manual, a disciplina e o respeito sejam subprodutos da actividade natural da criança" (p. 161).

Para que a Educação Artística produza frutos prazerosos há que articular componentes essenciais como a formação de professores com apelo para as artes e apostar no envolvimento entre escolas e movimentos culturais, como visitas de estudo a museus, *ateliers*, galerias, entre outras infraestruturas que agucem a curiosidade dos mais novos pelas artes. Tal como refere Stern (1974), na educação artística o “sentir, pensar, agir estão presentes na realização de atividades” (p. 7).

À semelhança da educação que incide maioritariamente nas letras e nos números, a educação artística deve igualmente procurar promover aprendizagens significativas nos alunos para que estes tenham uma formação o mais completa possível. A este propósito, Coletto (2010) refere que o professor deverá ter como tarefa pôr em evidência os talentos dos alunos, levá-los a expressarem-se por diversas formas. De acordo com o mesmo autor, a melhor forma de realizar este objetivo é colocar ao dispor dos alunos o maior número de recursos possível para que estes possam manipular e explorar, disponibilizar obras de arte para que estes aprofundem o seu conhecimento e, ao mesmo tempo, se inspirem. Não menos importante, o professor deverá mediar a aprendizagem dos alunos ao criar situações-problema e questionar os mesmos sobre a pertinência das resoluções criadas, levando-os a expressarem-se livremente.

1.2.1. O professor como motivador da arte na escola

“E a sala de aula reunia essas condições de liberdade que eu apreciava. Podia ensinar de acordo com os meus ideais, podia estabelecer com os meus alunos uma relação de empatia, podia, enfim, dar asas à minha criatividade.” (Pedro Pintor, in Formosinho (2009, p. 27)

Um bom professor, para além do exercício das boas práticas, adquiridas enquanto aluno em processo de formação, deverá ter como missão alterar a forma de funcionamento da educação, começando pela “alteração das mentalidades de todos os protagonistas do processo educativo” (Balanchó, 1993, p. 8), pois “ser Professor Hoje, Ontem, Amanhã implica a introspeção permanente, a reflexão profunda sobre as coisas, o diálogo criativo com o mundo e a recusa de fronteiras” (Balanchó, 1993, p. 9).

No que diz respeito aos professores com o apelo para artes, estes não precisam ser necessariamente artistas, mas precisam, acima de tudo, de promover um ambiente que

estímulo na criança a vontade de criar, sabendo que qualquer produto artístico daí decorrente deve ser apreciado pois, de acordo com Almeida, Santos e Santos (1971) é resultante de uma “evolução positiva da criança” (p. 27). Para além disso, e não menos importante, um bom professor deverá “ter um verdadeiro interesse pela expressão artística, pois ninguém pode comunicar o entusiasmo que lhe falta” (Almeida, Santos e Santos, 1971, p. 27).

A tarefa de promover um ambiente propício à educação deverá ficar a cargo dos professores. Segundo Coletto (2010), deverão ser eles a procurar auxiliar as crianças no aperfeiçoamento das suas capacidades expressivas, ao mesmo tempo que deverão incentivá-las a irem mais longe nas suas criações, a tomarem consciência do ambiente que as envolve, bem como dos benefícios que dão para as suas criações. Por fim, os professores deverão ter em conta, não o resultado final da produção artística do aluno, mas o processo pelo qual este passou para chegar a esse resultado.

A este propósito, Torrance (1971) lembra que a melhor forma de incentivar a criatividade dos alunos passa por compreender a necessidade criativa dos mesmos, quais as suas predisposições expressivas, quais as suas motivações.

Nesta linha de pensamento, Reis (2003) refere ser necessário que os professores criem estratégias de ensino em que, ao utilizar as Expressões Artísticas, possam introduzir, de forma lúdica, conceitos das outras áreas do saber.

Desta forma, e reforçando os contributos de Lowenfeld e Brittain (1987), a educação artística, assim como todos os seus processos e recursos intervenientes, professores incluídos, têm como função despertar nas crianças “sensibilidades criativas que tornam a vida gratificante e significativa” (p. 14).

Em jeito de síntese, defendemos com Fialho (2003) que precisamos de professores que mesmo sem grandes recursos, sem grandes “aparatos”, sejam capazes de “com muito pouco mais que uma paleta, uma guitarra ou um simples punhado de sal, poderão ensinar as crianças a aprender a conhecer-se e a fazer do mundo um lugar um pouco melhor” (p. 50).

1.3. As Expressões Artísticas como lugar de aprendizagem na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico

De acordo com Stern (1974), a primeira premissa para a expressão é a liberdade. Neste sentido, Reis (2003) define expressão como “o comportamento decorrente do nosso estar, do nosso agir” (p. 115). A mesma autora vai mais longe e refere que a expressão

pode ser considerada de duas formas: a expressão dirigida, que tem forma a partir de uma vontade (se a criança tem frio demonstra-o) e a expressão não dirigida, que, por sua vez, está relacionada com a expressão que advém da manifestação “de um sentimento, como por exemplo o prazer ou a ansiedade” (Reis, 2003, p. 115).

No que toca às crianças, as expressões tornam-se essenciais para aquele que é o seu esperado desenvolvimento. Desta forma, Stern (1974) alerta para o facto de que “todo o entrave à sua manifestação é um atentado à sua saúde e é prejudicial ao seu desenvolvimento normal” (p. 14).

Nesta ordem de ideias Coletto (2010) adianta que a forma de expressão ideal para a criança será aquela em que esta tenha oportunidade de se expressar sem limitações, imposições ou comentários, que a deixem agitada ou reprimida acerca da obra produzida, uma vez que reprimida, poderá vir a ter medo de se expressar novamente. Assim sendo, defendemos com Stern (1974) que “prepara-se melhor o futuro respeitando a sensibilidade infantil” (p. 20).

Nesta ordem de ideias, Gonçalves (1991), reforça a ideia de “expressão livre”, a expressão não dirigida, enunciando as vantagens que a mesma oferece à criança, tais como: o desenvolvimento da sua imaginação, da sua sensibilidade, a capacidade de descobrir-se a si e ao outro, aceitando o outro como um ser com ideologias próprias. Coletto (2010) reforça esta ideia ao referir que a arte é essencial para a criança pois nos momentos em que esta desenha, canta, dança e dramatiza, expressa livremente as suas ideias e os seus sentimentos, sem premissas ou reprimendas.

Nesta linha de pensamento, para além do que já foi anteriormente referido, lembramos com Fortunato (2013) que as Expressões Artísticas representam uma componente essencial no desenvolvimento das crianças ao promoverem a iniciativa, o sentido de orientação, o desenvolvimento do grafismo e da orientação espacial.

Para que a criança possa desenvolver tais capacidades, precisa de experimentar o mundo através de atividades variadas, nomeadamente no campo das Expressões Artísticas “na pintura, na música, nos jogos dramáticos, na dança e nos demais conteúdos das áreas de expressão” (Fortunato, 2013, p. 15). Para além disso, as expressões artísticas revelam-se essenciais na articulação transversal do currículo, sendo que através das “vivências e experiências a que as crianças estão sujeitas” (Moser, 2015, p. 9) são desenvolvidas “capacidades perceptivas, manipulativas e criativas” que permitem articular “as diferentes áreas do saber, servindo de motivação na abordagem a novos conteúdos ou consolidação de conhecimentos adquiridos” (Fortunato, 2013, p. 32).

Considerando as Expressões Artísticas como fórmula intencional de criatividade,

Moser (2015) adianta que estas são um fator condicionante da mesma, visto que a ação criadora consiste na manipulação e recriação daquilo que a criança já conhece, a partir da exploração do ambiente que a rodeia.

Nesta linha de pensamento Lowenfeld e Brittain (1987) consideram que, em qualquer faixa etária, a criança expressa aquilo que capta do mundo exterior. Logo, aquilo que expressa surge a partir de uma consideração do que vê, ouve, sente e pensa.

1.4. A Criatividade como forma de resolução de problemas

1.4.1. Pensamento divergente: um canal para a criatividade

O processo da criatividade adquire forma através de uma forma de pensamento muito própria, o pensamento divergente. Gonçalves (1991) refere-se mesmo a esse tipo de pensamento como a tradução da criatividade “no plano psicológico” (p. 24). No entanto, existe outra forma de pensamento, o pensamento convergente. Para o mesmo autor, o pensamento convergente também toma a designação de pensamento lógico. Já o pensamento divergente também pode ser chamado de intuitivo.

A este respeito, em termos de operacionalização da informação, Moser (2015) diferencia estes dois tipos de pensamento referindo que o pensamento convergente, tal como o nome indica, é o tipo de pensamento para onde convergem, para onde se dirigem as ideias, enquanto o pensamento divergente é o tipo de pensamento que origina novas ideias e que encontra soluções para um problema. Gonçalves (1991) explicita a diferença entre pensamento convergente e divergente referindo que:

O pensamento divergente é aquele que, perante um problema, procura todas as soluções possíveis (...) capaz de apreender relações entre factos nunca anteriormente notados e de produzir novas formas, através de ensaios e erros, por "aproximação experimental". É o pensamento que caracteriza o espírito de aventura e de fantasia, o pensamento do artista, do sábio, do investigador, do pioneiro, do inovador (p. 24).

Em contrapartida, este autor refere que o pensamento convergente é posto em prática quando “a atividade mental e manual é canalizada, encerrada em normas restritas, submetida a instruções rígidas, no sentido de uma solução única” (Gonçalves, 1991, p. 24).

Para Guilford (1950), referido em Sousa (2003), o fenómeno da criatividade também se encontra associado ao pensamento divergente. É pois uma capacidade que gera várias soluções para o mesmo problema, soluções estas resultantes de uma “visão imediata e intuitiva” (p. 188).

Com base nestas afirmações, Moser (2015) revela que o pensamento convergente é aquele que é mais estimulado na escola pela sua relação com os processos intelectuais. Martins (2000) reforça esta tese recorrendo às ideias de (Almeida e Mettrau, 1994) ao proferir que “o pensamento estimulado na escola é, sobretudo, convergente e linear (...) componentes da cognição, por exemplo, a criatividade, a intuição ou a imaginação são menos valorizados curricularmente em termos de conteúdos e de processos” (p. 35).

1.4.1.1. Criatividade: uma realidade de múltiplos sentidos

Em primeira instância, para Balancho (1993, p. 6), a forma que a palavra criatividade assume antes desta pode ser explicitada através de uma definição. De acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa (2014), a palavra criatividade pode ser definida como a “capacidade de produção do artista, do descobridor e do inventor que se manifesta pela originalidade inventiva”, assim como “ a faculdade de encontrar soluções diferentes e originais face a novas situações” (p. 444). No entanto, é muito comum o termo criatividade aparecer associado ao termo criação. Sousa (2003, p. 187) especifica a relação entre estas duas palavras referindo que embora os dois conceitos sejam independentes entre si, criam algo de novo. Enquanto criatividade é uma capacidade intelectual, deriva etimologicamente de *creare*, que significa criação em latim. Contudo, estes conceitos não poderão ser dissociados, visto que a criação toma forma por ação da criatividade. De uma forma singular, este autor tenta avançar uma definição de criatividade referindo-se à mesma como “uma capacidade ou aptidão humana para produzir acções intelectuais inteiramente novas e desconhecidas produzindo sempre conhecimentos novos” (p. 189).

Na opinião de Lowenfeld e Brittain (1987) a definição de criatividade varia consoante a sua perspectiva e o seu modo de entender o mundo. Para estes autores, normalmente, o termo de criatividade está associado “a um comportamento produtivo e construtivo que pode ser testemunhado através de um ação ou da realização de algo e que conta com uma contribuição individual” (p. 74).

Neste sentido, Gloton e Clero (197) encaram a criatividade com uma “ função” que exprime sentimentos, utilizando, para isso, as “artes plásticas” (p. 157).

Martins (2000), por sua vez, analisa criteriosamente a definição de criatividade, reforçando sempre nesta palavra o segmento “vida”, “criatiVIDAde”. Neste sentido, a definição de criatividade por este autor passa por uma capacidade inerente à vida do ser humano que é posta em prática ou reprimida por ação do foro social e/ou emocional.

No entanto, Amabile (1983 referida por Martins, 2000, p. 13) refuta todas estas

hipóteses afirmando ser impossível definir este conceito com exatidão. Apesar deste ponto de vista e das várias definições que a criatividade pode assumir, neste trabalho vamos ter como base a definição de criatividade avançada por Welsh (1980, referenciado por Martins, 2000), como uma forma de originar produtos únicos, significativos e conforme as intenções do seu autor, a partir da transformação de produtos já existentes, assim a criatividade é por nós definida como uma capacidade intelectual, inerente a todo o ser humano, que permite a este originar novos produtos, inculindo nestes o seu marco pessoal, a partir dos recursos existentes e disponíveis para o autor.

Para melhor compreendermos estes conceitos socorremo-nos de Taylor (1995, citado por, Sousa, 2003, p. 190) que sugere haver diferentes tipos de criatividade. A figura que se segue procura ilustrar tal realidade (ver Figura 1).

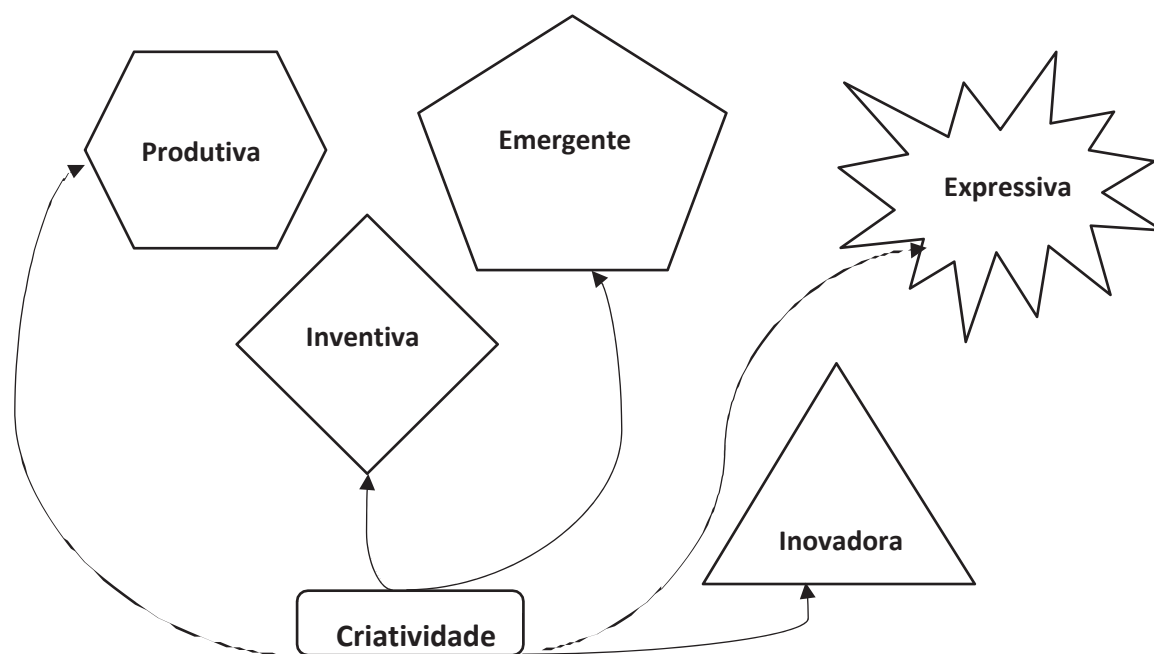


Figura 1- Tipos de criatividade (Taylor, 1995)

Numa primeira fase do desenvolvimento criativo, a criatividade assume uma forma **expressiva** em que o que é importante é o processo, é o conjunto de ações do criador, das suas opções e dos materiais que entram no desenvolvimento da obra. Isto é, a expressão dos pensamentos e sentimentos do autor. O desenho livre, a expressão verbal e a dramatização são atividades características deste tipo de criatividade, normalmente associado à criatividade observada na infância.

Em oposição à criatividade expressiva, surge a criatividade **produtiva**, na qual o que interessa é o resultado final. Este tipo de criatividade é mediado por “condições metodológicas de tempo e de economia”. Como exemplo deste tipo de criatividade temos atividades que incluam no seu desenvolvimento investigação científica.

Outro tipo de criatividade a que Taylor (1995) faz referência é à criatividade **inventiva** que, por sua vez, resulta da junção das características dos dois tipos anteriores. Desta forma, neste tipo de criatividade as características da criatividade expressiva e produtiva unem-se para dar origem a algo completamente novo e incomum. A partir do exercício deste tipo de criatividade tiveram origem objetos essenciais no nosso dia-a-dia, são exemplos disso como “a televisão, o telefone, o carro e a lâmpada elétrica”.

Como uma forma revolucionária de resolução de problemas, o autor refere também o tipo de criatividade **inovadora**. A criatividade nesta tipologia diz respeito à modificação de teorias e modelos teóricos anteriormente aceites e definidos como “corretos”, usando para isso a capacidade criativa do investigador, levando este à interrogação e modificação dos pontos iniciais e dando origem a novas visões e novas obras, quer no campo das ciências, quer no campo das artes. Este é o tipo de criatividade maioritariamente utilizado por cientistas e estudiosos como Einstein, que testam e amplificam teorias previamente conhecidas, acrescentando pormenores importantes.

Por fim, associada a um tipo de criatividade característico, surge a criatividade **emergente**, na qual os indivíduos estão de forma constante emergidos num clima apelativo à origem de algo novo de forma “natural e espontânea”. Personalidades como Leonardo Da Vinci, Luís Camões e Mozart foram alguns dos artistas que usufruíam deste tipo de criatividade.

1.4.2. A criança criativa

Quando se trata de adaptar o conceito de criatividade à criança esta é defendida por Yakova (1996) em Martins (2000, p. 18) como uma “ vivência antecipada de acontecimentos e actividades inacessíveis, a procura do desconhecido no meio envolvente (...) é a percepção do mundo, das obras de arte e ao mesmo tempo a sua recriação e alteração”. Mediante aquilo que foi definido anteriormente por criatividade, esta é uma capacidade que pressupõe a origem de algo novo. Perante isto, Morris (2011) estabelece que esta capacidade, quando centrada nas crianças, poderá dividir-se em dois tipos: construtiva e a destrutiva. Nas suas palavras

No primeiro caso, cria a ordem a partir do caos, enquanto no segundo cria o caos a partir da ordem (...) A criança delicia-se ao descobrir que a criatividade destrutiva é muito mais fácil do que a construtiva (p. 106).

Para Lowenfeld e Brittain (1987, p. 74 - 75) é em idade escolar que o encorajamento ao pensamento criativo tem um maior impacto. No entanto, a criança cria a todo o

momento. O ato de criação promove novos conhecimentos para ações futuras.

Recorrendo ainda a estes autores é-nos possível afirmar que promover oportunidades em que a criança possa criar constantemente, como é o caso do que acontece normalmente nos primeiros anos, “é a melhor preparação para um futuro com ação e pensamento criativo”.

A criatividade nas crianças, tendo por base o que é referido por Morris (2011), pode ser observada através de várias atividades, no entanto, é através de atividades de representação, de dança e de criação de jogos, que a criança começa por experienciar a sua criatividade. A criança cria conforme aquilo que vê, conforme a sua visão do mundo. No entanto, de acordo com Moser (2015) torna-se necessário encorajar a criança a pensar sobre determinados problemas e fenómenos, para que esta desenvolva o seu espírito crítico e desperte a sua curiosidade sobre o mundo. Segundo Torrance (1971) não é necessário levar a criança criativa a pensar de forma criativa, mas sim prover um ambiente que seja recetivo à criatividade desta e que ao mesmo tempo a estimule.

Para Gonçalves (1991) a atividade criativa pressupõe curiosidade e uma experimentação do desconhecido. Segundo Reis (2003) através da criatividade a criança aprende de um modo objetivo, pois “quando cria pode aprender algo que não aprenderia por outro processo” (p. 164).

No entender de Coletto (2010), há medida que o tempo passa, a criança vai desenvolvendo a sua criatividade e, conseqüentemente, vai se expressando mais facilmente.

Para apoiar esta reflexão Queiroz e Bila, (2014, p. 407) referem que é a criatividade associada à fase Pré-Escolar que permite à criança ter maior liberdade para se exprimir e de explorar o mundo através da sua criatividade. Nesta altura, esta representa uma forma relevante e importante do “desenvolvimento, da aprendizagem, da expressão e, do pensamento da criança”. Salientando a importância da criatividade aquando o seu desenvolvimento, recorreremos às palavras de Sousa (2003, p. 196) que salienta a importância desta realidade no desenvolvimento da vida da criança. Nas suas palavras: “Devemos encarar a criação como uma necessidade biológica da criança, tal como as outras necessidades (respirar, comer, movimento, etc.). A vida da criança é de constante desenvolvimento, inteiramente voltada para a construção de si, e, conseqüentemente, para a criação constante”.

Este mesmo autor considera haver diferentes manifestações de criatividade ao longo do desenvolvimento infantil e, neste sentido, adequa as diferentes faixas etárias a perfis de desenvolvimento criativos distintos, tal como procuramos ilustrar na Figura que se segue

(ver Figura 2).

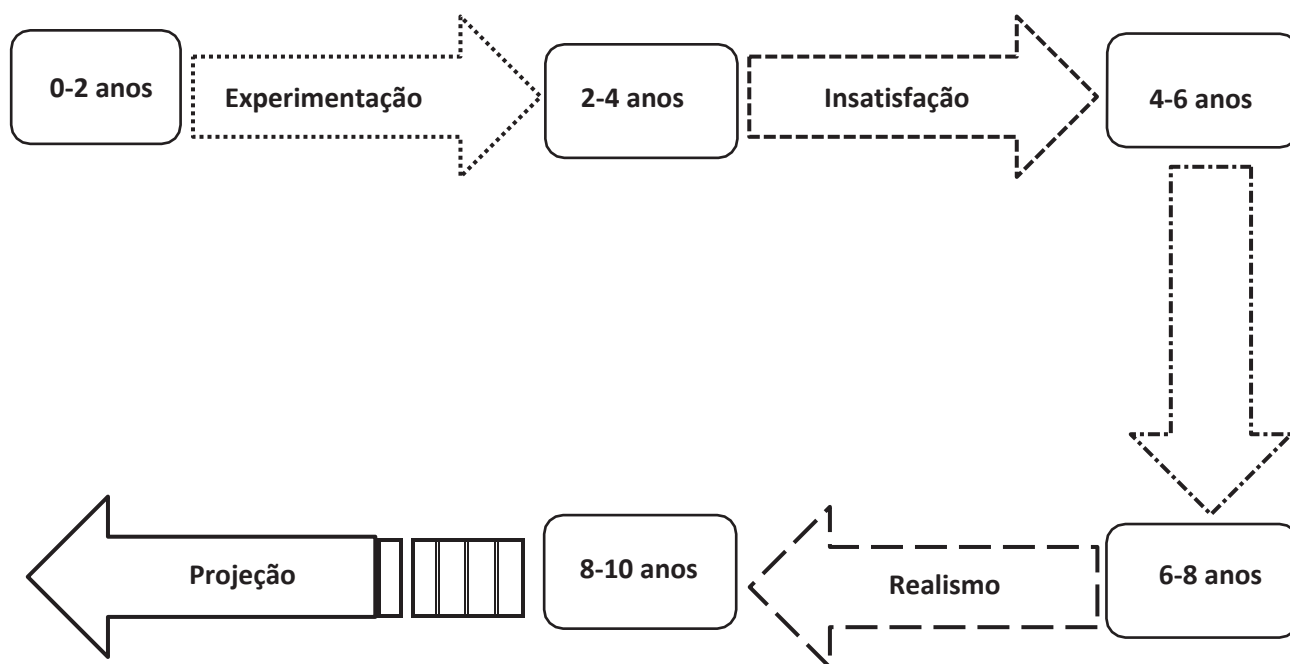


Figura 2-Perfis de criatividade- (Sousa,2003)

Desde o primeiro ano de vida que a criança desenvolve a sua criatividade. Segundo Sousa (2003), durante uma primeira fase, aquando da criação de algo, a criança “ só lhe atribui um nome depois e não antes (...) mostra-se desejosa de experimentar tudo, através do paladar, do tacto e da visão” e como complemento da sua expressão “cria movimentações, ritmos, verbalizações, lengalengas, danças, mímicas, etc.”. Após a fase da experimentação, por volta dos 2 anos e até aos 4 anos, a criança começa a exprimir a criatividade como fruto daquilo que experimentou propriamente e entra numa fase em que aprende “através da experiência directa (...) pelos jogos de verbalização (...) e imaginação, (...) não leva a efeito muitas das suas imaginações criativas, mudando constantemente de atividade, encetando novas sem levar nenhuma à realização efetiva”. Posteriormente, após várias experiências, a criança já consegue fazer uma seleção de processos e materiais que deseja utilizar nas suas obras e assim entra numa fase em que planeia criteriosamente a sua criação, organizando a ação criativa através de “acontecimentos isolados, embora não chegue a compreender a razão dessa relação “ é o grande período de criatividade expressiva, espontânea, viva e produtiva” (p. 192).

Em relação ao ensino básico, Wilt (1959 referido por Sousa, 2003) afirma que, devido às normas definidas pela escola, a criança tende a reprimir a sua criatividade. Apenas no final deste ciclo é que a criatividade volta ao seu auge. As aprendizagens realizadas, bem como os instrumentos e as técnicas experimentadas durante este período,

auxiliam a produção de obras úteis, não só para o seu autor, mas também para aqueles que o rodeiam. Assim, por volta dos 6/8 anos Lygon (1957 referido por Sousa, 2003) refere que “a imaginação criativa da criança desta idade foca o realismo, na medida em que ela se preocupa em reproduzir a realidade nos mínimos detalhes”. Nesta faixa etária, a criação é feita com base em “lições histórias ou discussões, dramatizações com personagens que personifiquem valores morais” (p. 193). A partir daí, a criança entra numa fase seguinte, a última a que decidimos dar ênfase devido ao foco das faixas etárias com as quais realizamos estágio pedagógico. Esta inicia-se pelos 8 anos e decorre normalmente até aos 10 anos. Neste período, a criança tende a perceber as suas aptidões e utiliza-as no processo de criação, dedicando-se a “projetos longos que exigem esforço e interesse continuado” (p. 193). No entanto, necessita de motivação e apoio dos adultos,” pois tem tendência a desistir quando falha ou perante os mínimos obstáculos” (p. 193). Apesar de todas as fases serem importantes, de os adultos deverem dar atenção e estimular a criança a convocar a sua imaginação e a expressar a sua criatividade, esta última fase requer um cuidado redobrado, pois corresponde a uma faixa etária em que, normalmente, as crianças tendem a dedicar muito tempo aos seus projetos e, caso o resultado não seja o esperado, estas desmoralizam e tendem a desvalorizar a sua obra e o respetivo reflexo da sua criatividade. Nesta linha de ideias, Lowenfeld e Brittain (1987, pp. 89-90) realçam que, uma vez que cada idade tem as suas características específicas, cabe ao adulto, ao pai ou professor, definir um perfil criativo para a criança, tendo sempre em atenção as suas características individuais, para que esta se desenvolva em sintonia com os seus ideais e respetivas projeções. Para isso, devem ser promovidas oportunidades em que a criança possa criar constantemente, pois uma mente criativa “ é a melhor preparação para um futuro com ação e pensamento criativo” (p. 75).

1.5. A Criatividade na educação

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (2005), são objetivos da educação “desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica” (p. 3), no caso da Educação Pré-Escolar. Relativamente ao Ensino Básico, “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, (...) criatividade (...), promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social” (p. 4).

Durante algum tempo, a criatividade era vista como uma capacidade que era

dispensada no exercício das atividades escolares, foi inclusive “observada como uma atividade exclusiva de seres especialmente dotados ou privilegiados” (Gonçalves, 1991, p. 13). Ainda de acordo com o mesmo autor, o objetivo da educação passava por formatar a criança “num ser obediente, passivo e submisso, ficando muito aquém daquela que estimula no educando a vontade própria, o poder de iniciativa e a criatividade” (Gonçalves, 1991, p. 12).

Atualmente, de acordo com Martins (2000), o panorama da nossa sociedade é composto por diversas adversidades que despertam no ser humano a necessidade de resolver as mesmas através de novos caminhos, novas soluções. Nas suas palavras:

Há que desenvolver (as) capacidades que ajudem os indivíduos a mais facilmente se adaptarem a novas circunstâncias e situações, em vez de se reiterar a prática da simples memorização ou reprodução de conhecimentos (p. 8).

No entanto, podemos afirmar que, atualmente, a escola já procura despertar a criatividade dos alunos através da apresentação de situações que levam à exploração e resolução de problemas. No entender de Gonçalves (1991) “a criatividade apela para uma pedagogia (...) flexível e aberta, que permita que seja a própria criança a descobrir o seu modo de agir e de se exprimir, bem como o material e a técnica que melhor se adaptam à sua expressão pessoal” (p. 13).

Numa educação criativa é esperado que a criança imagine e que passe para o real aquilo que imaginou, que construa algo original. Neste tipo de educação pretende-se, de acordo com Oliveira (1992 citada por Martins 2000, pp. 11-12) que através do estabelecimento de vários cenários, os alunos organizem as suas ideias de várias formas coerentes, que estas não sejam meras reproduções e repetições de conteúdos aprendidos.

Introduzir a criatividade como uma dinâmica de trabalho na educação Pré-Escolar é para Queiroz e Bila (2014) uma estratégia essencial para o desenvolvimento das crianças, pois permite que estas desenvolvam a sua autonomia, ao mesmo tempo que expressam os seus sentimentos e desenvolvem as suas habilidades, associando desta forma os seus interesses às suas aprendizagens.

Neste sentido, e de acordo com Moser (2015), torna-se imperativo desenvolver desde cedo a criatividade junto dos alunos. Esta representa uma capacidade essencial no que concerne ao desenvolvimento do ser humano, através da realização de atividades que originem diferentes combinações de conteúdos e materiais. Assim, a escola não se deve descuidar do seu papel de promotora da criatividade. Esta capacidade leva o aluno a interrogar o mundo de forma constante e construí-lo de acordo com a sua própria perspetiva.

Numa apresentação Ted Talks, Robinson (2008, citado em Teixeira, 2012, p. 57) salienta o papel da criatividade ao referir que esta

hoje, é tão importante na educação quanto a alfabetização e de que devíamos tratá-la com a mesma importância (...) As crianças assumem riscos. Quando elas não sabem a resposta, arriscam. (...) Elas não têm medo de errar. (...) O que sabemos é que, se não estiver preparada para errar, nunca vai ter uma ideia original. E quando se tornam adultas, a maioria dessas crianças já perdeu essa capacidade (p. 57).

Para Brassart e Rouquet (1977) promover a criatividade passa por com “um fim educativo, fazer adoptar uma atitude prospectiva, dinâmica, formar um espírito, oferecendo-lhe os meios para adquirir faculdades suplementares de flexibilidade, de invenção (...) de dar competências que poderão, em seguida, ser postas ao serviço da criação” (p. 51).

Nesta ordem de ideias e na perspectiva de Gonçalves (1991), a criatividade pode ser promovida em grupo ou individualmente, através de atividades que levem os alunos a utilizarem o pensamento divergente, sendo que é através deste tipo de pensamento que um problema pode ser resolvido a partir de várias formas.

No que diz respeito ao papel do professor como impulsionador da criatividade, Mouzon (2014) revela que este papel fica condicionado pelo perfil do profissional e por aquilo que é considerado pela escola como objeto de educação. Neste sentido afirmamos que a escola deve ser a primeira estrutura a procurar desenvolver a criatividade juntos dos alunos.

Deste modo, a escola e a educação devem ter como missão promover a imaginação e a inovação dos seus alunos. Na opinião de Oliveira (2006) “se esta for bem trabalhada dará frutos nos níveis posteriores” (p. 73).

De acordo com Condessa (2006), através da disponibilização de momentos que levem à “aquisição de conhecimentos e competências”, é possível promover a criatividade na escola através:

- do estabelecimento de um grau de estimulação, adequação e diversificação das condições proporcionadas;
- de um vasto leque de oportunidades de experimentação, de adaptação e de exploração do corpo e do movimento num espaço físico e estruturado com materiais, situações relacionais e contextuais ricas, e conducentes à sua autonomia;
- do recurso a instrumentos que promovam uma aprendizagem activa, construída com base na satisfação pessoal dos alunos” (p. 45).

Nesta linha de pensamento e de acordo com Oliveira (2006) uma educação que tenha

como uma das suas prioridades promover o pensamento criativo passa por “educar para ser pessoa em termos integrais: na óptica do ser, do agir e do conhecer” (p. 74).

Neste sentido, e segundo o mesmo autor, a criatividade está relacionada com o tempo, pressupõe um diálogo entre “passado, presente e futuro” Oliveira (2006, p. 75). A educação, que tem como uma das suas prioridades a criatividade, assume um papel de inovação no mundo, sendo os alunos os agentes desta inovação.

Neste contexto, e de acordo com Stern (1974) e Coletto (2010), a criatividade acaba por ser assim uma capacidade essencial na vida da criança e o impedimento, a padronização ou reforço negativo sobre e da obra da criança acaba por ser um bloqueio no seu desenvolvimento. A este propósito, Wilt (1959, referido em Sousa, 2003) partilha que, muitas vezes, devido à pressão das normas e conceitos definidos pelo professor e pela escola, a criança acaba por inibir a sua criatividade, ficando inclusive com medo de arriscar algo novo e invulgar.

Relativamente à influência da criatividade na inteligência e no desempenho dos alunos, Gonçalves (1991, p. 31) entende não existir nenhuma proporcionalidade direta. O autor refere que os alunos mais criativos, muitas vezes, não são os melhores alunos, aqueles que têm as melhores classificações, mas sim aqueles por diversas vezes “sofrem de problemas de desajustamento social, mas, quando se integram, são os mais participativos, os que mais contribuem para modificações profundas do comportamento humano ” (p. 31). Com base nestes pressupostos Lowenfeld e Brittain (1987, p. 90) vão mais longe e adiantam que a criatividade é uma parte “essencial” e que qualquer professor deveria ver esta capacidade como uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos, se as outras áreas do currículo como a Matemática, o Português fossem vistas como atividades criativas. Assim, “ as escolas não devem restringir o pensamento criativo das crianças, muito pelo contrário, devem fazer do pensamento criativo uma das partes dos objetivos para o programa educacional” (p. 81).

1.5.1. As Expressões Artísticas como uma forma de promoção da criatividade.

Nas palavras de Stern (1974) “a expressão tem uma função precisa: formular o que não pode ser dito verbalmente” (p. 14). Assim sendo, é possível afirmar que, tendo em conta que à medida que a criança vai desenvolvendo, de forma global, a sua expressão verbal, é imprescindível que esta disponha de outra forma para se expressar e comunicar com o mundo. Esta estratégia traduz-se no uso das Expressões Artísticas.

Como já foi referido anteriormente, a arte e as Expressões Artísticas constituem veículos de aprendizagem essenciais para o aluno. Para Gonçalves (1991) as expressões funcionam como um filtro de interesses da criança, que capta e interpreta o mundo que a rodeia, representando-o, posteriormente, através do uso das expressões artísticas conjugadas com a criatividade (p. 10).

A este respeito, defendemos com Brassart e Rouquet (1977) que é na experimentação providenciada pela educação artística que existe um despertar de criatividade e que esta experimentação fundida com a criatividade permite “ao indivíduo modificar-se na sua própria natureza, em função das relações que mantém e multiplica com o que o rodeia (...) torna-se capaz de evoluir em relação a si mesmo” (p. 52).

Nesta linha de pensamento, Fróis (2000), defende que “uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos” acrescentando que “na Educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas” (p. 201).

Neste sentido, Coletto (2010) complementa esta forma de pensamento evidenciando que a arte é a forma mais fácil para a criança se exprimir. O produto da sua arte, tendo por base a sua criatividade, não pode ser julgado como certo ou errado, pois baseia-se no modo como a criança vê o mundo. Através da arte a criança vai conhecendo o mundo. De acordo com Reis (2003), através deste processo de descoberta, a criança diverte-se a explorar o mundo, ao mesmo tempo que é instruída acerca daquilo que a rodeia, através do uso das Expressões Artísticas, ora uma “educação voltada para as expressões será, desde já, uma educação absoluta, capaz de proporcionar momentos ricos em criatividade, expressão, motivação, integração e, acima de tudo, pelo facto de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem” Sousa (2014, p. 2).

No século XXI, a criatividade passa por uma capacidade essencial ao ser humano. Sendo assim, para o Roteiro de Educação Artística (2006) uma forma de promover esta capacidade passa por transmiti-la através da educação, mais precisamente através da educação artística, de modo a que seja possível “promover percepções e perspectivas, criatividade e iniciativa, reflexão crítica e capacidade profissional que são tão necessárias à vida no novo século” (p. 18).

De acordo com o mesmo documento, uma das melhores formas de providenciar a criatividade passa pela dinamização de uma Educação Artística que tenha ao seu dispor métodos de ensino e de aprendizagem direccionados para as artes.

É através do exercício das Expressões, nomeadamente através de actividades da

Expressão Plástica (como o desenho e a pintura) e através da Expressão Dramática (quando brincam ao faz de conta), que as crianças desenvolvem a sua criatividade. Na opinião de Hohmann e Weikart (2004), é através deste tipo de atividades que as crianças ganham uma compreensão mais profunda das coisas reais que estão a tentar representar; e ganham uma compreensão, em primeira mão, da natureza e significado dos próprios símbolos” (p. 477).

Quando se trata de educação artística, de acordo com Lowenfeld (1987, p. 19) um dos objetivos desta educação passa por incutir nas crianças a produção de algo único utilizando as suas capacidades para tal, sem prescrições e sem necessidade de aprovações externas, sendo que a satisfação que realmente importa é a autossatisfação do aluno que, por sua vez, estará de acordo ou não com aquilo que este projeta previamente para produzir. Neste sentido, as formas de expressão e os materiais utilizados ficam ao critério do seu autor, de acordo com as suas experiências.

Como já foi constatado anteriormente a criatividade revela-se essencial para o desenvolvimento harmonioso da criança, assim a expressão livre representa uma forma autêntica e imediata de promover um comportamento criativo aquando do surgimento de situações que necessitem de uma solução.

Quando o assunto é uma forma de expressão que permita uma criação resultante do exercício das expressões, a pintura é a atividade sugerida, pois na opinião de Stern (s. d., p. 81), “permite uma abordagem imediata e um aperfeiçoamento muito completo”. De acordo com o mesmo autor, a pintura surge como uma necessidade para a criança, é o método através da qual se exprime e as suas provém da sua exploração e da forma de como observa o mundo desde cedo. Coletto (2010) reforça a ideia de que as expressões artísticas são uma janela aberta para a expressão criativa dos alunos ao referir que:

Os desenhos das crianças, assim como todas as suas formas de expressão podem ser considerados um reflexo da sua criatividade infantil, pois são os registos dos seus sentimentos e das suas perceções do meio, o que proporciona ao professor um modo de compreender melhor seu aluno e assim ajudá-lo (p. 142).

No que concerne à Expressão Plástica podemos salientar que esta é normalmente vista como o domínio das Expressões Artísticas como sendo aquela que potencia a criatividade da criança. No entanto, Coletto (2010) vem contrariar esta noção ao alertar para o facto de que “o professor deve utilizar as quatro linguagens artísticas (artes visuais, dança, música e teatro) como forma do aluno se expressar significativamente” (p. 148).

Nesta ordem de ideias é-nos possível referir que apesar da Expressão Plástica, e mais precisamente as atividades que incluem desenho livre e a pintura serem, por norma, as atividades expressivas mais utilizadas para potenciar a criatividade na sala de aula, todas

as outras atividades, tais como a modelagem, o recorte e colagem e a dobragem de papel, assim como os outros domínios das expressões artísticas são importantes neste contexto.

No que diz respeito à pintura, como essência criativa, baseamo-nos nas palavras de Sousa (2003) que afirma que esta forma de arte é nada mais que uma personalização dos gostos e das vivências de quem pinta, isto é, “uma linguagem plástica expressiva que é acessível a todos os homens, independentemente da sua idade e da sua cultura” (p. 225). O Ministério da Educação, através do Programa de Educação e Expressão Motora e Artística (s.d.) também alerta para a relação existente entre a Expressão Plástica e a criatividade, salientando a importância de atividades que levem a criança a explorar o mundo e a expressar-se mediante a utilização de materiais para aquele tipo de exploração. Este autor salienta ainda a importância da exploração livre “dos meios de expressão gráfica e plástica”, que não contribuem apenas para “despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilitam o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies”, além de que o prazer que a criança manifesta através das “múltiplas experiências que vai realizando” (p. 89) contribui para o desenvolvimento harmonioso da mesma.

Relativamente a outro tipo de expressão muito popular, no que diz respeito ao exercício da criatividade, à Expressão Dramática, podemos referir que esta possibilita, através da improvisação, a construção de algo a partir das experiências e visões dos alunos. Na opinião de Reis (2012) este tipo de expressão é aquela que, em conjunto com as outras vertentes das expressões artísticas, possibilita um desenvolvimento mais global do aluno. Assim sendo e de acordo com Coletto (2010), caberá ao professor promover o exercício da Expressão Dramática junto dos alunos, para que estes não percam a sua espontaneidade e a sua forma exclusiva de interpretar e exprimir o mundo.

A este propósito, e nas palavras de Reis (2005, citado em Almeida 2012, p.13), “o valor fundamental da Expressão Dramática está no seu estímulo à criatividade, pelas excelentes oportunidades que põe à disposição da criança neste campo”. As atividades expressivas dramáticas “desenvolvem ainda, não só as faculdades de imaginação e de imitação, como também o espírito estético, a fantasia e tudo o que contribui para a formação do carácter” (p. 24). Neste contexto, Almeida (2012) completa esta ideia referindo que “é através da Expressão Dramática que a criança explora a sua identidade, a sua personalidade, que compreende até onde consegue ir em termos de imaginação e criatividade” (p. 15).

Neste ponto em particular, defendemos com Hohmann e Weikart (2004) que “a criatividade inerente à brincadeira de faz-de-conta e à construção de símbolos é bastante

satisfatória para as jovens crianças. Retiram bem-estar e mesmo alegria em fundir pensamento, sentimento, percepção e movimento na (...) sequência lúdica de faz-de-conta.(...) ganham uma compreensão mais profunda das coisas reais que estão a tentar representar” (p. 477).

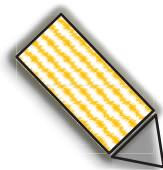
Nesta ordem de ideias, e no que diz respeito à música e à dança como formas de promoção da criatividade, Coletto (2010) e Reis (2012) são unânimes ao afirmarem a necessidade de as incluirmos nas rotinas de aprendizagem dos alunos. Em relação à música, Reis (2012) refere que é necessário que a criança experimente e explore o mundo através do exercício dos seus sentidos, que ouça música, toque um instrumento, observe a forma dos instrumentos e, não menos importante, que cante e que alie o movimento corporal à sincronia dos sentidos.

Nesta ordem de ideias, Gloton e Clero (1976, citados em Veríssimo 2012, p. 12), também referem a importância da Expressão Musical no desenvolvimento da criança, como salientam a relação existente entre a música e a criatividade ao afirmarem que “ despertar a criança para a música é suscitar nela a vontade de cantar, de ouvir, de criar livremente.

Paralelamente a esta ideia, podemos considerar que a criança é um ser em constante desenvolvimento e movimento, é através da exploração do seu corpo, do ambiente envolvente que esta vai evoluindo como ser e vai exercitando a sua criatividade. A este propósito, Coletto (2010, p. 148) salienta que “a dança pode ser utilizada como um estímulo à comunicação e à criatividade, pois, através dela, o professor pode trabalhar de forma lúdica e espontânea a estrutura e o funcionamento dos corpos”.

Além disso, o Ministério da Educação (s.d.), no Programa de Educação e Expressão Físico motora, salienta o papel da dança e da música no desenvolvimento da criatividade, pois atividades como danças de roda permitem o desenvolvimento de múltiplas faculdades musicais nas crianças, pois além da questão social e relacional, a participação neste tipo de “projetos pessoais ou de grupo permitirá à criança desenvolver, de forma pessoal, as suas capacidades expressivas e criativas” (p. 67).

Terminado este ponto do nosso relatório, onde tentámos elucidar o leitor acerca da problemática do mesmo, analisaremos agora, no capítulo que se segue a forma com a criatividade e as Expressões Artísticas se relacionaram no contexto dos nossos estágios em Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de onde tiramos algumas conclusões que posteriormente serão também apresentadas.



CAPÍTULO II

Estágio em Educação Pré-Escolar

No presente capítulo, faremos uma breve apresentação das atividades desenvolvidas em contexto do Estágio Pedagógico I, no âmbito da Educação Pré-Escolar.

Neste sentido, partilharemos um conjunto de dados que irão elucidar o leitor acerca da nossa ação educativa. Iremos assim caracterizar a escola onde desenvolvemos o nosso estágio pedagógico, o seu meio envolvente, as estruturas e organização das sala de atividades bem como especificar as características do grupos de crianças que nos foram confiadas.

Apresentaremos ainda uma análise, e posterior reflexão, acerca das nossas atividades desenvolvidas no nosso estágio em Educação Pré-Escolar, seguindo uma linha de análise centrada no modo como as Expressões Artísticas convocaram o exercício da criatividade, temática que decidimos aprofundar no presente relatório.

Nas descrições seguintes, serão omissas quaisquer informações referentes à identificação das instituições, dos(as) orientadoras de escola e das crianças/alunos com as quais mantivemos contacto, de forma a respeitar os pressupostos e procedimentos éticos implícitos a um trabalho desta natureza

É de salientar que, para a elaboração das atividades que se seguem, procedemos à análise e interpretação das informações disponíveis nos seguintes documentos norteadores: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), o Projeto Curricular de Escola (PCE), o Plano Anual de Atividades (PAA), programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico e o Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores (CREB).

Para além da consulta e posterior utilização dos documentos anteriormente referidos, tivemos em atenção os registos recolhidos durante as observações e intervenções decorridas durante o estágio, pois, segundo Quivy e Campenhoudt (1998) aquilo que é observado no momento real é um dos

únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho (p. 197).

Feita esta explicação inicial passaremos à caracterização dos contextos em que se desenvolveu a nossa ação educativa.

2.1. Caracterização do meio

Pertencente a um concelho da costa Norte da ilha de São Miguel, era uma localidade que permitia o contacto direto com outras zonas, que eram utilizadas a favor

da nossa prática pedagógica, em caso de visitas de estudo a possíveis lugares de interesse, relacionados com as temáticas em estudo.

A base da economia da freguesia assentava no sector piscatório, agrícola e industrial. A existência destes sectores na freguesia permitiu uma maior aproximação das crianças às profissões dos pais, assim como aos processos de fabrico dos alimentos que chegavam prontos às suas casas de uma forma mais real e vivenciada.

Ao nível cultural, este era um meio enriquecido, visto possuir alguns grupos recreativos, que permitiam descobrir e desenvolver os talentos das crianças desde cedo.

Ao nível de cultura edificada, a localidade contava com um teatro, que possibilitava a realização de eventos escolares, nomeadamente de peças de teatro, como a visualização em grande escala de filmes que fossem ser benéficos para o desenvolvimento infantil, para a realização de palestras/ ações de formação com e para pais e professores, para um maior envolvimento em prol do bem-estar das crianças.

No que diz respeito a grupos recreativos, a localidade em questão contava com grupos associados à música e à formação musical. Qualquer um destes grupos demonstrava ser essencial na formação das crianças, visto que as mesmas podiam visitar as sedes das referidas entidades, conhecendo instrumentos, desenvolvendo as suas capacidades expressivas, nomeadamente, as musicais.

À semelhança dos grupos recreativos, o meio em questão tinha na sua composição vários clubes desportivos, sendo todos estes importantes para a dinamização de atividades desportivas em contexto escolar, uma vez que permitiam às crianças experienciarem desportos e modalidades que a escola não conseguia oferecer, devido à limitação do espaço. Eram igualmente importantes no processo de promoção da prática de um estilo de vida saudável e na ocupação dos tempos livres das crianças.

O meio e as suas características tornou-se essencial aquando da nossa prática letiva, pois através de algumas entidades, nomeadamente da padaria local, foi-nos possível explicitar mais pormenorizadamente o processo do fabrico do pão. Do mesmo modo, a existência de um canil e de um quartel de bombeiros nas proximidades do meio permitiu aprofundar e consciencializar as crianças, de forma mais realista, para o papel de um veterinário e de um bombeiro numa comunidade.

2.2. Caracterização da escola

A escola onde decorreu o estágio tinha mais de 30 anos. No entanto, o edifício foi reconstruído e esta foi reinaugurado em 2008.

A escola era constituída por um piso único. De um lado do edifício funcionavam seis salas de Pré-Escolar, uma sala de apoio educativo e 2 salas do 1.º Ciclo. Ainda, naquela ala do edifício, existia uma copa com arrumações, um refeitório, um gabinete de primeiros socorros, um gabinete de apoio educativo, uma sala de professores, duas casas de banho para crianças (meninos/meninas), duas para adultos (homens/mulheres) e duas para pessoas portadoras de deficiência. Aquele lado do edifício era ainda composto por um pátio de recreio interior com baloiços e escorrega.

No outro lado do edifício, existiam 12 salas do primeiro ciclo e duas do núcleo de educação especial. Esta ala continha ainda uma arrecadação, duas casas de banho para crianças (meninos/meninas), um pátio com recreio interior com baloiços e um escorrega.

Na entrada principal do edifício encontravam-se o gabinete da coordenação, a biblioteca, a sala de TIC e um pátio de recreio interior.

No espaço exterior do edifício escolar podíamos encontrar um campo de futebol, uma quinta pedagógica e um ginásio. Ainda no espaço exterior existia um corredor que fazia a ligação do portão principal à entrada do edifício. Este corredor tinha como vantagem ser coberto, permitindo proteger as crianças nos dias de chuva.

A escola era frequentada por crianças entre os 3 e os 10 anos de idade.

O corpo docente era constituído por seis educadoras de infância, uma educadora de educação especial e uma educadora de substituição para a Educação Pré-Escolar. Em relação ao 1.º Ciclo, existiam quinze professores do primeiro ciclo do ensino básico, um professor de apoio, dois professores de inglês, três professores de educação física e três professores de NEE. O corpo não docente era formado por dez assistentes operacionais. Da equipa docente/ não docente ainda fazia parte uma terapeuta da fala que trabalhava com todos os núcleos da Escola Básica Integrada, a qual esta escola pertencia.

O horário de funcionamento da escola era diferente entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico. A Educação Pré-Escolar funcionava das nove às quinze horas, sendo o almoço das doze horas e trinta minutos às treze horas e trinta minutos. Por sua vez, o horário para 1.º Ciclo do Ensino Básico era das nove horas às quinze horas e quarenta e cinco minutos, podendo variar em cada turma. A hora de almoço era idêntica à da educação Pré-Escolar, à exceção dos terceiros e quartos anos, que almoçavam das treze horas às treze horas e trinta minutos.

As instalações e as características da escola beneficiaram a nossa prática, na medida em que, devido à existência de um ginásio, foi-nos possível organizar atividades físicas, ritmo-expressivas adequadas aos conteúdos em estudo em cada semana de intervenção, procurando mostrar sempre a possibilidade de realizar a interdisciplinaridade entre as

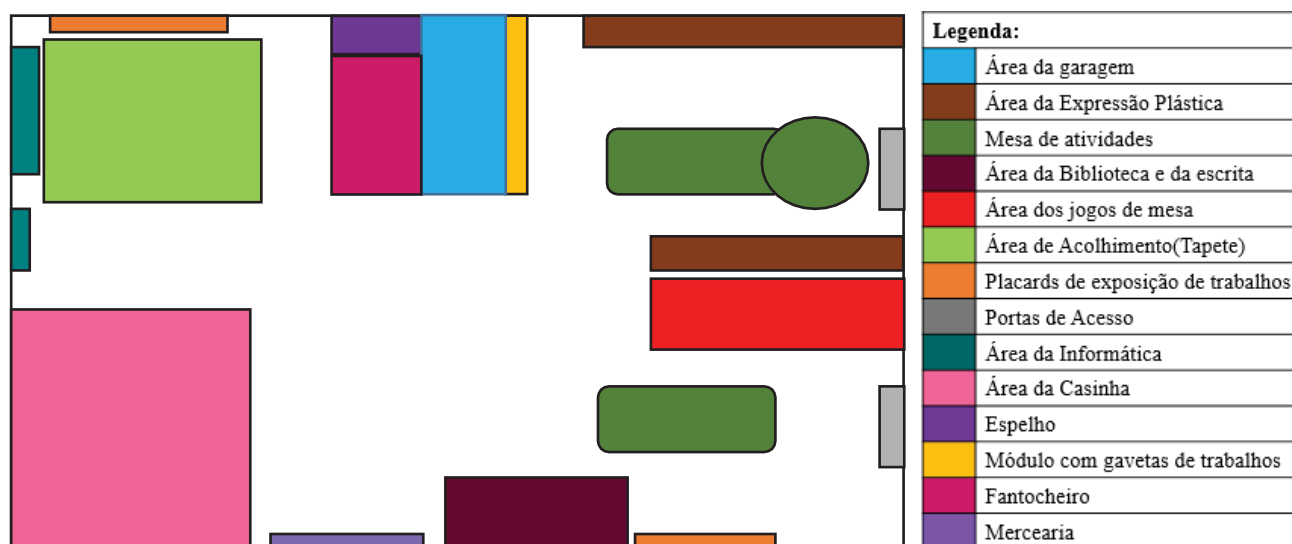


Figura 4- A sala de atividades no final do nosso estágio.

Como podemos observar, as alterações efetuadas na sala de atividades prenderam-se com a introdução de dois novos espaços, um da nossa autoria e outro da autoria da nossa colega de estágio. Com a introdução destes espaços, houve a necessidade de reajustar e adaptar os espaços já existentes. A pertinência da introdução de um novo espaço na sala será explicada mais adiante, aquando da explicitação das atividades dinamizadas.

No entanto, podemos desde já adiantar que a sala apresentava diversas potencialidades que auxiliaram a nossa prática. Como exemplo desta realidade, destacamos os recursos tecnológicos existentes, tais como um computador, uma impressora, um vídeo projetor e um *smartboard*, que em muito contribuíram para a exploração de histórias e dinamização de jogos.

Para além disso, a sala de atividades contava com um tapete/ colchão no chão, o que ajudou bastante aquando da realização das pequenas dramatizações, realizadas pelas crianças, pois enquanto uns dramatizavam os outros assistiam confortavelmente ao “espetáculo” sentados.

Havia ainda um suporte com vários cabides pendurados, em que cada um deles segurava um dicionário de um tema trabalhado ou algum outro projeto das crianças. Esta era uma forma interessante de registar as temáticas trabalhadas ao longo do ano, ficando os quadros de cortiça apenas com os trabalhos das crianças.

Outra potencialidade encontrada na sala dizia respeito a esta estar apetrechada com bastante material de desperdício, tintas e outros acessórios que, postos ao dispor das crianças, potencializavam bastante o desenvolvimento da imaginação e da criatividade

das mesmas.

2.4. Caracterização do grupo de crianças

No ano letivo em causa encontravam-se a frequentar o Jardim de Infância vinte crianças, com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos (dezassete crianças com cinco anos e três crianças com seis anos). Dessas crianças, oito eram do sexo masculino e doze eram do género feminino. A maioria do grupo era assídua e pontual.

A maioria das crianças residia na freguesia onde estava situada a escola. As crianças chegavam ao Jardim de Infância acompanhadas pelos pais ou outros familiares. A proveniência da maioria das crianças do grupo era de um meio social desfavorecido, muitas vezes com os dois progenitores desempregados, na maior parte dos casos, pouco interessados na aprendizagem dos filhos, tal como tivemos oportunidade de comprovar ao longo das nossas práticas.

Naquele grupo não existiam crianças com Necessidades Educativas Especiais. No entanto, uma das crianças tinha apoio uma vez por semana, dado por uma educadora de ensino especial. Havia ainda duas crianças que frequentavam as sessões de terapia da fala.

Tendo como base a nossa observação, podemos adiantar que o grupo era um pouco agitado. As crianças eram dinâmicas, participativas e afetuosas, revelando também uma grande capacidade de interação para com todas as crianças e adultos.

Era um grupo que mostrava alguma autonomia em relação à satisfação das suas necessidades básicas, sem recorrer à ajuda do adulto, bem como na escolha de atividades livres nos momentos em que a rotina o permitia, na arrumação de materiais, ou ainda na realização de algumas atividades de Expressão Plástica.

No que diz respeito ao lanche, este tinha lugar no refeitório da escola. Em relação ao almoço, a maioria das crianças almoçava no refeitório e as restantes almoçavam em casa.

Quanto às diferentes atividades proporcionadas às crianças, estas eram individuais e coletivas, dando-lhes oportunidade de brincarem com jogos, de desenharem, fazerem pinturas, colagens, modelagens e brincarem nas diferentes áreas de atividades.

As diferentes atividades permitiam às crianças partilhar experiências, aprender a cooperar e a respeitar os outros.

Verificámos que, tanto a Educadora titular, como a auxiliar de Ação Educativa da mesma procuravam estabelecer sempre uma relação de amizade e de confiança com as

crianças. Estas aderiam com entusiasmo às atividades dinamizadas, quer fossem orientadas ou não, mostrando sempre interesse e empenho.

É ainda de referir que, na sala foram estabelecidas regras, criadas pela educadora titular em conjunto com as crianças e com as estagiárias, para uma melhor organização das suas rotinas. Essas regras, normalmente, eram respeitadas e cumpridas pelo grupo.

Através da observação direta, da dinamização de atividades e dos diálogos com as crianças foi-nos possível retirar algumas conclusões, que partilharemos em seguida.

Relativamente às áreas de conteúdo, as crianças demonstraram bastante interesse e um desempenho bastante positivo em todas as atividades que incluíam as Expressões Artísticas, revelando igualmente muita curiosidade pelos conteúdos da área do Conhecimento do Mundo. No entanto, a maioria do grupo apresentava dificuldades ao nível do raciocínio Lógico-Matemático e da Linguagem Oral e Escrita.

No que diz respeito ao desempenho das crianças podemos referir que a turma era de certa forma homogénea. No entanto, existiam crianças mais estimuladas do que outras. Era, segundo o que nos foi dado a perceber, o exemplo das crianças que tinham estado anteriormente num ambiente estimulador, em contexto de creche (nomeadamente a Filipa, a Fabiana, o Frederico, a Solange, o Tiago, a Isabel e a Sílvia). Estas crianças revelavam bastante sentido de responsabilidade, autonomia e empenho, sendo que desempenhavam todas as tarefas pedidas de forma organizada, ouvindo com atenção as indicações dadas, realizando os trabalhos até ao fim e ajudando os colegas com mais dificuldades.

Em relação às crianças com mais dificuldades estas apresentavam muitas vezes um bom desempenho nas atividades desenvolvidas, no entanto, não conseguiam desenvolver o trabalho sem ajuda, ou sem o incentivo da Educadora titular e das estagiárias. Era o caso da Vânia, da Margarida, da Maria, do Guilherme, da Luísa, do José, do Luís e da Isaura.

No grupo existiam ainda duas crianças, a Amanda e do Ricardo, que frequentavam a Educação Pré-Escolar pela primeira vez, apesar de já terem 5 anos. O facto de terem estado sempre em casa poderá ter feito com que, muitas vezes, tivesse sido difícil trabalhar com estas crianças, pois mostravam-se inibidas e recusavam-se a fazer a maioria das atividades, interessando-se apenas por jogos e outras atividades lúdicas em grande grupo.

Considerando a classificação de Sousa (2003), podemos afirmar que a maioria das crianças do grupo encontrava-se entre as fases de insatisfação e de planeamento, sendo a grande tendência para a segunda, pois, aquando da realização de uma atividade,

normalmente escolhiam uma cor ou um material e ficavam sempre com o mesmo, procurando múltiplas formas de os utilizar.

Neste contexto, podemos partilhar o que se passou com o Tiago no momento de pintura de um desenho. Após escolher o lápis azul e o lápis verde para pintar uma flor, o Tiago optou por pintar as pétalas com “diferentes azúis” referindo que só o lápis azul bastava. Acrescentou que podia “pintar devagarinho numa e depois pintar com força noutra”.

Como esta situação podemos testemunhar muitas mais e afirmar que esta era uma turma em que a criatividade e a sua vontade de aprender estava em constante expansão.

É sobre este e outros aspetos que nos debruçaremos no ponto que se segue, no qual daremos conta do conjunto de atividades desenvolvidas ao longo do estágio que é alvo da nossa análise.

2.5. A Ação Educativa na Educação Pré-Escolar

Esta parte do nosso trabalho procurará esclarecer o leitor acerca das atividades realizadas em contexto de estágio, tendo por base as caracterizações anteriormente referidas. Assim sendo, segue-se um quadro síntese de todas as atividades planificadas e implementadas ao longo das seis intervenções (ver **Quadro 1**). Estas atividades foram descritas tendo por base as várias áreas e domínios. Nesta descrição, são ainda evidenciadas competências foco e/ou competências associadas convocadas ao longo de todo o processo.

Quadro 1- Síntese das atividades desenvolvidas no contexto da Educação Pré-Escolar

Calendarização			Áreas e Domínios de Conteúdo										
			Área de Formação Social e Pessoal e Conhecimento do Mundo		Área da Expressão e Comunicação								
Intervenção	Datas	Atividades	Formação Pessoal e Social	Conhecimento do Mundo	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Domínio da Matemática	Domínio da Educação	Domínio de Educação Artística					
								Artes Visuais	Jogo Dramático	Música	Dança		
1.ª Intervenção	3 de outubro	A1											
		A2											
	4 de outubro	A3											
		A4											
		A5											
		A6											
2.ª Intervenção	17 de outubro	A7											
		A8											
		A9											
		A10											
	18 de outubro	A11											
		A12											
	19 de outubro	A13											
		A14											
		A15											
		A16											
3.ª Intervenção	7 de novembro	A17											
		A18											
		A19											
		A20											
		A21											
		A22											
	8 de novembro	A23											
		A24											
		A25											
		A26											
	9 de novembro	A27											
		A28											
		A29											
		A30											
10 de novembro	A31												
	A32												
	A33												
	A34												
		A35											

Tal como nos é dado a perceber através da leitura do quadro, foram desenvolvidas um total de 86 atividades nas diferentes áreas de conhecimento. As atividades desenvolvidas com base na temática que decidimos aprofundar no nosso Relatório de Estágio foram identificadas com o símbolo (Q).

O preenchimento das linhas do quadro com diferentes cores e tonalidades deve-se ao nosso sistema de codificação de atividades, que teve em conta a discriminação das competências exploradas (foco e associadas). Deste modo, conferimos tonalidades mais escuras às áreas que estiveram em foco aquando das nossas intervenções e tonalidades mais claras às áreas que estiveram como competências associadas nas mesmas intervenções, por forma a complementar a aprendizagem da temática em causa.

Pelo facto deste ser um grupo muito ativo e curioso, constantemente receptivo à aquisição de conhecimentos, tentámos sempre realizar atividades desafiantes, mas ao mesmo tempo devidamente estruturadas e interessantes para que as aprendizagens não se tornassem demasiado fastidiosas e sem qualquer sentido para as crianças.

A nossa **primeira intervenção** decorreu entre os dias 13 e 14 de setembro, tendo como temática essencial o estabelecimento de rotinas e de regras de funcionamento da sala de atividades. Nesta intervenção a nossa competência foco foi a Formação Pessoal e Social, tendo como competências associadas, a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Matemática, as Artes Visuais e a Música.

Nesta **primeira intervenção** procurámos definir as rotinas da sala através da utilização de alguns recursos, tais como quadros e painéis, explorando estes e as suas funcionalidades em conjunto com o grupo de crianças de forma a promover o sentido de responsabilidade e autonomia das mesmas.

Para o estabelecimento das regras da sala, a estratégia por nós utilizada foi a leitura de uma história acerca da temática, seguida da elaboração de um cartaz de regras com a participação ativa das crianças, culminando esta intervenção com a criação de “monstrinhos das regras” (A6), recorrendo para tal à criatividade das crianças aliada ao seu espírito crítico. Uma vez que nesta semana foi comemorado o dia de animal, aproveitámos ainda para fazer um pequeno apontamento relativamente a este dia, introduzindo uma tartaruga como parte integrante das rotinas das crianças e realizando algumas atividades relacionadas com os animais, nomeadamente um jogo de adivinhas (A3). Para além disso, achámos pertinente alertar as crianças para os cuidados a ter com os animais, utilizando para isso a canção “ Não atirei o pau ao gato” (A4), entre outros meios.

Relativamente à nossa **segunda intervenção**, esta decorreu entre os dias 17 e 19 de

outubro e teve como temática o ciclo do pão. Uma vez que esta intervenção teve lugar a seguir às comemorações do Dia Mundial da Alimentação, achámos por bem focar a nossa atenção num alimento importante na nossa alimentação, ligando a este facto a curiosidade natural das crianças sobre o mundo que os rodeia.

Nesta nossa intervenção tivemos essencialmente duas áreas foco: o Conhecimento do Mundo e a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo como área associada, maioritariamente, as Expressões Artísticas. Tendo em conta os objetivos para esta intervenção, procurámos explorar o ciclo do pão a partir dos conhecimentos pré-concebidos das crianças e dos meios que tínhamos à nossa disposição.

No contexto desta intervenção destacamos como atividades essenciais para aquisição dos conhecimentos a atividade introdutória do tema onde as crianças tiveram oportunidade de fazer uma “prova de pães” (A7); a visita de estudo que fizemos à padaria que se encontrava nas imediações da escola (A11), por forma a interligar o meio e os seus recursos e, finalmente, a atividade que consistiu em decorar uma saca de pão (A12), onde cada criança teve a oportunidade de explorar livremente a sua criatividade utilizando recorrendo para isso à área das Expressões Artísticas.

Para além destas atividades, uma outra dinâmica na sala de atividades que motivou bastante as crianças foi a interpretação e apresentação da canção “O Padeiro” do álbum “Sónia e as profissões” (A13). Esta foi uma atividade na qual as crianças puderam cantar, dançar e interpretar o papel de padeiro, partilhando posteriormente esta apresentação com outro grupo de crianças da escola. Esta atividade culminou numa dinâmica muito engraçada, que permitiu às crianças divertirem-se ao mesmo tempo que memorizavam a receita da elaboração do pão, que foi feita posteriormente.

A nossa **terceira intervenção** decorreu entre os dias 7 e 16 de novembro e tendo em conta que foi uma semana intensiva, complementada com mais três dias de intervenção, decidimos por bem dividir a semana em 3 blocos distintos, cada um com o seu tema. Nesta semana decidimos então trabalhar primeiramente a “Higiene Oral”, cuja temática surgiu a partir duma necessidade do grupo, que demonstrou não ter qualquer noção do tema, aquando da intervenção anterior da colega de estágio. A segunda temática foi o “São Martinho”. Tendo em conta que a data da festividade coincidia com a nossa intervenção, fazia todo o sentido elucidar o grupo um pouco mais acerca desta nossa tradição. A última temática a ser trabalhada foi a das “Profissões” a partir da necessidade das crianças saberem reconhecer, desde cedo, os elementos da sociedade em que vivem, nomeadamente os ofícios que aí são praticados.

Tendo em conta as temáticas desta semana de intervenção tivemos como áreas foco,

a Formação Pessoal e Social, a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o Conhecimento do Mundo. Como áreas associadas tivemos essencialmente as Expressões Artísticas, que funcionam sempre como uma forma de diversificar a aprendizagem de conteúdos de outras áreas de conhecimento. Ao assumirmos tal escolha, estávamos conscientes de que, tal como aconselha Reis (2003, p. 162) “o ensino dum determinada matéria de forma isolada tem sido nos últimos anos substituído favoravelmente pela utilização das várias expressões artísticas, isoladas ou não”.

Nesta semana tentámos essencialmente proporcionar experiências que levassem as crianças a descobrir os conteúdos a apreender de forma informal. Relativamente à “Higiene Oral” recorreremos à dramatização de uma peça sobre o tema utilizando, para o efeito, fantoches e o convite a uma higienista oral que, de uma forma dinâmica, elucidou as crianças acerca dos cuidados que as mesmas deviam ter com os seus dentes (A18). Para contextualizarmos o dia de “São Martinho” recorreremos à exploração da lenda alusiva a este dia (A36), com recurso a fantoches que foram coloridos pelas crianças para o efeito (A42). Para a temática das profissões destacamos uma visita de estudo à Oficina-Museu Etnográfico das Capelas (A43).

Por forma a trabalhar a criatividade das crianças pedimos às mesmas que representassem, através de fantoches por elas construídos, uma pequena dramatização sobre os conteúdos que tinham aprendido acerca da “Higiene Oral” (A34). A mesma dinâmica foi aplicada em relação às profissões (A50). Esta foi uma atividade muito importante para as crianças sendo que as mesmas se divertiram com as dramatizações uns dos outros, ao mesmo tempo que se expressavam sem limitações. Neste contexto, tínhamos plena consciência de que sobre a “capa” do seu fantoche, “a criança é livre de escolher o seu tema e fá-lo naturalmente, visto que o tema está sempre nela (...) exprimindo-o ludicamente, ao agrado da sua própria imaginação” (Gonçalves, 1991, p. 12). Seguindo a mesma lógica, para o dia de “São Martinho” optámos por uma atividade de Expressão Plástica, que consistiu na decoração de um cartucho de castanhas (A39).

A nossa **quarta intervenção** decorreu entre os dias 28 de novembro e 2 de dezembro e incidiu sobre a temática dos “5 Sentidos”, com uma breve introdução ao tema do “Natal”. Esta intervenção teve como áreas foco essencialmente o Conhecimento do Mundo e a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e como áreas associadas essencialmente as Expressões Artísticas.

Nesta intervenção destacamos aquelas atividades consideradas essenciais que permitiram a exploração dos sentidos (provas de cheiro, sabor, toque, ritmos). Como atividades potencializadoras da criatividade enunciamos a criação e decoração de maracas

(A61) e do livro dos sentidos da turma (A67). Esta última atividade revelou-se muito interessante, no nosso ponto de vista, na medida em que foi possível apercebermo-nos de como funcionava a criatividade ao nível da turma, bem como do seu produto final. Neste sentido, tal como afirma Alencar (1996 referenciada por Martins, 2000) torna-se “necessário cultivar as sementes de criatividade que existem em todo o ser humano, através de um ambiente rico em estímulos e desafios e da prática de valorizar o trabalho do indivíduo e do grupo, reconhecer as potencialidades, respeitar as diferenças e oferecer oportunidades para a produção e fertilização de ideias” (p. 37).

Reportamo-nos agora às nossas **quinta e sexta** intervenções, decorridas respetivamente do dia 5 ao dia 7 de dezembro e do dia 12 ao dia 14 de dezembro. Estas duas intervenções decorreram de forma semelhante, tanto ao nível de temática, como ao nível de atividades desenvolvidas. Como áreas foco tivemos a Formação Pessoal e Social e a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo os domínios das Expressões Artísticas, maioritariamente, lugar como áreas associadas.

Nestas intervenções optámos essencialmente por atividades que articulassem a temática anteriormente referida com a autonomia na realização de trabalhos e a cooperação entre o grupo. Neste sentido, destacamos a decoração do Pai Natal (A74), a elaboração de um dicionário iconográfico do Natal (A75) e a participação das crianças na redação da carta ao Pai Natal (A77). Esta última atividade teve particular interesse por parte das crianças, sendo que estas procuraram desenvolvê-la da melhor forma possível, por forma a agradar ao destinatário da carta. Deste modo, procurámos que as crianças utilizassem a sua criatividade usando como incentivo um dos símbolos da época festiva em questão.

Depois de explicadas, em traços gerais, as dinâmicas implementadas ao longo do nosso estágio pedagógico no contexto da Educação Pré-Escolar, dedicaremos a nossa atenção à temática que decidimos aprofundar neste relatório. É o que nos propomos fazer no ponto que se segue.

2.5.1. A criatividade em análise na ação educativa

Por forma a organizar as nossas atividades desenvolvidas neste domínio, optámos por recorrer a um sistema de diferentes planos de ação, que funcionarão como eixos norteadores da nossa reflexão. Estes encontram-se representados no quadro que se segue (ver Quadro 2):

Quadro 2- Análise da ação educativa na Educação Pré-Escolar

1. As Expressões Artísticas como lugares de criatividade	Neste eixo de análise procuramos perceber qual o papel das expressões artísticas aquando do exercício da capacidade criativa.
2. As rotinas diárias da sala de aula como um convite à criatividade	Através deste eixo de análise pretendemos analisar de que modo as rotinas favorecem ou reprimem a expressão criativa das crianças.
3. A organização da sala de aula como um espaço de criatividade	Neste eixo de análise focamo-nos em entender de que forma a organização da sala de aula poderá ser um convite à criatividade dos alunos.

2.5.1.1. As Expressões Artísticas como lugares de criatividade

Tendo por base os eixos de análise apresentados na tabela, aprofundamos de seguida algumas das atividades desenvolvidas em contexto de estágio. As atividades em causa estão agrupadas pelas diferentes áreas das Expressões Artísticas. Para cada uma das áreas foram escolhidas três atividades: uma que tenha corrido muito bem, outra em que o seu desenvolvimento tenha sido considerado normal e uma última atividade em que o resultado final não tenha sido o esperado. A pertinência da seleção destas atividades está associada ao propósito de demonstrar que, embora o seu objetivo comum seja demonstrar como o uso das Expressões poderá potenciar a criatividade das criança, por vezes as estratégias e recursos utilizados não são os mais indicados para desencadear tal realidade.

2.5.1.1 a) Artes Visuais

A criatividade na perspetiva das artes visuais

Intervenções	Atividades
1 ^a	A6 – Monstrinhos das regras
3 ^a	A42 – Castanhas coloridas
4 ^a	A73- Árvores de Natal numerosas

A6 – Monstrinhos das Regras

Esta foi, de facto, a primeira atividade criativa do grupo, a partir da aplicação das Artes Visuais (A6), e surgiu a partir da exploração da história “O dia em que um monstro

veio à escola”. Nesta atividade, foi pedido às crianças que, a partir da reutilização de um rolo de papel higiénico e associando um conjunto de recursos e adereços, criassem um monstrinho semelhante àquele que tinham ouvido na história. Por outras palavras, foi pedido que, utilizando os materiais disponíveis, representassem o aspeto que teria um monstro das regras. Esta atividade decorreu dentro da normalidade e os alunos ficaram muito entusiasmados ao analisarem os recursos que tinham ao seu dispor. O maior espanto foi relativo aos pompons e aos olhos de plástico. Posteriormente, as crianças deliraram com o facto de poderem usar canetas de feltro para a decoração do seu monstrinho, sendo que estas canetas só eram utilizadas para práticas especiais, tendo em conta a rapidez de secagem da sua tinta.

Por forma a elucidarmos o leitor desta realidade, apresentamos na Figura que se segue (ver Figura 5) alguns apontamentos referentes à atividade desenvolvida.



Figura 5- Monstrinhos das regras- a)- recursos para a atividade (pompons, penas, marcadores); b),c), d) e e)- colagem de elementos para elaboração do monstrinho; f) monstros finalizados

É de salientar que esta foi uma atividade que correu muito bem e na qual pudemos observar, e de certo modo diagnosticar, o desempenho criativo de cada criança. Como aspetos criativos a ter em conta nesta atividade, tínhamos a forma de utilização dos recursos disponíveis, a forma de articular os mesmos e o facto do produto final ser um resultado do reflexo de como as crianças veem o mundo à sua volta, seja real ou imaginário.

Recorrendo aos discursos das nossas entrevistadas, podemos reparar através do discurso da Educadora A, que este é um método de promover a criatividade junto do

grupo, pois a mesma quando pretendia trabalhos criativos costumava agir de forma semelhante, tal como podemos perceber pelo excerto que se segue:

“dou um tema ou proponho um tema livre e disponibilizo os mais variados materiais e cada criança expressa a sua criatividade livremente, por vezes individualmente outras vezes em par. Os resultados são sempre surpreendentes” (Educadora A).

Nos excertos que se seguem partilhamos com o leitor alguns apontamentos do nosso diário de bordo, nos quais refletimos acerca dessa realidade.

“Hoje fizemos os monstros das regras, os meninos adoraram. À medida que iam acabando, vinham-nos mostrar os seus monstros e mostravam-nos as suas características individuais. Foi curioso observar que alguns monstros refletiam a forma de ser dos seus criadores.

A Fabiana, que é uma criança muito tímida, introvertida e tende a passar despercebida, criou um monstro muito pouco elaborado, apenas tinha três olhos colados, alinhados, e desenhado uns rabiscos, mesmo em baixo dos olhos, a caneta de feltro. Criou um monstro muito simples, pouco chamativo, usou o essencial apenas.

A Maria, que é uma criança muito ativa, espontânea e que gosta de chamar à atenção, criou um monstro utilizando todos os recursos disponíveis, utilizando cores garridas, combinando os pompons com círculos à volta com cores igualmente garridas. Fez questão de, na criação do seu monstro, associá-lo à figura humana, colocando dois olhos, um nariz e uma boca sorridente, tal como ela é todos os dias” (DB, 4 de outubro de 2016).

Apesar de esta ter sido uma atividade muito positiva, existem sempre aspetos a melhorar ou reforços de aprendizagens a fazer. Neste sentido, uma forma de reforçar esta atividade seria, no seguimento daquilo que as crianças fizeram no dia, promover uma apresentação oral ao grupo, do seu monstro. Referindo o porquê da escolha dos materiais, do número de olhos, de penas, etc. e tentar que as crianças associassem o seu monstro a uma regra de convivência social, pois de acordo com Moser (2015) “é necessário ter a capacidade de analisar o trabalho realizado pela criança, dando-lhe espaço para partilhar o que criou, e de explicar quais foram as suas motivações” (p. 15).

Através desta estratégia estaríamos a trabalhar não só a criatividade, aliada às Expressões Artísticas, como o desenvolvimento da linguagem oral, uma dos objetivos a trabalhar com o grupo, ou ainda as questões de cidadania, importantes desde cedo no

desenvolvimento da criança.

A42 – Castanhas coloridas

A segunda atividade selecionada (A42), consistiu na pintura de uma castanha. A realização desta atividade surgiu no seguimento do conto de uma história sobre castanhas que perderam a sua cor original. Nisto foi criada uma situação de criatividade condicionada, em que foi pedido às crianças que colorissem de forma livre as castanhas, utilizando para isso qualquer cor, exceto castanho. Nesta atividade, utilizámos um sistema de criatividade condicionada e inspirámo-nos nos conselhos de Morris (2011) que refere que “a essência da criatividade é inventar alguma coisa nova” (p. 106). Posto isto, julgamos ser do nosso interesse verificar com que facilidade as crianças contornavam o obstáculo presente na atividade: utilizar qualquer cor para colorir à exceção do castanho. No nosso entender, e de acordo com a visão de Moser (2015) “é essencial que a criança seja capaz de pensar sobre um tema, formular e encontrar respostas para o problema apresentado. Essa aptidão deve ser treinada, estimulada e colocada à prova, desenvolvendo o espírito crítico em relação a diferentes temas, tornando-se assim um ser mais curioso e desperto para o mundo” (p. 7).

Esta foi uma atividade que também decorreu dentro das nossas expectativas. Ao princípio, as crianças mostraram-se um pouco apreensivas com o facto de poder existir castanhas que não fossem da sua cor original. Porém, após um incentivo à sua imaginação e da criação de um ambiente permissivo e sem quaisquer condições, as crianças coloriram livremente as castanhas e o resultado final é o apresentado na figura que se segue (ver Figura 6).

Obtivemos castanhas multicores, castanhas com cores mais garridas, outras com cores mais desvanecidas e castanhas com as cores características, estas últimas, resultado da distração das crianças aquando da explicação e desenvolvimento da tarefa ou então pela dificuldade que possam ter tido em descolar-se do modelo original.

Esta atividade foi escolhida para ser apresentada neste nosso trabalho porque reflete exatamente como a criatividade funciona na cabeça das crianças, transmitindo-nos a sua expressão sob forma de cor, através da pintura. As cores utilizadas, as misturas, a forma e a força com que pegaram nos lápis de cor representam o desejo de evasão de cada criança, a forma como cada uma entende como deverá ser o mundo, encerrado naquele pequeno pedaço de papel, com a forma de uma castanha. Para complementar as nossas observações, partilhamos, nos excertos que se seguem, alguns apontamentos do nosso

diário de bordo, referentes a essas realidades.

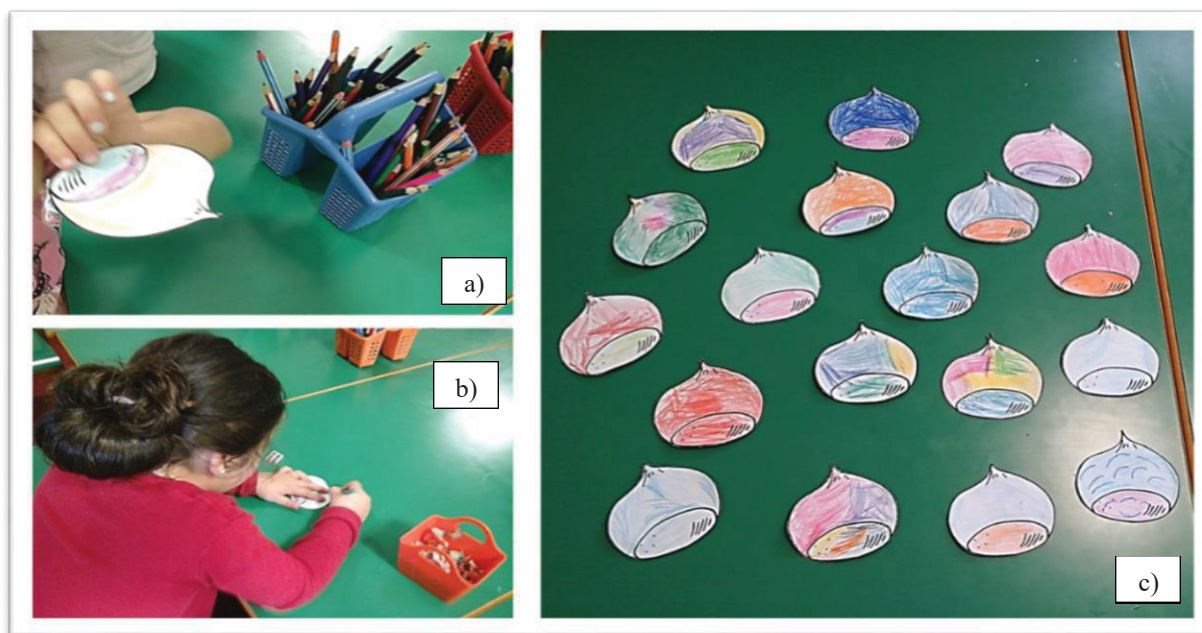


Figura 6-Castanhas coloridas- a)- Materiais para a atividade (desenho de uma castanha penas, lápis de cor); b)- Pintura com cor livre da castanha; f) Castanhas coloridas.

“Hoje quando entreguei as castanhas lembrei aos meninos que não deviam utilizar o lápis castanho, porque a castanha deveria ter outra cor qualquer que não aquela a que já nós conhecíamos. Minutos depois, estava a passar pelas mesas e a examinar os trabalhos quando vi a Filipa a fazer semicírculos na sua castanha. Intrigada, perguntei-lhe a razão pela qual tinha feito aqueles símbolos, ao que a Filipa me respondeu: “Oh professora é para ficar mais gira e para dar mais vontade de comer”. Nisto, só me restou continuar a andar e pensar que bom seria se todos os dias as crianças tivessem pelo menos 10 minutos de aula para dizerem tudo o que lhes viesse à cabeça, sobre tudo o que lhes vem à cabeça.” (DB,11 de novembro de 2016).

Após esta atividade ficámos ainda com mais certezas de que as expressões artísticas, neste caso a pintura, promovem a expressão da criatividade e essa por si tornou-se, mais uma vez, no espelho de cada criança. Como diria Moser (2015) “é essencial proporcionar situações de aprendizagens significativas e que seja dado espaço e tempo para as crianças pensarem e formularem hipóteses, dando oportunidade de errarem e de voltarem a experimentar” (p. 8).

Se voltássemos a realizar esta atividade, ou outra qualquer do mesmo género que levasse as crianças a desafiar o senso comum, optaríamos por introduzir a atividade de outra forma. Não contaríamos apenas uma história como nota introdutória, acrescentaríamos também alguma fundamentação acerca do assunto, adequada à faixa

etária. Neste caso, procuraríamos, antes da história das fadas, uma história que explicasse de modo simples como nascem as cores e como umas originam outras, como são obtidas, acompanhando esta história com uma demonstração teórica sobre o assunto.

A73 – Árvores de Natal numerosas

A terceira atividade (A73) tinha como objetivo trabalhar a noção de número, recorrendo ao uso das expressões artísticas e promovendo a criatividade das crianças. Sendo assim, foi pedido aos alunos que tirassem um número ao acaso e que, a partir deste número, decorassem uma árvore de Natal com acessórios de cores variadas que tinham ao seu dispor, devendo a decoração obedecer ao número de elementos previamente sorteado.

A figura que se segue reúne um conjunto de imagens que procuram ilustrar o desenvolvimento desta atividade (ver Figura 7)

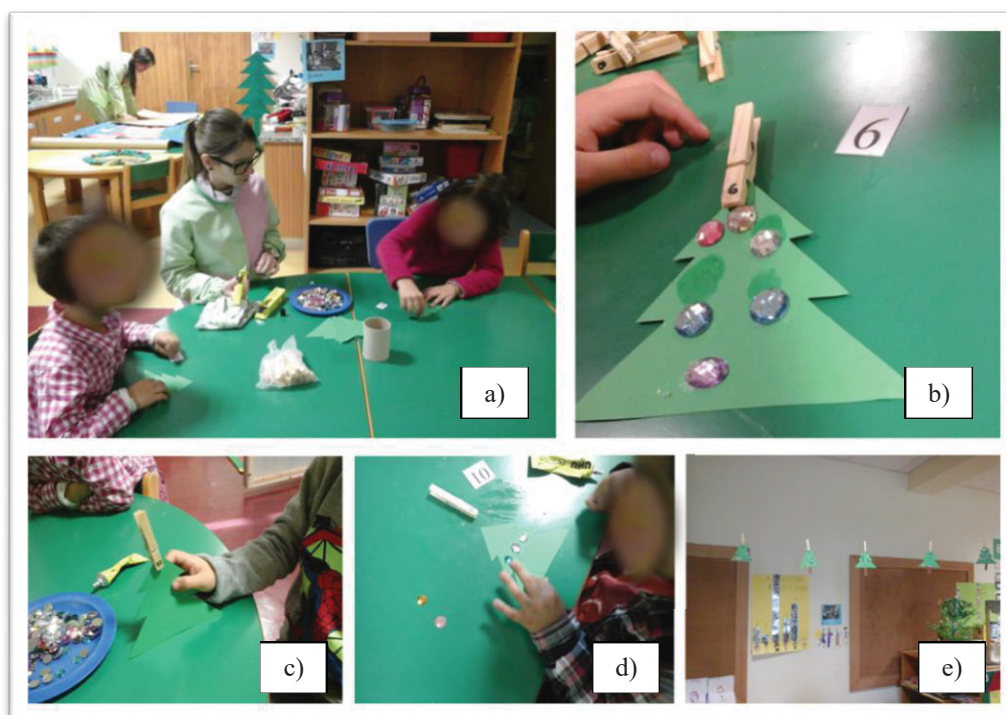


Figura 7- Árvores numerosas- a)- Colagem de “bolas de natal” na árvore; b)- Árvore final; c) Associação entre número sorteado e pregadeira com o respetivo número; d) contagem de “bolas de natal”; e) decoração da sala de atividades com as árvores

Esta atividade foi aquela que, de todas, considerámos ter sido a que menos apelou à criatividade das crianças, porque o único ato criativo que permitiu foi o das crianças organizarem e escolherem livremente a cor dos brilhantes, mediante o número sorteado. Aquando da planificação desta atividade, pensávamos que iria ter mais impacto e resultados mais significativos, mas tal não se verificou, talvez devido aos recursos disponibilizados. Para esta atividade as crianças tinham ao seu dispor brilhantes. A parte mais interessante da atividade acabou por ser aquela direcionada para a Matemática, mais

propriamente para a noção de número, uma das dificuldades diagnosticadas durante as nossas semanas de observação.

Num cenário ideal, esta atividade teria sortido resultados melhores se tivéssemos articulado melhor as artes visuais com a Matemática, isto é, se tivéssemos feito o mesmo tipo de atividade mas com mais recursos e, quem sabe, com formas diferentes de representação (colagem, desenho, modelagem).

Depois de refletirmos em torno das atividades que se desenvolveram no contexto das artes visuais, dedicaremos a nossa atenção àquelas que encontraram na Expressão Musical um contexto propício ao seu desenvolvimento. É o que nos propomos fazer de seguida, seguindo uma lógica em tudo semelhante àquela que agora desenvolvemos.

2.5.1.1 b) Expressão Musical

Sub-domínio	Atividade
<u>Expressão Musical</u>	A9-“O Padeiro”
	A61- Maracas personalizadas
	A41- “1,2,3 castanhas...”

A9 – “O Padeiro”

Esta foi a nossa primeira atividade selecionada para este domínio das Expressões Artísticas e a primeira atividade que dinamizámos com a turma de forma mais objetiva, isto é, não considerando as canções nos momentos de acolhimento, de almoço, de arrumar a sala, entre outros. Foi desenvolvida no seguimento da nossa primeira intervenção neste contexto de estágio e surgiu como um complemento da visita de estudo à padaria, de certa forma, a toda a temática lecionada e relacionada com o Ciclo do Pão. Nesta atividade os alunos ouviram a canção “O Padeiro” do álbum “ Sónia e as profissões” e, mediante a letra, improvisaram passos e coreografia, apresentando a mesma posteriormente a outro grupo de Pré-Escolar da mesma escola.

Consideramos que, na Expressão Musical, esta foi a atividade que melhores resultados apresentou, isto porque as crianças com os seus gestos, ritmos e formas de interpretação da música, foram bastante transparentes, não deixando margem para dúvidas da capacidade de inventar, improvisar e exteriorizar a individualidade de cada criança do grupo. A Figura que se segue reúne um conjunto de imagens que procuraram ilustrar esta realidade (ver Figura 8).

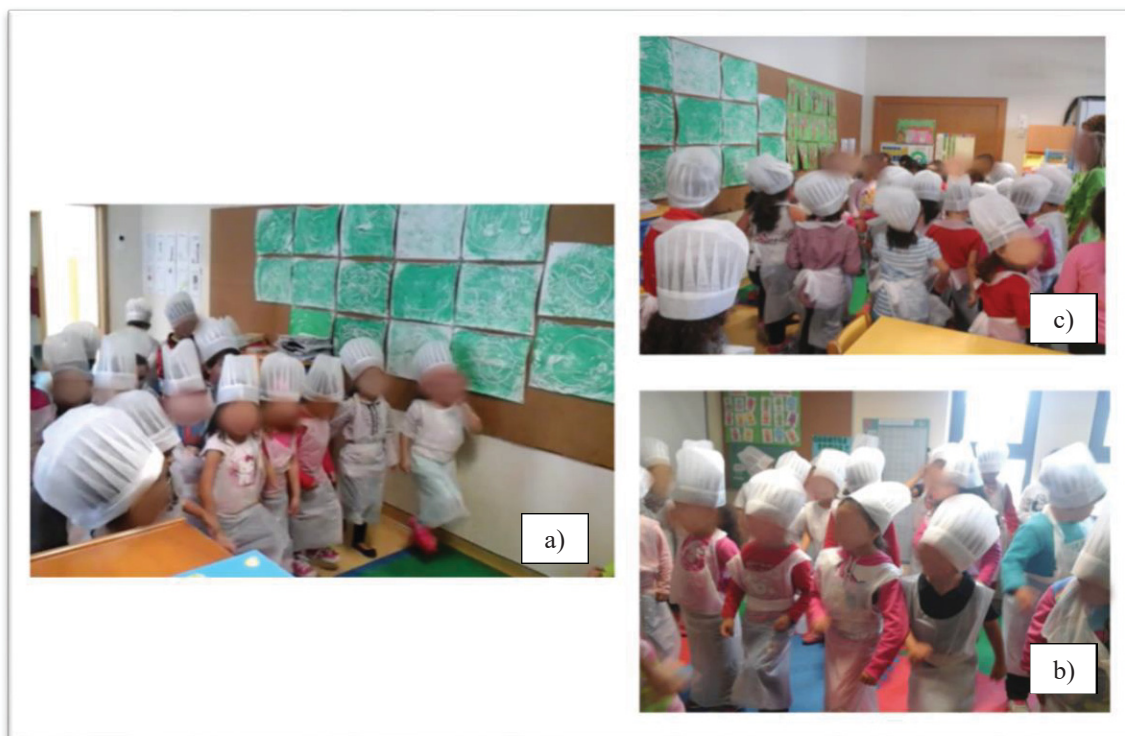


Figura 8- “O Padeiro” a) apresentação da coreografia a outro grupo do Pré-Escolar b -ensino da coreografia a outro grupo do Pré-Escolar; c) ensaio livre da coreografia

Com esta atividade podemos perceber que, muitas vezes, dar pequenos incentivos às crianças favorece o desenvolvimento da criatividade. Neste caso termos facultado aventais e chapéus de padeiro favoreceu imenso a dinamização da atividade, pois as crianças encarnavam a personagem e dançavam ao ritmo da melodia e da letra, utilizando inclusive o chapéu como adereço na dança.

No excerto que se segue, partilhamos com o leitor alguns apontamentos do nosso diário de bordo referentes a esta atividade.

“Hoje foi o dia da apresentação da música do Padeiro ao outro grupo da escola. Os meninos estavam ansiosos e todos vaidosos com as suas roupas. Pediram para levar os adereços para casa e à tarde, enquanto faziam o pão, começaram a cantar, sozinhos, a música do padeiro. Acho que ficaram mesmo a gostar da experiência e da maneira que são, nem tão cedo se vão esquecer dela.” (DB, 17 de outubro de 2016).

Apesar de esta atividade ter corrido muito bem, poderíamos ter feito uma versão alternativa em que colocaríamos a melodia da canção e pediríamos a cada uma das crianças para que, naquele espaço de tempo, improvisassem uma letra, podendo esta estar relacionada ou não com a temática em estudo. Sendo mais desafiador para as crianças criarem uma letra não relacionada com o Ciclo do Pão ou com o padeiro, nestas condições, poderíamos analisar com pormenor a competência criativa de cada criança.

Seria interessante fazer esta experiência, pois tal como nos diz Best (1996), “o que é central em relação à significação do termo que ser criativo é, precisamente, fazer alguma coisa original que, necessariamente, não poderia ter sido conseguido por seguir, exclusivamente, regras ou normas de conformidade” (p. 128).

A61 – Maracas personalizadas

A segunda atividade escolhida (A61) englobou no seu desenvolvimento duas componente das Expressões Artísticas: as Artes Visuais e a Expressão Musical, pois “O processo de criação e interpretação musical pode recorrer a instrumentos de percussão simples construídos pelas crianças, relacionando-se com as artes visuais” OCEPE (2016). Sendo assim, no âmbito da temática dos “5 sentidos” foi proposto às crianças a criação de um objeto musical, utilizando para isso material reciclado. Nisto, foram distribuídos por cada criança 2 copos pequenos de café. Foi explicado que deveriam decorar os dois copos como quisessem e que estes, depois de unidos, teriam no seu interior um pouco de arroz para que pudesse ser produzido um som.

Na figura que se segue apresentamos uma recolha de imagens ilustrativas dos vários momentos desta atividade (ver Figura 9).

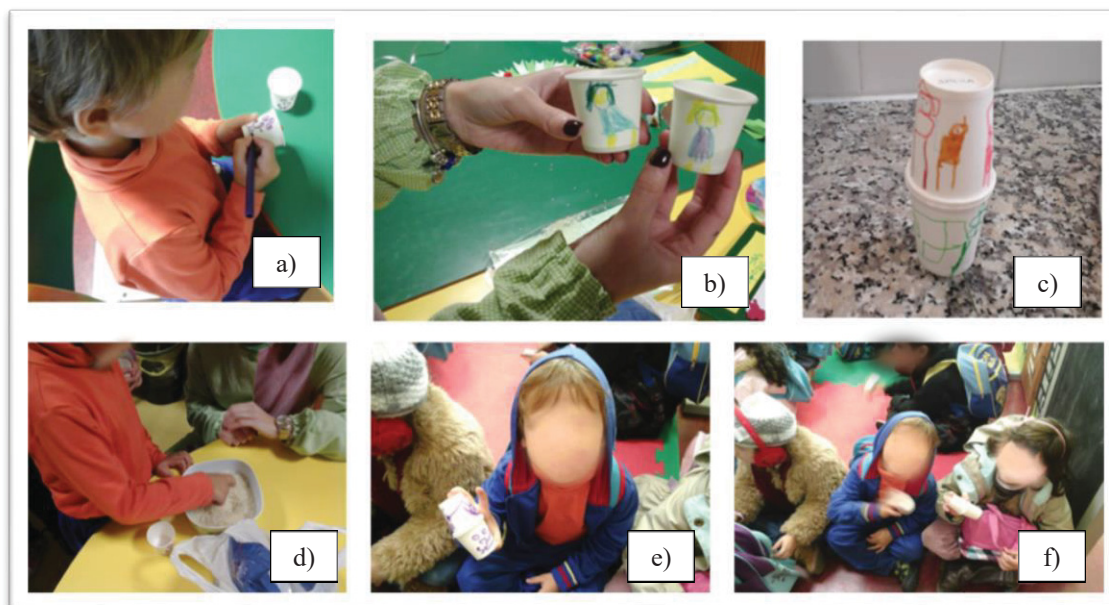


Figura 9- Maracas personalizadas- a)-decoração do copo da maraca b)-copos da maraca; c) maraca finalizada; d) colocação de arroz; e); f) dinamização de músicas com a maraca.

Com esta atividade pretendia-se que os alunos associassem o conceito de ritmo, a partir da construção de um material produzido por si e com algo que encontram no seu quotidiano, assim como criar nas crianças a noção de que as músicas têm ritmos e batimentos e que estes podem ser acompanhados com simples objetos, neste caso, com maracas.

Os resultados obtidos nesta atividade foram bastante satisfatórios, foi notória a satisfação das crianças ao aperceberem-se que tinham criado um instrumento musical e que este era único, bem como a forma como o som aparecia com o balanço do arroz no copo. Ao final do dia entregamos as maracas aos respetivos criadores e interpretámos a música da saída com a maraca criada. (ver Figura 9c). Este foi um momento de grande diversão para as crianças, que faziam questão de acompanhar atenta e corretamente o ritmo da canção com as suas maracas.

Apesar de esta atividade ter corrido bem e ter sido bastante satisfatória para o grupo, que adorava cantar canções com ritmos e alturas variadas, não podemos deixar de reconhecer que esta não teve os frutos esperados. Isto é, em vez de terem sido criadas condições para que a Expressão Musical fosse valorizada nesta atividade, mais precisamente o sentido de ritmo, consideramos que o auge da atividade esteve precisamente na produção do instrumento, na interligação das artes visuais, momento em que observámos a componente criativa de cada criança. Embora concordemos com Gabey e Vimenet (1974, p. 15) de que “ a linguagem plástica (...) é aquela para a qual nós tendemos mais naturalmente”, consideramos que nesta atividade devíamos ter contrariado esta tendência e deveríamos ter explorado previamente vários tipos de instrumentos musicais com as crianças e só no fim deste dia de intervenção construir na mesma a maraca, com as mesmas orientações que foram dadas inicialmente e promover assim um espaço de interpretação de uma canção utilizando o mesmo objeto para que assim pudéssemos aferir a criatividade na Expressão Musical.

A41 – “Uma, duas, três castanhas...”

Nesta nossa última atividade foi apresentada às crianças uma canção sobre castanhas. Para introduzirmos a canção recorreremos à utilização de um pictograma. Posto isso, foi pedido às crianças que participassem na construção do pictograma mediante a música que íamos cantando. Eram apresentados vários fragmentos ilustrados da letra e o grupo decidia qual era o correto de forma a completar corretamente a canção.

Posteriormente, foi pedido às crianças que cantassem a cantiga, mimando ao mesmo tempo a mesma, pois, tal como referem as OCEPE (2016) “(...) a comunicação não-

verbal que, podendo ser explorada especificamente em outros contextos (dramatização, mímicas), constitui um suporte importante da comunicação oral” (p. 66).

A figura que se segue reúne um conjunto de imagens que procuram ilustrar esta realidade (ver Figura 10).



Figura 10- 1,2,3 castanhas- a)-leitura faseada do pictograma b) leitura final e completa do pictograma; c) preenchimento do flanelógrafo com colagem de excertos da letra da canção; d) canção mimada com apoio da letra do pictograma

Infelizmente, esta atividade não gerou os resultados pretendidos devido ao nosso descuido relativamente à gestão do tempo. Nisto, apenas algumas crianças mimaram a canção individualmente, tendo os resultados e as apreciações criativas ficado comprometidas.

Sendo assim, num contexto ideal, teria sido bom se esta atividade tivesse sido dinamizada através de outra estratégia que não a utilizada, por exemplo: se aquando do momento da planificação colocássemos esta atividade num espaço com maior tempo, se pedíssemos às crianças que cantassem e mimassem a canção em grupo, ou então, se em cada grupo uma criança dissesse uma estrofe da canção, são exemplo de estratégias que poderíamos ter tido em conta e que agora nos servem de reflexão e como aprendizagem para intervenções futuras.

Depois de refletirmos em torno das atividades que se desenvolveram no contexto das Artes Visuais, bem como da Expressão Musical, dedicaremos a nossa atenção àquelas que encontraram no Jogo Dramático um contexto propício ao seu desenvolvimento. É o que nos propomos fazer de seguida, seguindo uma lógica em tudo semelhante àquelas que até agora desenvolvemos.

2.5.1.1 c) Jogo Dramático

Intervenção	Atividades
3 ^a	A34-A vida de um micróbio
3 ^a	A50-Quando for grande quero ser...
3 ^a	A19-“Joca, o Jacaré com dor de dente”

Neste ponto do nosso trabalho iremos focar-nos agora nas atividades desenvolvidas sob o domínio do jogo dramático. Neste domínio tentámos potencializar atividades que tivessem em conta a criatividade presente através da expressão corporal e da expressão vocal.

A34 – A vida de um micróbio

A nossa primeira atividade decorreu por altura da dinamização da temática da Higiene Oral e da importância desta na vida das crianças, alertando as mesmas para os cuidados que devem ter, desde cedo. Nisto, após uma palestra com uma higienista oral convidada, foram debatidos os vários problemas que podem surgir devido a uma má higiene oral, nomeadamente a presença de bactérias e micróbios na boca.

Assim, as crianças foram desafiadas a criar um micróbio e a dramatizar como seria a vida deste dentro da boca de uma criança. Posto isso, esta atividade decorreu então em dois momentos: num primeiro momento consistiu na criação do fantoche recorrendo ao domínio das Artes Visuais (ver Figura 11 a), b), e c)) e num segundo momento ao domínio do Jogo Dramático convocando uma dramatização utilizando o fantoche anteriormente criado para o efeito (ver Figura 11 e).

Foi interessante constatar as diferentes noções que as crianças tinham acerca dos micróbios. Enquanto algumas crianças optaram por desenhar um micróbio com uma figura definida, outras crianças desenharam pequenos círculos na folha, muito pouco detalhados. É de referir que a maioria das crianças ficou com uma ideia sólida de como eram os micróbios, devido ao vídeo da palestra, porque a maioria dos micróbios foram desenhados com membrana/dendrites à volta do corpo. Além disso, todos os micróbios foram desenhados com olhos e boca.

Depois do desenho individual dos micróbios, foi pedido às crianças que, a pares, recorrendo à utilização do seu fantoche de vara, dinamizassem um pequeno diálogo entre dois micróbios que vivessem no interior de uma boca. No mosaico de fotos que se segue partilhamos com o leitor alguns apontamentos referentes à atividade desenvolvida (Ver

Figura 11).

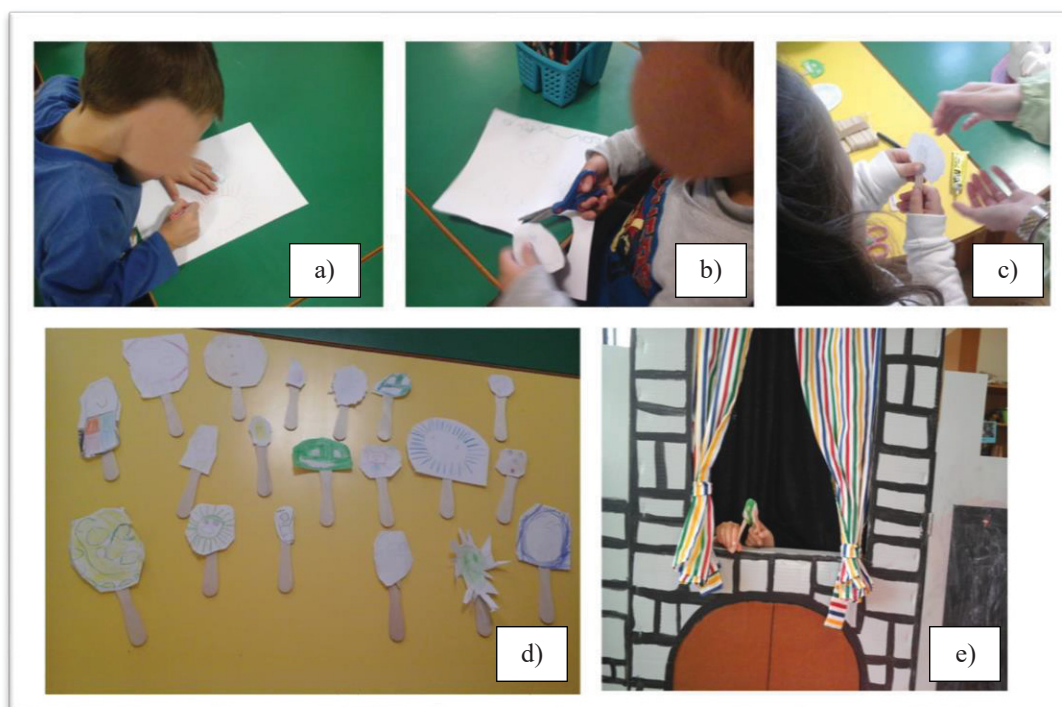


Figura 11- A vida de um micróbio- a) desenho do micróbio b) e c)- recorte e colagem do micróbio no pau de gelado; d) micróbios finais; e) dramatização final a pares.

Esta foi umas das atividades em que melhores resultados tivemos ao nível das nossas intervenções, pois promoveu o desenvolvimento das crianças a vários níveis, não só ao nível criativo, como também ao nível de inter-relação social e do desenvolvimento de linguagem oral.

Relativamente à criatividade, tivemos diálogos extremamente criativos, em que as crianças criaram situações bastante caricatas, mesmo sobre a base do improvisado. Nos excertos que se seguem partilhamos com o leitor alguns apontamentos do nosso diário de bordo, nos quais refletimos estas questões.

“Tiago: - Olá, eu sou um micróbio e vivo na boca de um menino. Na minha casa tenho a língua como teto...adoro viver aqui (saltos no palco). Vivo debaixo do nariz...

Maria: - Eu sou um micróbio lá lá lá (manda beijos para o público). Gosto muito dessa boquinha, é tão docinha.

Frederico: - Eu sou o Sr. Micróbio e vivo dentro da boca de um menino. Durmo em cima de um dente. Quando acordo, adoro saltar em cima da língua” (DB,4 de novembro de 2016).

De um modo geral e como já foi referido os resultados desta atividade foram bastante satisfatórios. No entanto, existem sempre alguns ajustes que poderão ser feitos,

isto porque, apesar de a dramatização a pares ter sido um aspeto positivo em relação à questão relacional, por outro lado, consideramos que limitou de certa forma a criatividade das crianças, pois um dos intervenientes falava mais do que o outro e havia sempre um elemento que tinha que puxar pelo outro, que tinha que levar o diálogo adiante. No entanto, Gloton e Clero (1971) salientam a importância deste tipo de atividades colocando ênfase em qualquer trabalho criativo da criança, pois para estes dois autores “quer seja de natureza individual ou colectiva, a criação representa, em todo o caso, uma forma de trabalho para a criança” (p. 112).

Adiantando uma breve reflexão em torno deste particular, consideramos que seria adequado fazerem-se alguns ajustes relativamente a esta atividade. Sendo assim, numa próxima intervenção, procuraríamos planificar uma atividade que também pudesse ser feita em grupo, mas com outras diretrizes, nomeadamente uma pequena peça, com papéis diferentes para os diferentes elementos e que retratasse uma situação do quotidiano, sendo que o meio e as vivências muitas vezes são uma chave para a criatividade, pois “a arte das crianças documenta claramente a interação da criança com o ambiente físico e psicológico.” (Lowenfeld e Brittain, 1987, p. 70).

A50– “Quando for grande quero ser...”

Esta nossa segunda atividade teve lugar após a pintura de desenhos das profissões, no final da intervenção dedicada a esta temática. Na sequência disto, as crianças escolheram um desenho sobre uma profissão que gostassem e pintaram livremente o seu desenho. Mais uma vez tivemos presentes duas áreas das Expressões Artísticas, as Artes Visuais e o Jogo Dramático, mas como é nosso objeto de estudo nesta parte do nosso trabalho, iremos direcionarmos para o efeito que o Jogo Dramático tem na dinamização da criatividade.

Após a pintura do desenho, os alunos construíram os seus fantoches de vara e no fantocheiro fizeram uma breve apresentação sobre a sua profissão, bem como da razão de a quererem experimentar no futuro. Na figura que se segue, partilhamos com o leitor alguns dos momentos mais relevantes da atividade em causa (ver Figura 12).

Esta foi uma atividade que correu dentro da normalidade, mas que necessitava de algumas alterações, nomeadamente ao nível do que era pedido às crianças. Apesar destas reconhecerem facilmente quais os propósitos da profissão escolhida, não foram muito criativas relativamente a situações em que as suas personagens pudessem participar. Seria adequado, talvez, estabelecermos um cenário já com uma história minimamente

elaborada e pedir a cada criança que, a partir daquela situação, avançasse com a sua personagem, pois as crianças revelaram ser ainda um pouco imaturas para explicar a sua motivação para a escolha de determinada profissão.

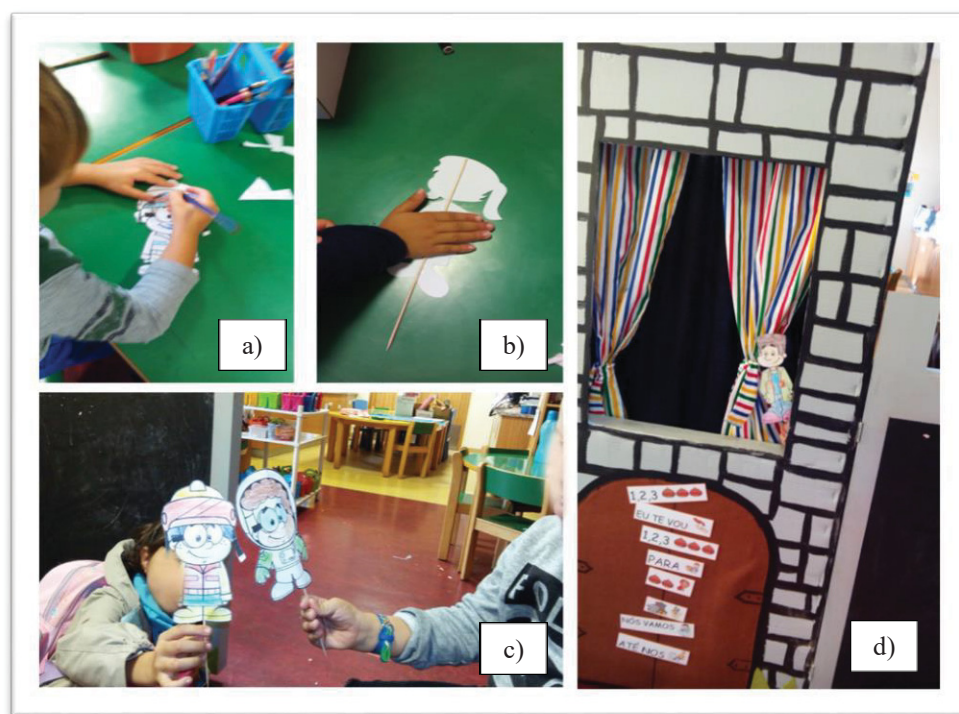


Figura 12- " Quando for grande quero ser..."- a) pintura do desenho da profissão pretendida b) e c)- colagem do fantoche no pau de espetada; d) dinamização livre das profissões; e) dramatização final no fantocheiro.

Mesmo assim, aquando da dramatização das profissões, algumas delas conseguiram visualizar situações divertidas, tal como nos é dado perceber nos excertos que se seguem:

“Luís: - Eu sou um bombeiro e vou salvar o gatinho da minha vizinha, que ficou preso numa árvore de maçãs.

Frederico: - Eu quero ser um astronauta para poder ser amigo dos Extra-terrestres.

Filipa: - Eu quero ser bombeira para poder ajudar toda a gente.

Margarida: - Eu vou ser professora e vou dar muitos beijinhos nos meninos.

Tiago: Eu sou um polícia e vou apanhar os ladrões no meu carro (som do carro da polícia)...Ai, já me esquecia dos donuts”.

Perante estes registos podemos então salientar o papel que a dramatização assume como antevisão e preparação da criança para o futuro e não apenas na forma como esta representa as suas vivências. Nisto, Gabey e Vimenet (1974) aludem à questão de que as Expressões Artísticas, neste caso mais específico, o jogo dramático “concorrem da mesma maneira para a edificação da personalidade” (p. 164).

A19 – “Joca, o Jacaré com dor de dente”

Esta nossa terceira e última atividade pretende demonstrar a forma como a criatividade, pode, muitas vezes, ser comprometida devido às condições em que é incentivada.

A dramatização da peça “Joca, o jacaré com dor de dentes”, decorreu também no âmbito da temática da importância da saúde oral. Nisto, após a nossa apresentação, foi pedido às crianças que, utilizando os fantoches criados para esta apresentação, recriassem um episódio alternativo àquele apresentado.

Por forma a elucidarmos o leitor desta realidade apresentamos, na figura que se segue (ver Figura 13), alguns apontamentos referentes à atividade desenvolvida.



Figura 13- “Joca, o jacaré com dor de dente”- a) fantoches criados para a dramatização b) dramatização feita pela estagiária; c) e d)- dramatização da história feita, a pares, pelas crianças do grupo.

Apesar da maioria dos alunos ter delirado com a experiência de utilizar fantoches de luva, foram muito poucos aqueles que fugiram ao guião e às falas originais da história. Embora algumas crianças tenham alterado a ordem das falas e acrescentado alguns detalhes à história, omitindo a participação de algumas personagens, no final, não foi possível observar muita criatividade nesta atividade.

Sendo assim, num cenário ideal, teria sido bom se tivéssemos apresentado primeiramente os fantoches com detalhes muito breves (quem é na peça) e pedir a partir daí que as crianças criassem histórias com os fantoches disponíveis. Só no fim

apresentaríamos a história original e refletiríamos acerca da mensagem que esta tentava transmitir às crianças. Na realidade, Gloton e Clero (1971) alertam-nos para o facto de que não existe necessidade de criarmos estratégias demasiado elaboradas que providenciem o exercício da criatividade, tudo o que importa é que ela [a criança] possa exteriorizar aquilo que deseja exprimir sempre que sente essa necessidade e ainda que se favoreça essa atividade pela instituição de situações motivantes” (p. 82).

De todas as áreas das Expressões Artísticas aquela que foi menos explorada, ou menos bem explorada, sem dúvida que foi a Expressão Musical, muitas vezes pelo facto das canções e de muitas atividades que incluíam esta área estarem já enraizadas nas rotinas das crianças e não haver pertinência para “duplicar” estas atividades. No entanto, a criação propositada de atividades musicais para o desenvolvimento da criatividade não foi um obstáculo a este objetivo, pois foi possível observar, em momentos livres, o recurso das crianças à Expressão Musical para exprimirem a sua criatividade.

A área mais desenvolvida e com resultados mais imediatos foi a da Expressão Plástica. As suas atividades revelaram com clareza a criatividade das crianças, através das cores utilizadas, dos materiais, das formas e dos objetos, e inclusive pelo seu empenho nas atividades, aspeto que também convocou a utilização da criatividade no processo expressivo. Como exemplo de uma atividade bem sucedida nesta área temos a “criação dos monstrinhos”.

Em modo intermédio ficou a exploração da Expressão Dramática, que muita vez surgiu integrada no exercício dos outros domínios de Expressões Artísticas. É de salientar que esta foi uma das áreas que, inconscientemente, foi dinamizada muitas vezes pelas crianças, isto é, as crianças, distraídas, sozinhas ou em pequeno grupo, criaram as suas pequenas dramatizações, assumiram pequenos papéis e personagens recorrendo à sua imaginação e à sua criatividade. Como exemplo de uma atividade bem sucedida nesta área temos as brincadeiras na casinha, nas quais surgiam imensas situações onde a criatividade era recorrentemente convocada, tal como nos é dado perceber nos excertos que se seguem:

Maria: “ - Vais portar-te bem, se não a bruxa vem buscar-te.”

Filipa: “ - Vou fazer canjinha para o bebé.”

Tiago e Ricardo: “- ão ão” (imitação de um cão)

2.5.2. As rotinas diárias da sala de aula como um convite à criatividade

Neste campo de ação centramo-nos nas atividades que foram desenvolvidas

aquando os momentos de rotina próprios do Pré-Escolar.

Neste eixo de análise decidimos focar-nos essencialmente nas atividades que decorreram nos tempos de brincadeira livre. Nisto, iremos analisar qual ou quais os sub domínios das expressões foram mais utilizados pelas crianças nesta altura. Quais os subdomínios que potenciaram o exercício da criatividade, quando a criança tinha ao seu dispor tempo e recursos para os gerir de forma livre e incondicionada.

Numa primeira fase iremos fazer uma reflexão sobre a forma como a criatividade surge em momentos/ rotinas característicos da Educação Pré-Escolar, mais propriamente nos tempos de brincadeira livre. No quadro que se segue, apresentamos uma síntese dos principais contextos desta análise.

Artes Visuais	• Pintura e desenhos livres
	• Recorte e colagem
	• Desenho no fantocheiro
Jogo Dramático	• Exploração de fantoches
	• Jogo dramático com colegas
	• Leitura imaginária de livros
Expressão Musical	• Canto de músicas aprendidas ao longo das intervenções ou do acolhimento

Neste período de tempo podemos observar que a maneira mais imediata de despertar a criatividade traduzia-se essencialmente através do exercício das Artes Visuais. Nomeadamente através da pintura de desenhos, de recorte e colagem e de modelagem. É de referir que as crianças, apesar de terem sempre desenhos impressos na sala, preferiam desenhar em folhas brancas, pedindo recorrentemente as mesmas. Outro aspeto de salientar está relacionado com as atividades de modelagem em plasticina. Inicialmente percebemos que as crianças ficavam sempre muito entusiasmadas com a plasticina, além de fazerem as mais diversas figuras. Quando questionadas sobre aquilo que tinham feito, as crianças tinham sempre explicações lógicas e criativas para as suas obras. No excerto que se segue partilhamos com o leitor apontamentos do nosso diário de bordo referentes a essa realidade:

Ricardo: “ - É o meu cão.”

Margarida: “ - É um bolo de fruta”.

Mediante a nossa observação percebemos que momentos livres eram os mais

propícios ao desenvolvimento da criatividade.

Esta é também a opinião que nos manifestou a Educadora A. Nas suas palavras:

“É quando das atividades mais livres que a criança tem a oportunidade de explorar livremente, de investigar, de testar e de experimentar os mais diversos materiais que estão ao seu alcance” (Educadora A).

Por forma a elucidarmos o leitor acerca desta realidade, apresentamos na Figura que se segue alguns apontamentos referentes às atividades desenvolvidas (ver Figura 14).

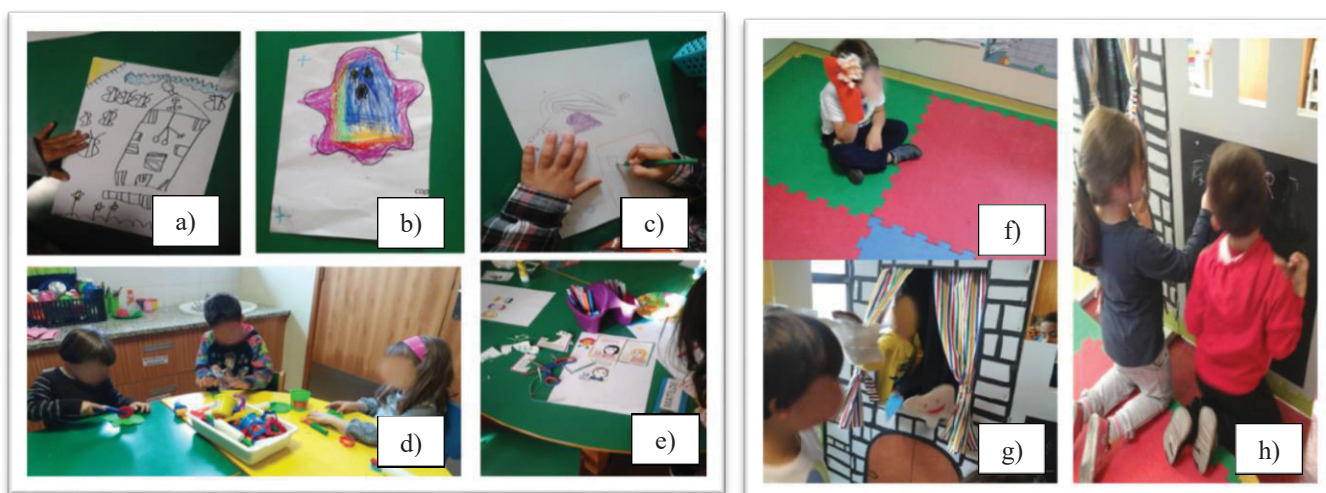


Figura 14- As rotinas diárias como um convite à criatividade- a),b) e c)- pintura e desenhos livres e d)- modelagem de Figuras; e) recorte e colagem de revistas e livros de desperdício; f) e g)- dramatização com fantoches; h) desenho e escrita no fantocheiro.

2.5.3. Dicionários ilustrados e registos de visitas de estudo

Apesar de neste campo de ação do nosso trabalho privilegiarmos muito mais as atividades desenvolvidas durante o tempo estabelecido para as atividades livres, tivemos também no nosso foco as atividades ou as expressões criativas que decorreram aquando da lecionação das diferentes temáticas, mais propriamente, os momentos de registo das aprendizagens. Na opinião de outra da Educadora entrevistada, esta também foi uma realidade enfatizada, tal como se percebe no discurso que transcrevemos de seguida:

“É pela arte que a criança começa a interagir com o meio envolvente, dando-se assim, a sua aprendizagem” (Educadora B).

Na figura que se segue partilhamos com o leitor alguns dos momentos acima enunciados (ver Figura 15).

Relativamente a este tipo de atividades, foi possível testemunhar a criatividade das crianças através dos registos das temáticas trabalhadas ao longo das nossas intervenções

com a elaboração de dicionários ilustrados e de desenhos de registo de visitas de estudo. Através da representação dos símbolos foi possível perceber qual a perceção que as crianças têm dos objetos, a que pormenores prestam atenção, resultado da sua interpretação da realidade, do mundo que as rodeia, pois tal como refere Piaget (1999) “a criança pequena consegue exteriorizar espontaneamente a sua personalidade e as suas experiências interindividuais, graças aos diversos meios de expressão que estão à sua disposição” (p. 179).



Figura 15- Dicionários ilustrados- a) dicionário da higiene oral; b)- dicionário do Natal; c) dicionário do Ciclo do Pão; d)- registo da visita de estudo ao Museu Etnográfico das Capelas

3. A organização da sala de atividades como um espaço de criatividade

Neste eixo de análise pretendemos focar a nossa atenção na sala de atividades. Mais propriamente, procuramos saber como é que a sala de atividades, a sua organização e os espaços que fazem parte desta estrutura, poderiam eventualmente ser utilizados a favor do desenvolvimento da criatividade e/ou como um incentivo ao desenvolvimento da mesma. Neste particular, Martins (2000) adianta-nos que "a expressão plena do potencial criativo de cada um não depende apenas do treino e do estudo; é igualmente importante a existência de um ambiente adequado" (p. 5).

Apesar deste não ser o foco do nosso trabalho, temos a acrescentar que as áreas da sala de atividades constituem um incentivo à criatividade, visto que permitem o estabelecimento de situações em que as crianças criam ao mesmo tempo que brincam. Era em áreas como a casinha e a garagem que as crianças mais utilizavam o jogo

dramático. Na biblioteca as crianças aproveitavam para tirar partido das suas habilidades criativas desenhando e colorindo desenhos ou fazendo modelagens na área da plástica. Expressavam igualmente a sua criatividade “lendo” livros de histórias. Desta forma, só nos resta concordar com Moser (2015), que adianta que estes espaços delimitados na sala de atividades são essenciais para a promoção da criatividade das crianças. Considerando as potencialidades e recursos que estes espaços muitas vezes apresentam, este autor defende que “é essencial proporcionar situações de aprendizagens significativas e que seja dado espaço e tempo para as crianças pensarem e formularem hipóteses, dando oportunidade de errarem e de voltarem a experimentar. Vai ser através das diferentes experiências e situações vividas que as informações recolhidas do mundo vão ser correlacionadas e interligadas, partindo depois para a descoberta de novas propostas de soluções”.

A figura que se segue reúne um conjunto de imagens que procuram ilustrar esta realidade (ver Figura 16).



Figura 16-Fantocheiro- a) perspetiva completa do fantocheiro; b)- apresentação do fantocheiro ao grupo; c) espaço de dramatização; d)- suporte de instrumentos e/ou recursos para atividades criativas(instrumentos musicais, fantoches, marcadores, giz, etc.); e) e g) espaço de desenho e suporte de materiais; f) flanelógrafo.

Aquando do processo de observação, foi possível perceber que existiam no grupo crianças que desenhavam de forma muito rudimentar, além de que a Expressão Plástica e a Expressão Dramática eram áreas muito pouco dinamizadas. Neste sentido, tentámos combater esta falha introduzindo um fantocheiro na sala, de forma a criar um espaço em

que as crianças se sentissem convidadas a dar asas à sua criatividade. Este fantocheiro tinha a forma de um castelo com uma janela - uma janela para a criatividade - e incluía os vários subdomínios das Expressões Artísticas, uma “superfície” de madeira com suportes para os acessórios respetivos aos subdomínios das Expressões Artísticas: Expressão Dramática, Expressão Musical, Dança e Expressão Plástica.

Na opinião da Educadora B, este tipo de material/estrutura faz todo o sentido numa sala de atividades quando se trata de promover a criatividade neste local. Nas suas palavras,

“recorrer à criatividade em contexto sala de aula é sensibilizar para a realização de manifestações artísticas, logo a criatividade de ser explorada em todos os seus domínios e áreas” (Educadora B).

Com a colocação do fantocheiro na sala de atividades o grupo ficou muito mais desperto, não só para as atividades dramáticas, mas também de desenho. É de referir que com apenas este castelo foi possível solucionar algumas das dificuldades com que nos deparámos nas nossas semanas de intervenção, a falta de dinamização do jogo dramático, o domínio da motricidade fina por parte de alguns alunos e um suporte para fixação de pictogramas ou quaisquer outros recursos com velcro.

Nos excertos que se seguem, partilhamos com o leitor alguns apontamentos do nosso diário de bordo, referentes a essa realidade. Foi interessante ver como um suporte deste tamanho permitiu à maioria do grupo desinibir-se e fazer breves apresentações livres, para um colega ou mesmo para ninguém.

“Hoje fiquei admirada com o Ricardo! Apesar de ontem quase não ter falado no teatro do micróbio, hoje pegou no fantoche do dentista e repetiu as falas da história, enquanto a Amélia, sentada no chão, ria-se das figuras que o Ricardo fazia com o fantoche” (DB, 4 de novembro de 2016).

Além disso, foi através dos desenhos no fantocheiro que muitas vezes foi possível observar a criatividade das crianças, através da expressão das suas projeções. Vejamos o excerto que se segue:

“ Mais uma vez, a Maria desenhou uma flor e corações no fantocheiro. Mais uma vez quis mostrar-me o seu desenho e ao vê-lo perguntei para quem era aquela flor tão bonita, ao que a Maria respondeu que era para oferecer à sua mãe, quando fosse para casa dela.” (DB, 15 de novembro de 2016).

Não podemos deixar de observar o modo como o quadro negro funcionava como

uma espécie de chamada criativa para as crianças pois, à semelhança dos desenhos as crianças viam o quadro negro do fantocheiro como um espaço de treino para a escrita e como um espaço para desenhos de grandes dimensões. Na opinião da Educadora B, esta era uma boa oportunidade para as crianças expressarem a sua criatividade, pois

“através da pintura, desenho, entre outros, as crianças conseguem transmitir muita coisa que verbalmente não conseguem fazê-lo.” (Educadora B)

Posto isto, só nos resta afirmar que, muitas vezes, o nosso fantocheiro era uma espécie de escape para as crianças. Quando estavam cansadas das outras áreas da sala ou estas estavam cheias refugiavam-se nos fantoches e no quadro do fantocheiro, acabando por expressarem involuntariamente a sua criatividade. Notámos que algumas crianças criavam diálogos consigo mesmas, isto é, com o seu fantoche, muitas vezes conversas que resultavam das suas vivências. A partir daí podemos enfatizar a ideia de que a criatividade representa uma forma de expressão, possibilitada pelas Expressões Artísticas. Pelo discurso da Educadora B este tipo de acontecimentos não deve ser criticado. Nas suas palavras:

“quando um educador/professor dá oportunidade aos seus alunos de exporem as suas ideias, as suas vivências, a sua personalidade, está a permitir com que estes exponham a sua criatividade, ou seja, está a dar-lhes oportunidade de serem eles próprios. Como por exemplo, através de um simples desenho livre a criança transmite no papel a sua criatividade, independentemente do resultado, pois não deve ser julgado, mas sim questionado para podermos entender como a criança vê o mundo” (Educadora B).

Nesta ordem de ideias, concordamos com Condessa (2006), quando nos diz que “na sua generalidade, a criatividade resulta da interligação de 4 dimensões: a pessoa, o processo, o produto e ambiente, todas elas com um peso relevante na educação” (p. 40).

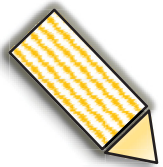
Após os nossos momentos de observação, reflexão e análise das entrevistas aos docentes, é-nos possível retirar algumas conclusões relativamente à forma como a criatividade é promovida e vivenciada pelos docentes e crianças na Educação Pré-Escolar.

A grande tendência neste nível de ensino é ver a criatividade como fruto das vivências e da forma da criança ver o mundo. O método mais utilizado e mencionado pelas docentes como forma de perceber a criatividade das crianças é essencialmente nos momentos livres e através dos seus desenhos.

Neste seguimento, a área que as docentes consideraram ser mais propícia ao desenvolvimento da criatividade é a Expressão Plástica, concordando que as Expressões Artísticas são essenciais no currículo da Educação Pré-Escolar e que as Expressões

Artísticas e a criatividade não podem ser dissociadas, pois, é através das expressões que o aluno se mostra ao mundo utilizando para isso a sua criatividade.

Apresentado, descrito e fundamentado o contexto e o trabalho desenvolvido por nós no contexto de estágio na Educação Pré-Escolar, seguimos para o ponto seguinte do nosso trabalho, no qual nos propomos realizar uma abordagem semelhante, desta vez no contexto do nosso estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico.



CAPÍTULO III- Estágio em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Caracterização do meio

Pertencente ao concelho de Ponta Delgada, a escola onde realizámos o nosso estágio estava localizada no centro da ilha de São Miguel, o que representava um fácil acesso, bastante favorável aos alunos em caso de visitas de estudo a possíveis lugares de interesse, relacionados com os temas em estudo.

A base da economia da freguesia assentava no sector agrícola e turístico. A existência destes sectores permitia um estudo mais aproximado e real daquilo que fazia parte do meio dos alunos, nomeadamente o reconhecimento, a importância e a utilidade de alguns lugares da localidade. É de notar que a existência destes serviços possibilita um estudo mais intensivo de alguns temas subjacentes à área do Estudo do Meio através da realização de visitas de estudo e da realização de sessões de esclarecimento, mais propriamente no caso d' "As Instituições" e dos "Cuidados de Higiene e Saúde". A existência de superfícies comerciais como um supermercado e um cabeleireiro eram consideradas benéficas no sentido de que aproximar os alunos dos contextos reais, podendo ajudar os mesmos na resolução de problemas semelhantes aos do quotidiano, na área da Matemática.

Ao nível cultural, a freguesia era composta por vários solares, considerados pontos de turismo obrigatórios, além de uma igreja e de alguns fontenários onde podiam ser admirados grandes detalhes da arquitetura portuguesa. Estes monumentos podiam auxiliar a nossa na prática, na medida em que permitiam a observação de registos que podiam estimular a criatividade dos alunos.

Ao nível recreativo, a localidade em questão era uma comunidade enriquecida, visto que contava com grupos recreativos que permitem descobrir e desenvolver os talentos dos alunos desde cedo, nomeadamente grupos de folclore e de romeiros, que primam pela promoção das tradições açorianas, possibilitando, ao mesmo tempo, a ocupação e a formação dos alunos. Para além disso, a freguesia contava com escolinhas de desporto e com um grupo de escoteiros que apelavam à prática do exercício físico desde cedo.

3.2. Caracterização da escola

A escola onde nos propusemos a realizar o nosso estágio era uma escola com edifício de tipologia "P3".

Ao nível da sua estrutura este estabelecimento de ensino encerrava doze salas, agrupadas em núcleos de quatro, nomeadamente sete salas para o 1.º Ciclo do Ensino

Básico, quatro salas para a Educação Pré-Escolar e uma para o A.T.L (Atividades de Tempos Livres), assim como um polivalente, uma cozinha, um refeitório, uma biblioteca, um gabinete administrativo, três gabinetes de apoio, uma sala de professores e dezassete casas de banho (doze para crianças, quatro para adultos e uma ajustada para pessoas portadoras de deficiência).

O refeitório da escola localizava-se no piso 0 e era composto por sete mesas, onde eram distribuídos os diferentes anos escolares. Contava com uma capacidade média para cento e nove lugares. À entrada do refeitório deparávamo-nos com cinco lavatórios ajustados ao tamanho dos alunos, onde estes faziam a sua higiene antes e depois de comerem.

Ao lado do refeitório, localizava-se a biblioteca da escola, pouco dinamizada, com a presença de apenas alguns recursos, como alguns livros, poltronas para leitura, uma televisão destinada à visualização de filmes e um “cantinho” de fantoches.

Ainda no piso 0 era onde se localizava o polivalente, local onde os alunos realizavam grande parte das aulas de Expressão Físico-Motora. Era um espaço relativamente amplo, composto por colunas, que embora isoladas com esponjas coloridas nas suas extremidades, funcionam um pouco como uma barreira arquitetónica aquando da prática das atividades no meio do polivalente. A vigilância e a dinamização dos recreios era da responsabilidade dos vários funcionários e professores a lecionar na escola, sendo que a vigilância era sempre repartida por um assistente operacional e por um professor/educador. Cada professor era responsável por acompanhar a sua turma ao recreio uma vez por semana. As crianças da Educação Pré-Escolar ocupavam a área envolvente da escola para brincarem, enquanto os alunos do 1.º Ciclo utilizavam o campo de jogos. Apesar de a parte do recreio que era coberta não ter grandes dimensões, em dias de chuva, era onde as crianças brincavam. É de notar que, na sua totalidade, o recreio estava desprovido de equipamentos adequados para o entretenimento dos alunos.

A escola contava com aproximadamente cento e oitenta alunos, com idades compreendidas entre os três e os dez anos de idade.

O corpo docente era constituído por quatro educadoras de infância e por uma educadora de apoio para a Educação Pré-Escolar. Em relação ao 1.º Ciclo, existiam sete professores do primeiro ciclo do ensino básico, uma professora de apoio, uma professora de inglês, um professor de Educação Físico-Motora, uma professora de NEE e uma professora de Educação Moral Religiosa Católica/Cidadania. O corpo não docente era formado por cinco assistentes operacionais. Da equipa docente/ não docente ainda fazia parte uma terapeuta da fala, uma terapeuta ocupacional e uma psicóloga, que trabalhava

com todos os núcleos da Escola Básica Integrada.

O horário de funcionamento da escola era diferente entre a Educação Pré-Escolar e entre o 1.º Ciclo do Ensino Básico. O horário da Educação Pré-Escolar era das nove às quinze horas, almoçando das doze horas e trinta minutos às treze horas e trinta minutos, enquanto que para o 1.º Ciclo do Ensino Básico variava conforme o dia da semana. A hora de almoço era idêntica à da educação Pré-Escolar, das doze horas e trinta minutos às treze horas e trinta minutos.

De acordo com o Regimento Interno da Escola, “existe um funcionário da Junta de Freguesia junto à passadeira nas horas de saída e entrada de alunos e, sempre que possível haverá um agente da Polícia Municipal da Câmara Municipal de Ponta Delgada, no portão, para uma melhor segurança dos alunos”. Ainda em relação à segurança, a escola possuía um sistema de videovigilância, além de que os assistentes operacionais garantiam a segurança dos alunos na sua entrada e saída. As crianças eram ajudadas a entrar e a sair do autocarro que as transportava até à escola, uma vez que não estavam autorizadas a ausentar-se do recinto escolar sozinhas ou com alguém desconhecido. Relativamente a casos de incêndio ou catástrofes naturais, a escola estava provida de um plano de segurança e evacuação, assim como de mapas de saídas de emergência afixados em várias alas do edifício, materiais de combate a incêndios e um kit de primeiros socorros. Estes e outros componentes constituíam um conjunto de medidas que permitiam uma maior segurança e um bom funcionamento da escola.

3.3. Caracterização da sala

Relativamente à sala de aula da turma na qual realizámos o nosso estágio, podemos referir que esta se situava no primeiro andar da escola, estando organizada conforme as suas necessidades. Havia espaço suficiente para que os alunos pudessem circular dentro da sala, assim como a docente, no caso de necessitar de apoiar algum aluno em particular. A sala encontrava-se decorada com vários cartazes e trabalhos realizados pelos alunos, relacionados com as várias temáticas estudadas pela turma. Relativamente à composição da sala, esta tinha o formato retangular, era uma sala luminosa, arejada e ampla, sendo constituída por mesas que estavam dispostas para a frente do quadro e distribuídas por três filas. A sala contava ainda com uma secretária para a professora que se encontra virada para os alunos, com um computador, dois quadros de giz, com um lavatório e com armários para arrumação. Os alunos estavam, maioritariamente sentados a pares, estando alguns sentados sozinhos por motivos que se prendiam com a

concentração dos mesmos.

A sala estava equipada com uma pequena biblioteca onde estavam expostos alguns livros para consulta, bem como alguns conteúdos básicos para auxílio dos alunos, afixados nas paredes. Junto à sala encontravam-se duas casas de banho, uma destinada aos meninos e a outra às meninas. A nossa sala fazia fronteira com outra sala do mesmo ano curricular, o que facilitava o trabalho cooperativo entre as duas salas, com vista ao desenvolvimento de projetos entre as duas turmas e ao consequente sucesso das mesmas.

Apresentamos, de seguida, uma representação da sala no início e no fim do nosso estágio (ver Figuras 17 e 18).

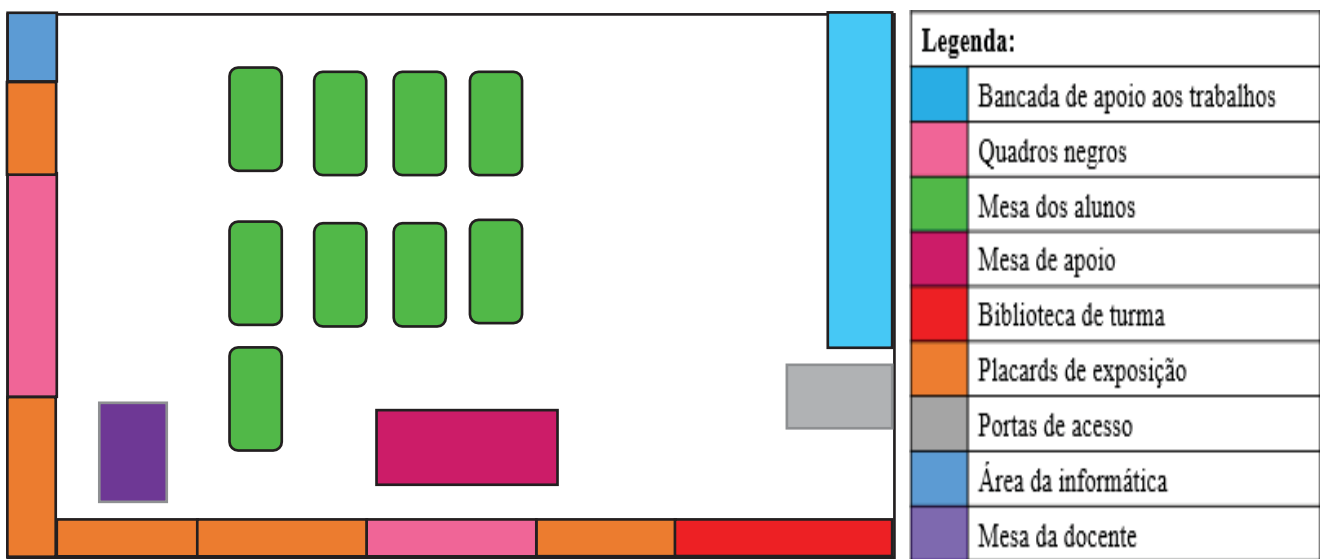


Figura 17 – A sala de aulas no início do nosso estágio.

Aquando da finalização do nosso estágio, a organização inicial da sala de atividades havia sido alterada, pois foi sofrendo alterações mediante os objetivos que tínhamos definido aquando o início do mesmo.

Na figura que se segue demos conta dessas alterações (ver Figura 18).

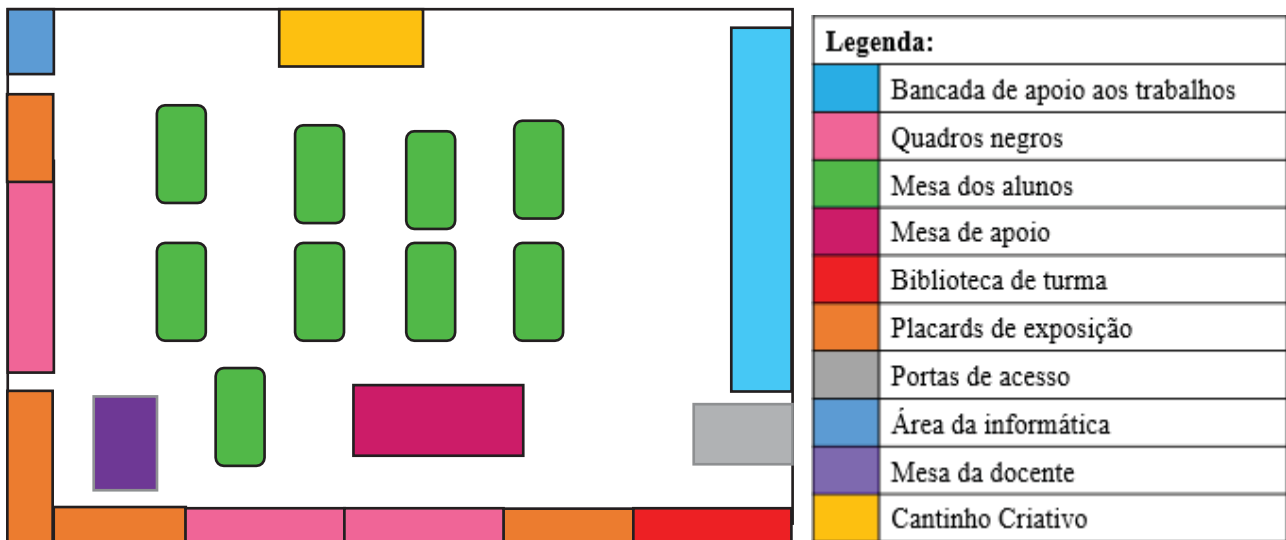


Figura 18- A sala de aulas no final do nosso estágio.

Como podemos verificar pelas figuras acima apresentadas, a sala de aula sofreu apenas uma alteração. Isto para não perturbar a movimentação dos alunos pela sala que tinham por costume tirar dúvidas na secretária da professora, assim como entreajudarem-se uns aos outros. A pertinência da introdução de um novo espaço dentro da sala de aula será explicada, posteriormente, na sequência das atividades desenvolvidas. No entanto, há que referir que a disposição da sala e a forma de organização da mesma em muito auxiliou a nossa prática, sendo que permitiu, por diversas vezes, a realização de trabalhos de grupo sem grandes modificações do espaço e de transtorno para os alunos. Para além disso, a referida organização permitia criar um pequeno espaço de dramatização à frente do quadro e à vista de todos os alunos, facto este bastante proveitoso para a nossa prática. A existência de placards de cortiça na sala também era bastante útil, na medida em que, após a leção dos conteúdos, os materiais construídos para o efeito e muitas vezes os próprios trabalhos dos alunos eram ali afixados sob forma de registo dos conteúdos abordados.

Outra das potencialidades da sala de aula que aproveitámos aquando do nosso estágio foram os recursos tecnológicos disponíveis: o computador e o projetor. Através do uso destes recursos foi possível projetar filmes e apresentações multimédia que enriqueceram a leção dos conteúdos.

3.4. Caracterização da turma

No ano letivo em causa, frequentavam esta turma do 2.º ano de escolaridade dezasseis alunos, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos. Dos dezasseis alunos, sete eram do sexo masculino e nove do sexo feminino. A maioria da turma era

assídua e pontual. Naquela, acompanhados desde o 1.º ano de escolaridade pela mesma docente titular, apenas um aluno se encontrava a repetir o 2.º ano.

A maioria dos alunos residia na freguesia onde estava situada a escola. Enquanto metade dos alunos chegavam à escola acompanhados pelos pais ou outros familiares, a outra metade vinha de autocarro, devido ao facto de se tratar de uma freguesia grande e pelos pais, em muitos dos casos, não terem possibilidades de transportar os filhos. A maioria dos alunos provinha de um meio social desfavorecido, o que, na maior parte dos casos, originava pais pouco interessados na aprendizagem dos filhos. Apesar deste facto, a maioria dos alunos realizava sempre os trabalhos de casa, tal como tivemos oportunidade de comprovar ao longo das nossas práticas.

Naquela sala existiam três alunos com Necessidades Educativas Especiais, usufruindo de apoio de um docente especializado nas várias áreas. Além disso, um dos alunos frequentava a terapia da fala.

Tendo como base a nossa observação, podemos adiantar que a turma era um pouco agitada. Os alunos eram dinâmicos, participativos e afetuosos, revelando também uma grande capacidade de interação com todos os alunos e adultos.

No que diz respeito à alimentação, a maioria dos alunos lanchava o que trazia de casa acompanhado do leite cedido pela escola. Ao almoço a maioria dos alunos almoçava no refeitório da escola, através do sistema de senhas.

Ainda através da observação direta, da transmissão dos conteúdos e da realização de atividades, foi possível retirar algumas conclusões sobre a turma, que partilhamos de seguida.

No que diz respeito às diferentes áreas do conhecimento os alunos mostravam dominar melhor o Estudo do Meio, tendo mais dificuldades no Português e na Matemática. Em relação ao Português sentiam muita dificuldade na escrita e nos casos de leitura, sendo que um aluno ainda não sabia escrever nem ler autonomamente. No que diz respeito à Matemática o grupo ainda sentia dificuldades, tinha a necessidade de reforçar todos os conteúdos transmitidos desde o início do ano. No que concerne à área da Expressão Artística o grupo mostrava-se bastante interessado nas atividades relacionadas com esta área. Este interesse e entusiasmo devia-se também ao facto de não haver muitas horas destinadas para tal. Relativamente à aula de educação moral/ cidadania, a maioria da turma assistia às aulas de moral havendo apenas dois alunos que, por opção dos pais, tinham neste horário aula de Cidadania.

Relativamente à caracterização dos alunos, existiam alunos mais estimulados do que outros, os primeiros revelavam bastante sentido de responsabilidade, autonomia e

empenho, desempenhando todas as tarefas de forma organizada, ouvindo com atenção as indicações dadas e realizando os trabalhos até ao fim. Era o exemplo do Filipe, do Hugo, da Carlota e da Inês.

Em relação aos alunos com mais dificuldades estes apresentavam muitas vezes um bom empenho nas atividades desenvolvidas. No entanto, não conseguiam desenvolver o trabalho sem ajuda, ou sem o incentivo da professora cooperante. Era o caso da Filipa, do Carlos e da Madalena.

À semelhança da caracterização que fizemos na Educação Pré-Escolar, também no Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico nos dispomos a analisar o perfil de criatividade da turma, caracterizando a mesma primeiramente de uma forma mais geral e posteriormente realçar alguns casos cuja criatividade era emergente em todas as situações em que as Expressões Artísticas foram convocadas.

Assim, considerando a classificação de Sousa (2003), podemos fazer corresponder esta turma com a fase realista em transição para uma fase de projeto. Ora, nesta posição os alunos já têm alguma noção daquilo que produzem, já conseguem gerir os recursos que irão utilizar e, conseqüentemente, já preveem quais serão os resultados finais das suas obras. Desta forma, organizam e reinventam, isto é, planeiam o seu trabalho, por forma a ultrapassar o anteriormente pré-concebido na sua mente para criar algo fora de comum, mas que vai ao encontro dos objetivos iniciais dos alunos, em virtude dos desafios e atividades que lhes são propostos.

Dos alunos que mais se evidenciaram ao nível criativo podemos enunciar o caso do Hugo e da Liliana. Estes dois alunos não eram alunos brilhantes ao nível académico, no entanto, conseguiam ser bastante expressivos e criativos. Enquanto a manifestação criativa da Liliana baseava-se nas formas alternativas de combinação de elementos nas suas produções artísticas, combinações muitas vezes “exageradas”, no caso do Hugo, este destacava-se dos seus colegas pelo facto das suas obras criativas serem fruto de uma noção de lógica. Salientamos o desenho da *pizza* de frações (A9), em que o Hugo, dividiu esta ao meio e de um lado colocou alimentos saudáveis e de outros alimentos menos saudáveis. Quando questionado sobre o motivo que o tinha levado a dividir a *pizza* daquela forma, o aluno respondeu que “gostava de *pizza* com ingredientes “normais”, mas que também gostava de doces e que aquela maneira era a melhor para comer os dois tipos de coisas.

Outra questão acerca da criatividade que podemos testemunhar na turma foi a questão dos alunos apelarem a atividades em que pudessem desenvolver esta capacidade

intelectual, pois os alunos desafiavam-se, de forma saudável, a irem sempre cada vez mais longe, procurando sempre inovar nas técnicas de expressão apresentadas por nós.

É sobre este e outros aspetos que nos debruçaremos no ponto que se segue no qual daremos conta do conjunto de atividades desenvolvidas ao longo do estágio que é alvo da nossa análise.

3.5. A Ação Educativa no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Esta parte do nosso trabalho procurará esclarecer o leitor acerca das atividades realizadas em contexto de estágio, tendo por base as caracterizações anteriormente referidas. Assim sendo, segue-se um quadro síntese de todas as atividades curriculares planificadas e implementadas ao longo das cinco intervenções (ver Quadro 3). Estas atividades foram descritas tendo por base as várias áreas e domínios do conhecimento. São ainda evidenciadas as competências foco e/ou competências associadas convocadas ao longo de todo o processo.

Quadro 3- Síntese das atividades desenvolvidas no contexto do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Calendarização			Áreas e Domínios de Conteúdo								
Intervenções	Datas	Atividades	Estudo do Meio	Matemática	Português	Cidadania	Expressão Plástica	Expressão Dramática	Expressão Musical	Expressão Físico-Motora	
1.ª Intervenção	6 de março	A1									
		A2									
		A3									
		A4									
	7 de março	A5									
		A6									
		A7 ^Q									
		A8									
		A9 ^Q									
2.ª Intervenção	8 de março	A10									
		A11									
		A12									
		A13									
	20 de	A14									
		A15									
		A16									
		A17									

	março	A18									
		A19									
	21 de março	A20									
		A21									
		A22									
		A23									
		A24									
		A25									
		A25									
	22 de março	A26									
		A27									
		A28									
		A29									
		A30									
	23 de março	Convívio de Expressão Físico Motora									
	24 de março	A31									
		A32									
		A33									
		A34									
	27 de março	A35									
		A36									
		A37									
		A38									
	28 de março	A39									
		A40									
		A41									
		A42									
		A43									
	29 de março	A44									
		A45									
A46											
A47											
A48											
3ª Intervenção 2 de maio	A49										
	A50										
	A51										
	A52										
	A53										
4ª Intervenção 3 de maio	A54										
	A55										
	A56										
	A57										
	A58										
	A59										
	A60										
4 de maio	A61										
	A62										
	A63										

mais claras às áreas que estiveram como competências associadas nas mesmas intervenções, por forma a complementar a aprendizagem da temática em causa.

Seguindo a mesma linha de ação do Pré-Escolar, resolvemos dinamizar sempre atividades dinâmicas que resultassem consequentemente em aprendizagens variadas criando desta forma desafios constantes aos alunos à medida que estes iam consolidando os seus conhecimentos.

Faremos, agora, uma breve apresentação das atividades dinamizadas, referindo as temáticas e conceitos norteadores de cada uma das nossas intervenções, notando que estas seguiram sempre as orientações dos Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A nossa **primeira intervenção** decorreu entre os dias 6 e 8 de março. No que concerne à área da Matemática foi introduzido e dinamizado o tema das frações. Para operacionalizar estes conceitos recorreremos à utilização de vários materiais, nomeadamente *pizzas* verdadeiras, um “Jogo da Memória” (A15), uma árvore das frações, construída em simultâneo com a turma e, por forma a interligar o nosso tema de relatório com outras áreas do currículo, pedimos por fim aos alunos que, utilizando a sua criatividade, criassem uma pizza ao seu gosto e dividissem a mesma em frações iguais, apresentando posteriormente à turma em que fração tinham dividido a sua pizza (A7).

No que diz respeito à área do Estudo do Meio, demos continuidade aos conteúdos anteriormente lecionados pela professora titular, as plantas: a sua constituição, tipos de plantas, designações das plantas. Para contextualizar este estudo levámos para a sala uma planta real que serviu como modelo daquilo que as crianças já tinham tido contacto através do manual.

Relativamente ao Português, procurámos no decorrer deste estágio articular, sempre que possível, o tipo de textos a estudar com os conteúdos a trabalhar em Estudo do Meio, neste caso as plantas (A1). Posteriormente, analisámos um texto narrativo que descrevia o ciclo de vida do eucalipto e dois textos poéticos relacionados com o aspeto do Jasmim e do Girassol (A5 e A12). Por forma a consolidar a gramática lecionada e os acontecimentos descritos nos textos foram realizadas fichas de interpretação e de gramática relacionada com os mesmos.

Quanto à nossa **segunda intervenção**, esta decorreu de 20 a 24 de março, a primeira semana, tendo os restantes três dias desta intervenção decorrido entre de 27 e 29 de março. Para esta intervenção os temas foco, foram as “Instituições” e a “Páscoa”. Neste sentido, procurámos articular as nossas atividades, nas várias áreas, com estes temas.

Para introdução do tema das “Instituições” recorreremos à utilização de uma maquete em 3D de uma cidade com várias instituições representadas (A16). Neste seguimento foi

pedido aos alunos que identificassem as mesmas, assim como que funções desempenham, visto que “a escola, como instituição em que os alunos participam, é o lugar privilegiado para a vivência e aprendizagem do modo de viver em sociedade. É através da participação, directa e gradual, na organização da vida da classe e da escola que eles irão interiorizando os valores democráticos e de cidadania”, tal como defende o Programa do Estudo do Meio do 1.º Ciclo (s/a, p. 13). De forma a contextualizar o tema em estudo realizámos uma visita de estudo à Junta de Freguesia da localidade onde os alunos ficaram a conhecer as instalações daquela instituição, assim como o seu presidente e algumas curiosidades acerca da freguesia (A26).

Ainda no que diz respeito ao estudo das instituições, procurámos articular esse tema para o Português e trabalhámos o texto “O Bombeiro” (A18), sendo que, segundo Carvalho, citado por Lima (2012) “os professores consideram ser a articulação curricular horizontal e vertical um pressuposto essencial para estruturar e desenvolver os processos de ensino/aprendizagem” (p. 24).

Continuando na área do Português, esta foi uma intervenção bastante dinâmica no que diz respeito ao tipo de textos estudados, sendo que foram abordados o texto narrativo (“O Bombeiro”, “A Dona Cá-rá-cá-cá”, “Hospital das letras”), o texto poético (“A Primavera”) e a banda desenhada (“A Estrelinha”). Para além da exploração dos diferentes tipos de texto e da realização de fichas de trabalho complementares aos mesmos, foram trabalhados os sinais de pontuação através da leitura do texto “Hospital das letras” e através da dinamização de algumas adivinhas relacionadas com o tema.

Face às dificuldades apresentadas pela turma no que dizia respeito à produção de um texto com ideias articuladas e organizadas, foi realizada uma atividade que consistia na escrita de um pequeno texto tendo por base um conjunto de imagens que contavam, de forma subtil, uma história.

Considerando a área da Matemática, esta também foi uma área em que houve uma grande diversidade de conteúdos explorados. Começámos a nossa intervenção com o tema das retas e semi-retas (A23). Este conteúdo foi trabalhado recorrendo ao uso da maquete desenvolvida para as instituições de Estudo do Meio, em conjunto com um pequeno carro que simulou os conceitos que se pretendia que os alunos adquirissem (A38). Para a segunda parte da aula, foram introduzidos os conceitos de linhas poligonais, nomeadamente linhas abertas e fechadas, assim como polígonos com um determinado número de lados. Toda esta atividade foi dinamizada recorrendo ao uso, a pares, de geoplanos (A24). A utilização destes materiais concretos para a introdução e consolidação de conteúdos estava associada ao facto de que de acordo com o Programa de Matemática

do Ensino Básico (2013) a aprendizagem da desta área, “nos anos iniciais, deve partir do concreto, pelo que é fundamental que a passagem do concreto ao abstrato” (p. 1).

Na segunda parte desta intervenção, isto é, nos restantes 3 dias, foram trabalhados os pictogramas e os Diagramas de Venn (A41 e A42, respetivamente). Estas duas formas de organização de dados foram trabalhadas com o recurso a materiais específicos, nomeadamente os blocos lógicos no caso dos Diagramas de Venn. Os pictogramas foram assimilados pelos alunos através da construção, em conjunto com a turma, de um pictograma utilizando como referência as caras das próprias crianças. A escolha destas opções deveu-se à familiaridade das crianças com os materiais e com a sua facilidade de manipular os mesmos. Para além disso, Graells (2000, citado por Botas e Moreira, 2013) refere que a utilização de materiais deverá ser um requisito pelo que estes podem: “fornecer informação; constituir guiões das aprendizagens dos alunos; proporcionar o treino e o exercício de capacidades; cativar o interesse e motivar o aluno; avaliar as capacidades e conhecimentos; proporcionar simulações, com o objetivo da experimentação, observação e interação; criar ambientes (contextos de expressão e criação)” (p. 257).

No contexto das Expressões Artísticas, estas foram trabalhadas de acordo com a época que estávamos, ou seja, a primavera e a Páscoa, nunca perdendo de vista que “a exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies”, tal como defende o Programa de Expressões Artísticas do 1.º Ciclo (s/a, p. 60). Nisto, por forma a dinamizar a criatividade dos alunos e despertar os mesmos para a primavera, estes foram convidados, em grupo, a fazer um desenho da mesma estação utilizando na elaboração deste várias técnicas e materiais, nomeadamente, pincéis, esponjas ou as suas próprias mãos e dedos (A25). Através desta atividade foi possível observar a satisfação dos alunos neste tipo de atividades, que assumiram realizar com pouca regularidade.

Como também estávamos na altura da Páscoa, foi no decorrer desta intervenção que os alunos produziram a sua oferta, para levarem para casa nesta época festiva. Esta oferta consistia numa caixa de ovos reciclada, decorada livremente com a técnica de pintura de pincel. No seu interior encontrava-se um ovo de chocolate, tendo o papel deste ovo sido papel de alumínio decorado com a técnica do berlinde, utilizando para tal cores e movimentos à escolha dos alunos (A43).

Reportando-nos à nossa **terceira intervenção**, esta decorreu entre os dias 2 e 5 de maio. Nesta intervenção, à semelhança do que havia acontecido nas anteriores,

procurámos assumir a mesma lógica de trabalho, isto é, articular os conteúdos de Estudo do Meio com os conteúdos das restantes áreas curriculares. Assim sendo, esta semana um dos temas em Estudo do Meio foi “Os materiais”, nomeadamente os cuidados a ter com determinados materiais e as categorias a que estes pertenciam. Como forma de otimizar e aproximar os alunos da realidade envolvente decidimos começar a abordar este tema como o recurso a materiais das categorias em estudo (ex: cortantes, elétricos), mostrando os mesmos. Após a apresentação dos materiais e diálogo com os alunos sobre os cuidados a ter com os mesmos, foram preenchidas grelhas que estabeleciam ligação entre os vários conceitos a interiorizar neste tema (nome do material, tipo de material, cuidados a ter). Por forma a consolidar esta temática a turma recebeu, na sala, a visita da “Ciência Divertida”, que dinamizou junto dos alunos algumas experiências alusivas ao conteúdo em causa (A55).

Outro tema lecionado na área do Estudo do Meio foi a Higiene e a Saúde. Para abordar esta temática utilizámos como recurso a visualização de um vídeo de desenhos animados que ilustra de forma simples como os cuidados de higiene são importantes para uma vida saudável. Como forma de complementar este vídeo foi dinamizado um jogo da glória com perguntas e desafios sobre higiene e saúde (A68).

No que diz respeito à área do Português, à semelhança de intervenções anteriores, tivemos a leitura e interpretação de um texto relacionado com os materiais, assim como outro relacionado com o “Dia da Mãe” (A65). A exploração dos textos consistiu na leitura dos mesmos, seguida da resolução de fichas de interpretação sobre os textos lidos. No que diz respeito à introdução e exploração de tipos de texto, foi introduzido o slogan. Para dinamizar este tipo de texto, recorremos à exposição de diversas publicidades em que pedimos aos alunos que identificassem o slogan das marcas publicitadas. De seguida e tendo por base a intenção de estimular a criatividade dos alunos com recursos às expressões, interligadas com as outras áreas do currículo, pediu-se aos alunos que usando a capacidade anteriormente referida criassem slogans, isto é, uma espécie de cartaz com todos os elementos do slogan, tendo por base um tema geral, neste caso, o verão (A56). Relativamente aos conteúdos gramaticais foram trabalhadas a classe dos nomes e dos determinantes. Estas duas classes foram trabalhadas de forma semelhante, isto é, utilizando um cartaz apoiado para a exposição oral do conteúdo, com exemplos e com a realização de exercícios destes mesmos conteúdos (A61).

Passando agora para a área da Matemática, esta foi dinamizada com a introdução do conceito de área e das unidades de medida de área. Para esta conceptualização utilizámos um modelo 2D de uma horta em que cada produto ocupava determinada área

e os alunos podiam inclusive movimentar os produtos e tentar descobrir qual a área ocupada pelos alimentos (A51). Além disso, como forma de mais uma vez interligar a criatividade aliada às Expressões Artísticas e outra disciplina do currículo, desafiámos os alunos a construir “robots de área” e apresentar os mesmos à turma. Nesta tarefa os alunos tinham que, numa folha de papel quadriculado, construir um robot e depois apresentar o mesmo à turma referindo cada parte do robot através das unidades de quadrado de área (A59).

Por fim, e não menos importante, esta foi uma intervenção muito interessante no que diz respeito às Expressões Artísticas sendo que foi nesta semana que os alunos produziram a oferta do Dia da Mãe (A63 e A64). É de referir que a produção da oferta fez parte de um mini- projeto chamado “Com apenas 3 expressões se mostra o amor à Mãe”- No decorrer deste projeto os alunos utilizaram os 3 tipos de Expressões Artísticas e através destas demonstraram o seu amor. Com o recurso à Expressão Plástica decoraram uma pega de fogão com as iniciais do nome da mãe, recorrendo a técnicas variadas de pintura, nomeadamente carimbagem, pintura a pincel, estampagem e colagem. Tendo por base a Expressão Musical os alunos cantaram de modo livre uma pequena quadra do Dia da Mãe (A69). Utilizando a Expressão Dramática os alunos fizeram uma pequena encenação com um objeto de quotidiano, com significado especial para si e para a sua Mãe. Após explicarem a razão da sua escolha os alunos deram um uso alternativo ao objetivo mediante a sua imaginação (A60).

Direcionando-nos à nossa **quarta intervenção**, esta decorreu entre o dia 15 e o 17 de maio e teve como tema foco, à semelhança das intervenções interiores, o tema em estudo na área de Estudo do Meio, neste caso, os “Cuidados de Higiene Alimentar”, nomeadamente os prazos de validade. Por forma a formalizar os conhecimentos para esta temática foi dinamizado um *quiz*, em que os alunos, a partir da apresentação de uma situação problema, teriam que encontrar a melhor solução para a resolução da mesma (A71). A escolha pela realização deste tipo de atividade, um jogo, está relacionada com o facto de os alunos aprenderem de forma mais entusiasta os conteúdos, para além de que, de acordo com Teixeira (2012), “por meio da utilização de jogos, o aluno constrói o seu conhecimento de maneira ativa e dinâmica e os sujeitos envolvidos estão geralmente mais propícios à ajuda mútua e à análise dos erros e dos acertos, proporcionando uma reflexão em profundidade sobre os conceitos que estão sendo discutidos” (p. 304).

Como forma de complementar a primeira atividade, os alunos realizaram uma breve visita de estudo ao supermercado Sol-Mar (A81). Neste particular, tal como o Programa de Estudo do Meio do 1.º Ciclo defende “o meio local, espaço vivido, deverá ser o objecto

privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática da criança já que, nestas idades, o pensamento está voltado para a aprendizagem concreta” (p. 101). Nesta visita guiada através das indicações dadas pela senhora responsável pelo departamento de conservação e qualidade do supermercado ficaram a conhecer alguns cuidados de preservação e conservação dos alimentos.

O último tópico a ser estudado em Estudo do Meio esta semana era então identificar e atuar conforme os prazos de validade rotulados nas embalagens. Para clarificar esta ação, analisámos em conjunto um rótulo com prazo de validade em ponto grande. Neste contexto, havia sido pedido aos alunos, no dia anterior, que trouxessem de casa embalagens vazias para analisarem na aula. Posto isto, a turma foi dividida em pares e os alunos analisaram os produtos do seu par e através de uma folha de registo separaram os alimentos que eram próprios e impróprios para consumo, assim como a sua data de validade (A82).

No que diz respeito à área do Português esta foi dedicada essencialmente à revisão de conteúdos gramaticais já estudados. Para além disso foi, criado um momento dedicado à expressão escrita, algo que os alunos necessitavam de praticar com alguma frequência. Para esta atividade foi disponibilizada uma pequena introdução para uma história, assim como dois personagens, e ainda que os alunos apelassem à sua criatividade por forma a construir uma história concisa, não renunciando a utilização dos sinais de pontuação (A83). Esta foi uma atividade que gerou um pouco de confusão e dificuldade aos alunos, pois estes apesar de conseguirem ser bastante criativos e terem capacidade de organizar mentalmente o decorrer da história, tiveram alguma dificuldade em fazê-lo aquando do registo no papel.

Relativamente aos tipos de texto, nesta semana foi estudado o Bilhete de Espetáculo e, para clarificar este tópico, começámos por analisar em conjunto um bilhete em grandes dimensões, analisando cada parte que constituía o bilhete (A88). Seguidamente, e mais uma vez apelando à criatividade dos alunos, por meio da utilização das Expressões Artísticas, pedimos aos alunos que elaborassem um bilhete de espetáculo, tendo em conta as partes do bilhete previamente estudadas e à necessidade de decorar o bilhete em consonância com o espetáculo dinamizado (A89). Com esta atividade foi-nos possível interligar mais uma vez o Português e as Expressões Artísticas pelo meio da criatividade, já dizia Fleith (2001, citado por Oliveira, 2013) que cabe ao professor na sala de aula levar o aluno a “ pensar e optar” acolher o que é criativo, a encarar “o erro como uma etapa da aprendizagem”, deverá pois considerar “as características e interesses dos alunos na criação de oportunidades de consciencialização criativa; impulsionar o sentido de

humor (...) estimulador da criatividade” (p. 23).

Nesta semana, ainda na área do Português, houve lugar para a exploração de mais uma parte da obra “A Menina Gotinha de Água” que consistiu então na leitura dos versos e na posterior resposta à ficha de leitura referente aquela parte da história (A83 e A84, respetivamente).

Focando-nos na área da Matemática, esta foi uma das intervenções que maior dinâmica nos permitiu ter, pois como se tratava da lecionação da massa e das unidades de medida de massa, foi possível dar oportunidade a todos os alunos de fazerem medições na balança (A71). Com este processo, possibilitámos uma aprendizagem significativa por parte dos alunos, pois segundo Ausubel, Novak e Hanesian (1980, citados por Teixeira, 2014) “só ocorre aprendizagem recetiva significativa quando a tarefa ou o conteúdo a ser aprendido se torna significativo durante o seu processo de internalização e passa a fazer sentido para o educando. O principal desafio de todo o professor está então na questão de como tornar significativa a aprendizagem dos conteúdos de sua disciplina” (p. 304).

Começamos a nossa intervenção nesta área distribuindo pelos alunos produtos do quotidiano e nestes produtos os mesmos identificaram as referências à massa de cada produto e ao seu respetivo valor (A70), isto porque, segundo consta no Programa do 1.º Ciclo (2013) é “reconhecido que a aprendizagem da Matemática, nos anos iniciais, deve partir do concreto, pelo que é fundamental que a passagem do concreto ao abstrato, um dos propósitos do ensino da Matemática, se faça de forma gradual, respeitando os tempos próprios dos alunos e promovendo assim o gosto por esta ciência e pelo rigor que lhe é característico” (p. 1). Seguiu-se as medições dos diversos produtos e a constatação de que dois objetos podem ser semelhantes no entanto têm pesos diferentes devido ao volume que ocupam.

No que diz respeito ao estudo das unidades de medida e de massa, foi apresentado um cartaz com uma relação entre 1 Kg, $\frac{1}{2}$ Kg, $\frac{1}{4}$ quilograma, 500 gramas e 250 gramas, acompanhado de medições na balança utilizando para o efeito uma balança com quilos verdadeiros, utilizadas nas balanças antigas (A85). O estudo desta unidade de medida culminou com a realização de uma ficha de trabalho sobre estes conceitos (A86).

Relativamente às Expressões Artísticas, esta foi uma intervenção que permitiu trabalhar bastante a criatividade dos alunos, pois foi-lhes pedido que, no seguimento da elaboração dos bilhetes que realizaram em Português, criassem, em grupo, em Expressão Dramática, uma breve dramatização, a partir da sua criatividade e partindo dos resultados tirados à sorte pelos alunos através do lançamento de um conjunto de dados criados para o efeito (A91). A escolha para a dinamização desta atividade vai ao encontro do que nos

diz Gaspar (2014) quando refere que “a realização de jogos de dramatização é uma forma de desenvolver diversas capacidades nos alunos, como por exemplo, a expressividade, a criatividade, o espírito crítico, a autoestima ajudando-os na construção do seu próprio conhecimento, levando-os a uma aprendizagem significativa” (p. 9). Como resultados tivemos dramatizações bastante engraçadas, com diálogos bastante improváveis, situações caricatas e com criatividade a um nível elevado.

A nossa **quinta intervenção**, decorrida entre o dia 29 e o dia 31 de maio, teve um cariz mais descontraído visto ser a última semana e os alunos estarem numa fase de iniciação de preparação para a realização das provas de aferição.

Esta intervenção iniciou-se com Estudo do Meio, mais propriamente com a revisão de conteúdos previamente explorados nesta mesma área: os materiais. Sendo assim, neste registo de revisão realizámos experiências com os diversos materiais estudados e com as suas propriedades (A92). É de salientar que as experiências que maior espanto causaram nos alunos foram as da “água a arder” com a água e líquido de isqueiro e da explosão de cores que consistia em colocar corantes em leite e mergulhar um palito com líquido na mesma provocando um movimento de cor no leite. Para além de participarem ativamente na realização das experiências os alunos registaram posteriormente no seu caderno, sob a forma de desenho e aludindo à sua capacidade criativa, qual a experiência que mais gostaram, apresentando depois a sua ilustração à turma.

Em Português foram estudadas as características do texto dramático, tendo sido, inclusive, o texto estudado dramatizado utilizando adereços para o efeito, seguindo as indicações dadas ao longo do texto (A93). Esta foi uma atividade muito importante para trabalhar a timidez de alguns alunos, pois através desta apresentação, através do encarnar da personagem, os mesmos conseguiram soltar-se um pouco mais e, conseqüentemente, divertiram-se dentro do contexto de sala de aula, com o recurso às Expressões Artísticas.

Relativamente à Matemática, nesta intervenção trabalhámos as unidades de medida de tempo, nomeadamente os meses e as semanas (A94). O estudo desta temática inicializou-se com a análise de um calendário da sala, seguido da construção dinâmica de outro calendário caracterizado pelas épocas e acontecimentos do ano. Nisto os alunos oralmente foram completando o calendário referindo o número de dias de cada mês, o número de semanas e mencionando um acontecimento que marcasse cada mês do ano. Para além disso os alunos fizeram uma leitura de um gráfico de aniversários que estava afixado na parede da sala, mencionando cada aluno a sua data de nascimento como forma de trabalhar a memória.

Nas Expressões Artísticas, para além da atividade anteriormente mencionada, de

dramatização do texto estudado em Português, os alunos puderam exercitar a sua criatividade na decoração de uma T-shirt que seria alusiva para o Dia da Criança (A95). Para decorar a sua t-shirt os alunos utilizaram diversas técnicas de Expressão Plástica, nomeadamente pintura com pincel, pintura com objetos variados, estampagem, colagem, pintura com marcadores e carimbos. Esta foi uma atividade em que se pode observar com clareza a criatividade dos alunos sendo que os seus trabalhos variaram muito no que diz respeito à utilização dos elementos e na combinação dos mesmos na decoração da T-shirt. Depois de explicadas, em traços gerais, as dinâmicas implementadas ao longo do nosso estágio pedagógico no contexto do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, dedicaremos a nossa atenção à temática que decidimos aprofundar neste relatório. É o que nos propomos fazer no ponto que se segue.

3.5.1. A criatividade na ação educativa no 1º Ciclo do Ensino Básico

À semelhança do estágio em Educação Pré-Escolar, procurámos também neste estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico organizar as nossas atividades através de um sistema de eixos norteadores da nossa reflexão. Estes encontram-se representados na tabela que se segue (ver Quadro 4)

Quadro 4- Análise da ação educativa no ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

1. As Expressões Artísticas como lugares de criatividade	Neste eixo de análise procuramos perceber qual o papel das expressões artísticas aquando do exercício da capacidade criativa.
2. As rotinas diárias da sala de aula como um convite à criatividade	Através deste eixo de análise pretendemos analisar de que modo as rotinas favorecem ou reprimem a expressão criativa das crianças.
3. A organização da sala de aula como um espaço de criatividade	Neste eixo de análise focamo-nos em entender de que forma a organização da sala de aula poderá ser um convite à criatividade dos alunos.

3.5.1.1. As Expressões Artísticas como lugares de criatividade

Tendo por base o nosso primeiro eixo de análise, de seguida apresentamos três atividades desenvolvidas em contexto de estágio. As atividades referidas estão

organizadas pelas diferentes áreas das Expressões Artísticas. Para cada uma das áreas, à exceção da Expressão Plástica, foram escolhidas três atividades: uma que tenha corrido muito bem, outra em que o seu desenvolvimento tenha sido considerado normal e uma última atividade em o resultado final não tenha sido o esperado. A pertinência da seleção destas atividades está associada ao propósito de demonstrar que, embora o objetivo das atividades seja comum: demonstrar como o uso das Expressões Artísticas facilita a expressão da criatividade, por vezes as estratégias e recursos utilizados não são os mais indicados para promover esta expressão.

3.5.1.1. a) Expressão Plástica

Intervenções	Atividades
5ª	A95- Decoração da T-shirt do Dia da Criança
3ª	A62- Oferta do Dia da Mãe
2ª	A43- Oferta do Dia da Páscoa

A95 – Decoração da T-shirt para o Dia da Criança

Esta primeira atividade decorreu no nosso último dia de intervenção e tinha como pressuposto fornecer mais uma vez um elemento em que os alunos se pudessem expressar e, consequentemente, criar de acordo com o seu olhar do mundo, com as suas vivências e preferências.

Nisto, os alunos foram desafiados a decorar livremente uma T-shirt branca, a qual seria utilizada no dia seguinte para as comemorações do Dia da Criança. Para a decoração das t-shirts foram utilizadas técnicas como a colagem de acessórios, pintura recorrendo a carimbos e as próprias mãos dos alunos. Aquando da decoração da t-shirt e devido ao facto de ser a nossa última intervenção e, consequentemente, a nossa despedida da turma, deixámos espaço para que os alunos ilustrassem a t-shirt com algum elemento a fazer referência a esse momento.

Na figura seguinte partilhamos com o leitor alguns apontamentos acerca da realização desta atividade (Ver Figura 19).



Figura 19- Decoração da T-shirt para o Dia da Criança- a) técnica de pintura com a mão/dedos; b)- estampagem com pena; c) materiais para a atividade; d)- carimbagem com stencil em esponja; e) colagem de acessórios; f) resultado final da t-shirt.

Ao longo desta atividade, deparámo-nos com casos em que a criatividade dos alunos foi de certa forma “viciada”, visto que, alguns alunos com maior dificuldade em expressar-se, decoraram as suas t-shirts com elementos iguais ou muito semelhantes aqueles que os colegas tinham feito. Na opinião de Foshay (1976, p. 40) este comportamento deve ser descartado, pois segundo a sua opinião “como professores interessamo-nos pela criatividade ao examinar os produtos do trabalho da criança na escola. É evidente que a maioria das crianças, na maior parte do tempo, simplesmente imita o que as outras fazem. Por si só isso não é bom nem mau”. No entanto, discordamos desta opinião, porque aquilo que tomamos como ser criativo consiste na expressão de cada indivíduo, neste caso na forma alternativa de cada aluno, recorrendo às expressões artísticas, encontrar meios de resolução para os desafios que lhes são apresentados. No discurso da Professora C podemos reparar que esta concorda connosco relativamente ao facto da criança expressar-se mediante aquilo que é e vê, quando refere que

“a criança revela-se em tudo o que faz. Através da pintura, da modelagem, da dança, da música, exprime sentimentos, ideias e emoções. Não há comunicação sem *expressão*” (Professora C).

Tendo em conta os casos anteriormente referidos e apesar da atividade no seu geral

ter corrido bem, num cenário ideal, teria sido bom se tivéssemos arranjado uma estratégia em que se levasse os alunos a criarem de raiz a decoração da sua T-shirt. Que déssemos, por exemplo, uma frase de partida, do tipo: “Ser criança é...” ou “Ao ser criança eu gosto de...” e que a partir daí os alunos completassem esta mesma frase mas sob a forma de desenho, recorrendo ao uso da Expressão Plástica.

A63 – Oferta do Dia da Mãe

A nossa segunda atividade fez parte dum projeto de dinamização das Expressões Artísticas a que denominámos de “A Mãe faz, A Mãe diz, A Mãe é...”, que consistia respetivamente, no uso da Expressão Plástica, da Expressão Musical e da Expressão Dramática, como formas de potenciarem a criatividade dos alunos aliada à comemoração de uma data festiva. Esta atividade, à semelhança de todas as atividades de Expressão Artísticas e de Expressão Plástica, teve um feedback bastante positivo por parte dos alunos, destacando-se na questão em que mobilizou o uso de vários tipos de técnicas de Expressão Plástica para elaboração do produto final, tais como: estampagem com folhas, pintura com carimbos, pintura com pincéis e colagem de acessórios.

A Figura que se segue reúne um conjunto de imagens que procuram ilustrar esta realidade (ver Figura 20).

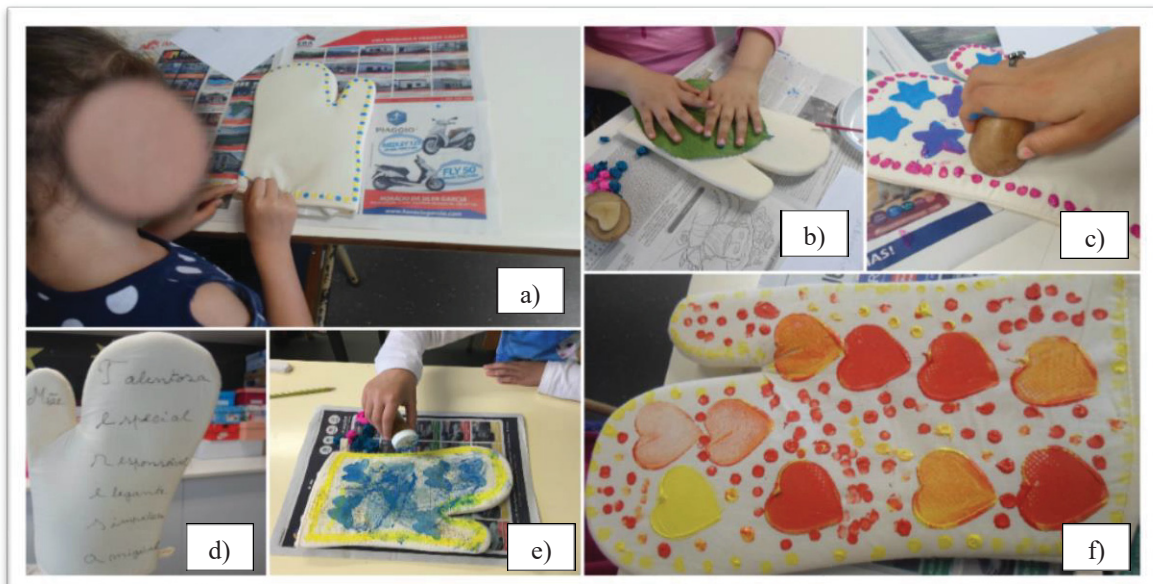


Figura 20-Oferta do Dia da Mãe- a) técnica do cotonete; b)- estampagem com folha; c) estampagem com carimbo de batata; d)- anagrama do nome da mãe; e) finalização da luva com glitter; f) resultado final

Acreditamos que ter oferecido uma diversidade de recursos e técnicas aos alunos foi uma mais-valia para os mesmos. Podemos observar uma relação entre o número de

recursos postos ao dispor dos alunos e os resultados obtidos. Por outras palavras, foi possível percebermos, de uma forma bem perceptível, que quantos mais recursos colocarmos ao dispor dos alunos para estes se expressarem, mais criativos tenderão a ser os trabalhos finais.

Outra questão que importa aqui salientar é que no desenvolvimento desta atividade a criatividade traduziu-se então na combinação de elementos e recursos. Neste caso, deparamo-nos com luvas decoradas de maneira mais harmoniosa, com os alunos a articularem cores e técnicas. Noutros casos, a criatividade surgiu representada de forma mais despreocupada e sem cuidado nenhum a nível estético. Este foi um dos casos em que associámos a criatividade do aluno, à sua forma de ser. A prenda do dia da Mãe refletiu a forma de expressar do aluno.

A43 – Oferta do Dia da Páscoa

A nossa primeira atividade decorreu então por altura da Páscoa, isto é, consistiu na elaboração da lembrança da Páscoa para os alunos levarem para casa. A oferta da Páscoa seria então uma caixa de ovos decorada de forma livre pelos alunos com as cores que tinham à sua disposição. No interior da caixa estava um ovo de chocolate envolto em papel de alumínio decorado através da técnica do berlinde utilizando tinta acrílica. Na figura que se segue partilhamos com o leitor alguns dos momentos acima enunciados (ver Figura 21).

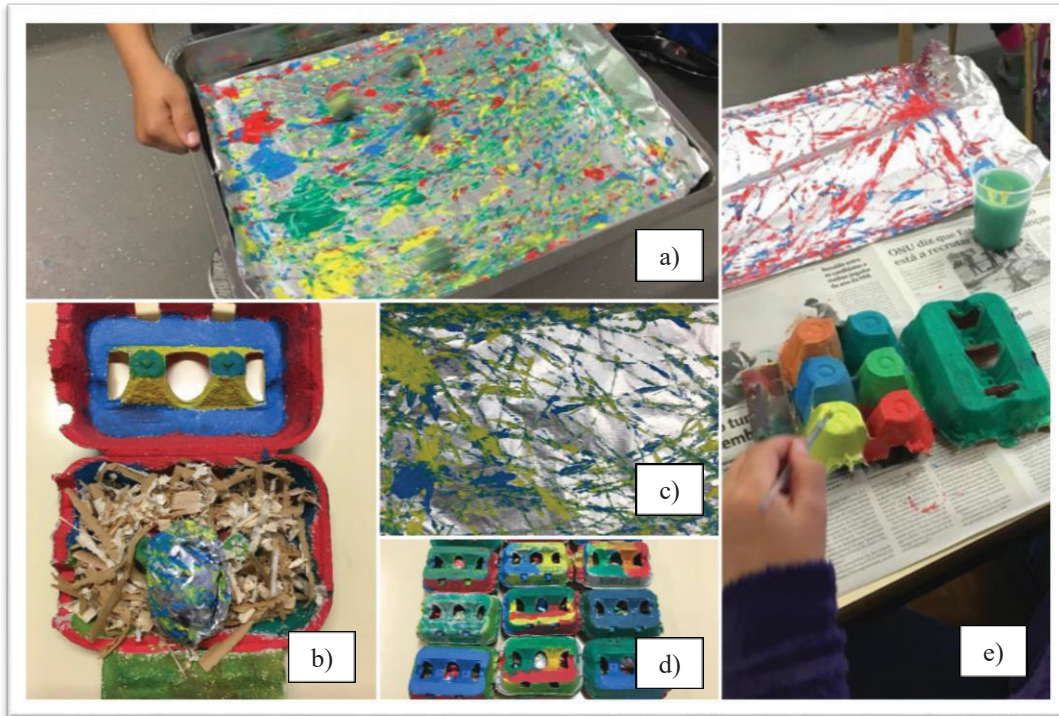


Figura 21 – Oferta da Páscoa- a) decoração do papel de embrulho com a técnica doberlinde; b)- aspecto final da oferta; c) papel de embrulho final; d)- caixas de ovos finalizadas; e) pintura da caixa de ovos.

Nesta atividade, o foco da nossa atenção estava virado para a forma como os alunos iriam, de forma criativa, decorar a sua caixa de ovos, que cores utilizariam e de que modo iriam combinar as mesmas.

No decorrer da atividade, apercebemo-nos que os alunos estavam um pouco limitados no que diz respeito ao uso de tintas, assim como que desconheciam a combinação de duas tonalidades diferentes como origem de novas cores. Notámos no discurso da docente que à nossa semelhança esta também privilegiava a combinação de materiais e cores como uma forma de criatividade, esta afirma que “na pintura dentro do espaço limitado, na combinação de cores e mais tarde na criação de ilustrações e trabalhos diversos com diferentes materiais” são experiências que favorecem o exercício da criatividade.

No excerto que se segue partilhamos com o leitor alguns apontamentos do nosso diário de bordo, referente a essa realidade:

Liliana: “- Uau!!! Eu fiz roxo com o azul e com o vermelho”

Rui: “ - Eu fiz o castanho, vê!” (DB, 28 de março de 2017)

Posto isto, foi possível testemunhar a exclusividade de cada caixa que, neste sentido mostrou a criatividade dos alunos. Enquanto alguns alunos que se limitavam a combinar

tonalidades, outros limitaram-se a colorir a sua caixa utilizando todas as cores que tinham, enquanto outros preferiram pintar de uma cor única a parte exterior e a parte interior da caixa.

Outro aspeto a salientar desta atividade foi a técnica utilizada pelos alunos para decorarem o invólucro do ovo do chocolate: a técnica do berlinde. Os alunos vibraram com esta técnica, porque não conheciam e pelos padrões que podiam recriar com os seus movimentos. Apesar de nesta atividade inicialmente termos privilegiado a criatividade dos alunos como a sua escolha quanto às cores, foi possível observar esta mesma capacidade através da “leitura” que os alunos faziam da sua pintura, tal como nos é dado perceber nos excertos que se seguem:

Hugo: “ - Parece que passou um jipe numa estrada de lama”;

Carlota: “- Professora, parece que a tinta explodiu aqui” (DB, 28 de março de 2017)

Apesar de termos tido bons resultados nesta atividade, existem sempre melhorias que podem ser feitas de forma a otimizar as aprendizagens dos alunos. Sendo assim, numa próxima oportunidade tentaríamos diversificar a decoração do papel de embrulho, implementando outras técnicas que de igual forma pudessem evidenciar a criatividade dos alunos, recorrendo à pintura e ao uso de objetos do quotidiano. Para esse tipo de experiência, acrescentaríamos técnicas tais como a pintura soprada ou a pintura espirrada.

Depois de refletirmos em torno das atividades que se desenvolveram no contexto da Expressão Plástica, dedicaremos a nossa atenção àquelas que encontraram na Expressão Dramática um contexto propício ao seu desenvolvimento. É o que nos propomos fazer de seguida, seguindo uma lógica em tudo semelhante àquela que agora desenvolvemos.

3.5.1.1. b) Expressão Dramática

Intervenções	Atividades
4ª	A79- “Era uma vez”
3ª	A60- “ A mãe é...”
1ª	A9- “ Se eu fosse uma flor...”

A79 – “ Era uma vez...”

No que diz respeito às atividades desenvolvidas com o intuito de promover a criatividade pela Expressão Dramática, podemos desde já referir que esta foi a atividade que mais gozo nos deu estruturar, assim como aquela que mais conclusões nos permitiu retirar.

Esta atividade intitulada “Era uma vez”, consistia numa dramatização improvisada, em grupo, em que as condições onde ocorreria, o que aconteceria, que personagens participariam, que objetos usariam, entre outras questões, seriam sorteadas, pelos grupos de dramatização, através do lançamento de dados criados para o efeito. Após o sorteio, os grupos deveriam registar numa folha, também criada para o efeito, os resultados dos seus lançamentos e, após o seu registo, dispunham de 10 minutos para se organizarem, podendo recorrer ao baú de adereços por nós cedido. É de salientar que a turma adorou esta dinâmica, pois nunca havia feito nada de semelhante e foi das poucas atividades em grupo, no conjunto das nossas intervenções, em que os alunos trabalharam bem neste sentido. Conseguiram organizar-se por forma a construírem uma obra final significativa. Na figura que se segue partilhamos com o leitor alguns apontamentos da atividade em causa (ver Figura 22).



Figura 22- “Era uma vez...” - a) dramatização de um grupo resultante das “ordens” dos dados; b) dados e ficha de registo da dramatização c)- cubos “Era uma vez”.

Através da realização desta atividade, foi-nos possível perceber que a criatividade, embora possa ser encarada como o resultado de uma expressão e/ou de uma visão pessoal, poderá igualmente resultar da junção de várias ideias, de vários indivíduos, neste caso, personificada na *performance* de cada aluno numa dramatização em grupo.

Este tipo de atividades era muito importante para a professora C, já que segundo esta, este domínio das Expressões Artísticas é aquele que mais potencia a criatividade dentro da sala de aula, tal com o se depreende das suas palavras que de seguida transcrevemos:

“os alunos, ao fazerem representações dramáticas desenvolvem não apenas a faculdade de imitação que possuem naturalmente, mas o seu espírito e também a sua fantasia, e tudo o que contribui para o desenvolvimento do seu carácter” (Professora C).

A60 – “A mãe é...”

Aquando do momento da planificação da nossa intervenção, como já foi anteriormente referido, decidimos utilizar os três domínios das Expressões Artísticas para a realização dos trabalhos do Dia da Mãe. Nisto, no que diz respeito à Expressão Dramática, decidimos explorá-la levando os alunos a utilizar um objeto comum da sua mãe, conferindo-lhe uma utilidade diferente daquela para que foi concebido. A pertinência da realização desta atividade estava ligada com o facto de percebermos como a capacidade criativa pode estar relacionada com a capacidade expressiva/emotiva da criança. Por outras palavras, tentámos perceber até que ponto os alunos eram capazes de esquecer o conceito inicial de um objeto, com valor para os mesmos, e torná-lo num objeto comum.

Esta foi uma atividade que, apesar de não ter corrido mal, não trouxe os resultados que pretendíamos. Alguns alunos esqueceram-se do seu objeto em casa, tendo que realizar a atividade com um objeto comum da sala de aulas. Outros, apesar de terem o objeto não conseguiam ultrapassar a barreira do concreto e a sua criatividade significava apenas atribuir um nome novo ao objeto. Nos excertos que se seguem partilhamos com o leitor alguns apontamentos do nosso diário de bordo referentes a essa realidade.

“ A Vanessa tinha um lenço da mãe e a versão alternativa que criou para o seu objeto foi este ser uma manta para a mãe se aquecer” (DB, 2 de maio de 2017)

Os restantes alunos foram capazes de criar soluções alternativas, algumas delas bem criativas: O Jaime tinha um batom da mãe e o seu processo criativo deu origem a uma caneta; a Fillipa tinha um guarda-jóias que passou a ser um sabonete que fazia massagens; a Melissa tinha um perfume que teve uma nova vida: passou a ser uma água que punha a

língua às cores...

A Figura que se segue reúne um conjunto de imagens que procuram ilustrar esta realidade (ver Figura 23).



Figura 23- "A mãe é"- a) uma água: b) um sabonete: c)

Ao longo deste processo observámos um facto interessante. Aquando da apresentação alternativa do seu objeto os alunos não procuravam ir muito longe, tentavam arranjar uma solução “para safar”. No entanto, quando os colegas apresentavam o seu produto a maioria deles apresentava soluções bastante criativas, isto é, era mais fácil para eles criarem quando não estavam a ser avaliados, ou quando eram o centro das atenções. Isso levou-nos a considerar que a criatividade não pode ser de forma alguma forçada, ou ser mediada. Esta nossa constatação vai ao encontro da opinião de Gloton e Clero (1971, p. 27) ao referirem que “a atividade criadora só pode exercer-se plenamente dentro de um clima aberto e liberal, com independência dos constrangimentos exteriores, materiais ou morais. Da mesma forma, Gabey e Vimenet (1974) salientam a importância de transmitir aos alunos que não existem respostas erradas ou demasiado loucas, mediante as soluções apresentadas, pois de acordo com estes autores “a criança criadora, para perpetuar o seu entusiasmo natural, não requer senão uma presença atenta. O único elemento realmente indispensável para a criação é um ambiente de confiança” (p. 164).

Sendo assim, se voltássemos a realizar esta atividade procuraríamos modificar ligeiramente a lógica da mesma. Em vez de cada aluno arranjar uma utilização ou um significado alternativo para o seu objeto, faria isto para o objeto do colega. Desta forma, estaríamos a ver de que forma a criatividade poderá ser influenciada mediante as condições em que ocorrem no processo criativo ou o objeto criativo. A este propósito, Moser (2015) refere que a função criativa é inerente ao ser humano, mas esta deverá ser desafiada através de um conjunto de vivências e experiências diversificadas.

A9 – “Se eu fosse uma flor...”

Esta última atividade teve lugar na nossa primeira semana de intervenção e veio no seguimento da leção dos conteúdos relacionados com as Plantas. Neste sentido foi pedido aos alunos que improvisassem a vida/ comportamento de uma flor.

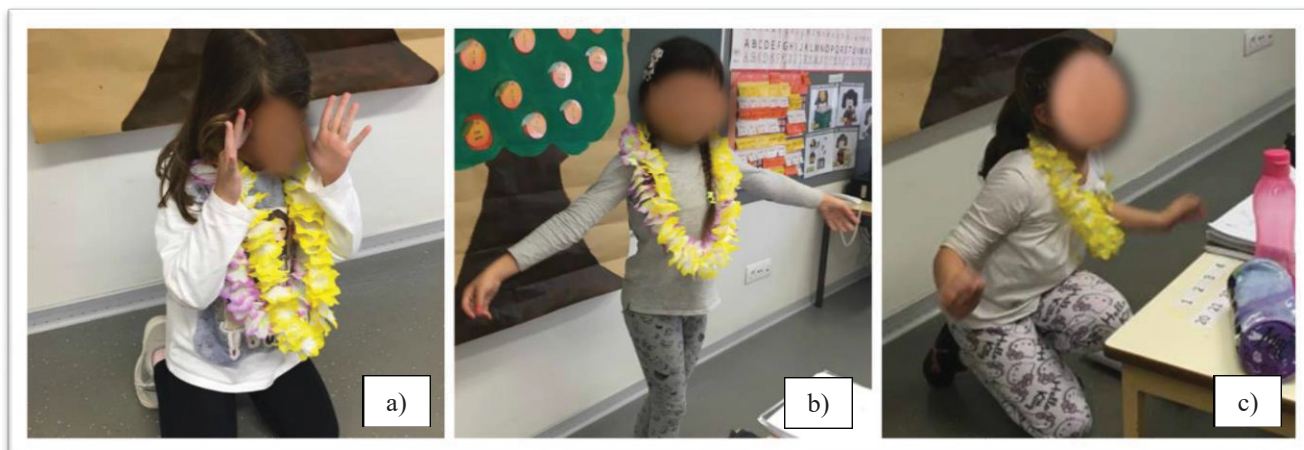


Figura 24- "Se eu fosse uma flor" - a), b) e c)- dramatização individual do comportamento/vida de uma flor

Apesar da turma estar habituada a atividades de Expressão Dramática por ser o tipo de expressão que mais vezes utilizavam, devido à facilidade e à não obrigatoriedade de recursos, pudemos notar que grande parte da turma não se sentia à vontade para dramatizar em frente dos colegas. Os alunos que dramatizaram fizeram-no com um pouco de timidez e foram um pouco limitados na sua expressão, isto talvez porque aquando da explicação da atividade exemplificámos como poderia ser um breve monólogo de uma flor e esta exemplificação pode ter levado, de certa forma, à repetição daquilo que foi apresentado. Mesmo assim, podemos verificar que a criatividade nesta atividade incidiu maioritariamente na forma como a flor se mexia, na espécie de flor e nas características da mesma. No sentido de elucidar o leitor acerca desta realidade, partilhamos um apontamento do nosso diário de bordo, referente a esta questão.

Liliana: “ Eu sou uma rosa e abro as minhas pétalas de noite, gosto de dançar à lua” (DB, 7 de março de 2017).

Com base no registo desta atividade, uma forma de melhorarmos a mesma e torná-la mais apelativa seria através de uma exploração prévia de técnicas de “quebra-gelo”, em que os alunos pudessem relaxar e sentir-se à vontade para dramatizar à frente da

turma. Desta forma, as expressões estariam a revelar o aluno como um ser com uma visão própria do meio que o rodeia e estaríamos, conseqüentemente, a educa-lo o como um ser criativo, pois segundo Oliveira (2006) “educar para a criatividade é educar para ser pessoa em termos integrais: na óptica do ser, do agir e do conhecer” (p. 74).

Depois de refletirmos em torno das atividades que se desenvolveram no contexto da Expressão Dramática, dedicaremos a nossa atenção àquelas que encontraram na Expressão Musical um contexto propício ao seu desenvolvimento. É o que nos propomos fazer de seguida, adotando uma lógica em tudo semelhante àquelas que até agora desenvolvemos.

3.5.1.1. c) Expressão Musical

Intervenção	Atividades
3ª	A64- Dança flamenga
3ª	A69- “A mãe diz...”
4ª	A73- Folclore

A64 – Dança flamenga

A nossa primeira atividade de Expressão Musical decorreu no seguimento de um trabalho nosso para uma unidade curricular do mestrado, que consistia em planificar uma atividade que envolvesse as Expressões Artísticas, a Criatividade e a área curricular aprofundada pela nossa colega de estágio, neste caso, a Cidadania.

Apesar de, inicialmente, esta atividade ter passado por um momento conturbado de planificação, devido ao facto de não termos percebido desde o primeiro momento qual seria a natureza do trabalho, ficou decidido que iríamos utilizar a Expressão Musical, uma das áreas das Expressões Artísticas integrada com conteúdos de cidadania e na qual os alunos deviam utilizar a sua criatividade para desenvolver a atividade.

Sendo assim, procurámos associar a dança às questões culturais e às tradições do mundo. Optámos neste caso por dar a conhecer aos alunos uma dança com música e ritmo de carácter internacional: o flamengo.

Iniciámos a dinamização da atividade mostrando um pequeno vídeo que introduziu os alunos ao flamengo, seguidamente, organizámos a turma em grande grupo e colocámos a música a tocar, ao passo que demos espaço aos alunos para que se inspirassem e seguissem a sua expressão pessoal. É de salientar que, no decorrer da atividade, fizemos

sempre questão de fazer ver aos alunos que, apesar da dança ter um conjunto de passos associados, era importante que os alunos sentissem e dançassem conforme aquilo que os seus sentidos captavam. A atividade terminou com os alunos a serem inspirados pela música flamenga, criando coreografias a pares mediante os passos aprendidos e mediante a sua criatividade e expressão pessoal. Foi interessante notar-se que nesta atividade os alunos dançaram livremente e expressaram a sua criatividade através da dança. No entanto, não exploraram muito os passos e movimentos próprios do flamenco, pois limitaram-se a percorrer o espaço dançando, mas com uma articulação de vários tipos de passos, nomeadamente de ballet (andar em pontas), e rodas. A meio da atividade decidimos juntar os alunos a pares e pedir-lhes que explorassem a dança em conjunto. Como mesmo assim havia alunos um pouco desorientados resolvemos demonstrar como se poderia, eventualmente, dançar flamenco. A partir daí, os alunos demonstraram melhores resultados, souberam organizar-se melhor e reproduzir mais fielmente os passos da dança pretendida continuando a incutir a sua expressão pessoal.

A Figura que se segue reúne um conjunto de imagens que procuram ilustrar esta realidade (ver Figura 25).

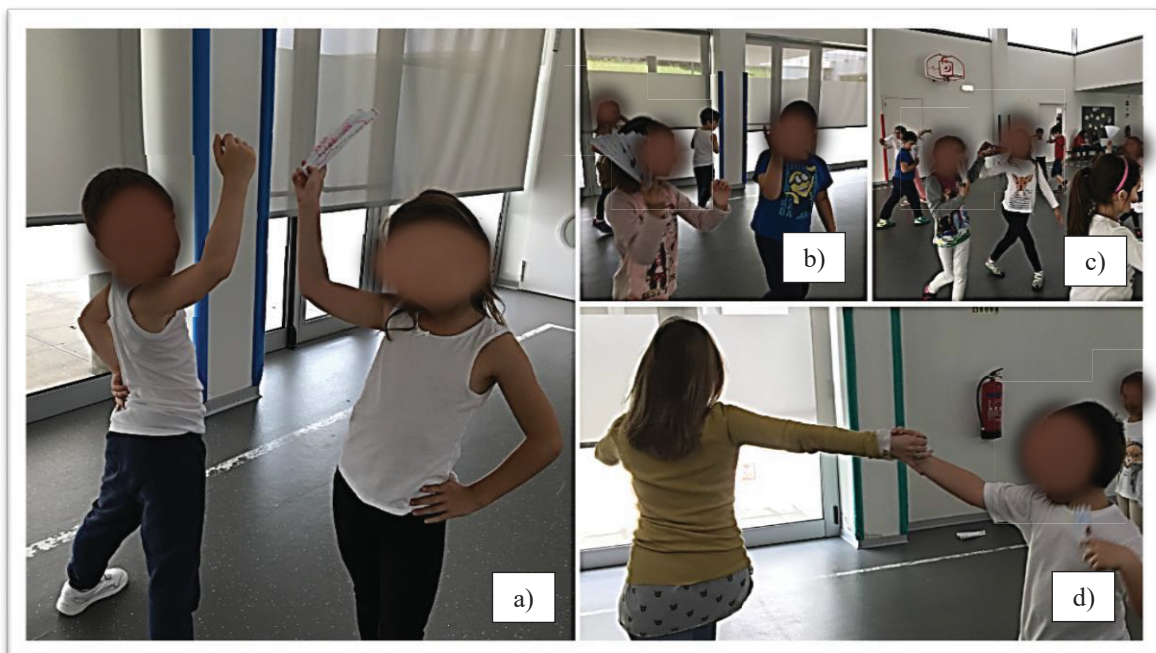


Figura 25- Dança flamenga- a) par a dançar flamenco; b) e c)- exploração criativa da dança pelo pavilhão; d) demonstração de passo de dança pela estagiária.

De certa forma, podemos considerar que esta intervenção correu bem e que foi possível observar em dois momentos a criatividade dos alunos. No entanto, num cenário ideal, teria sido bom que tivéssemos exemplificado desde o início os passos de dança, utilizando o vídeo demonstrativo apenas como auxiliar, tendo sempre o cuidado de apelar

à criatividade dos alunos, referindo que a forma como estes dançariam seria a forma como sentiam a música.

A69 – “ A mãe diz...”

Esta nossa segunda atividade, à semelhança das outras atividades relacionadas com o Dia da Mãe, refere-se à demonstração do afeto dos filhos pela sua mãe, recorrendo à sua criatividade e ao uso da Expressão Musical.

Nesta atividade, foi apresentada uma rima aos alunos, criada para o efeito, e pedido aos mesmos que interpretassem tal rima recorrendo a ritmos que pudessem produzir com o seu corpo.

Apesar desta atividade, à primeira vista, ter uma certa vertente de Expressão Dramática focámo-nos na criatividade como capacidade advinda da Expressão Musical. Nisto, classificámos como criativos todos os movimentos, ritmos e gestos, que os alunos utilizaram para dinamizar a rima.

À medida que as interpretações foram decorrendo fomos nos deparando mais uma vez com casos em que os alunos se imitaram uns aos outros. No entanto, conseguimos perceber que nos casos originais os alunos citavam a rima recorrendo a um esquema corporal. Na Figura que se segue partilhamos com o leitor alguns dos momentos acima enunciados (ver Figura 26).

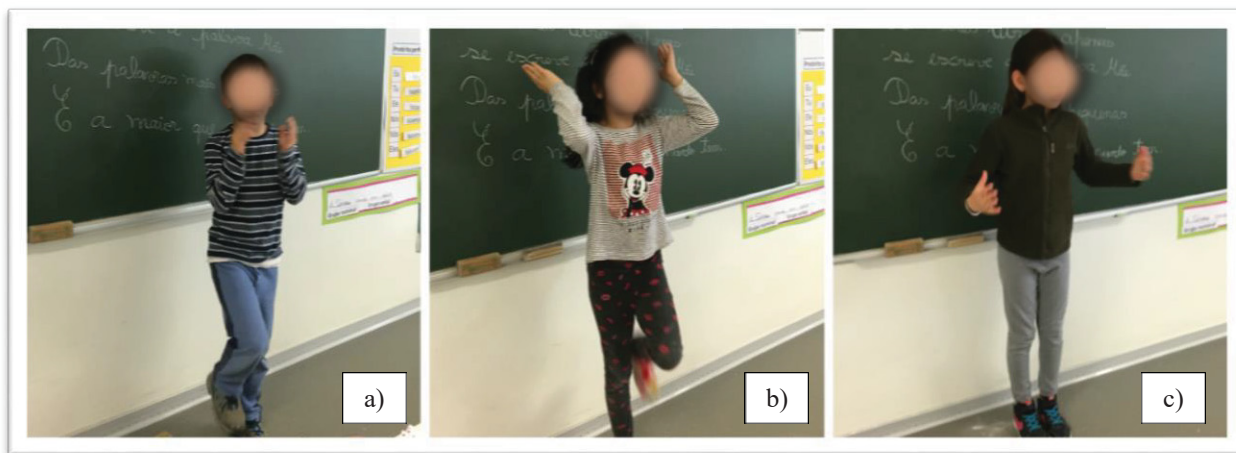


Figura 26- "A mãe diz..."- a), b) e c)- exploração individual da rima criada para o Dia da Mãe.

Podemos concluir que, através desta atividade foi possível despertar a criatividade da turma. No entanto, esta acabou por ser um pouco condicionada pela existência da rima que criámos. Neste caso, se voltássemos a realizar esta atividade optaríamos por, numa primeira parte da atividade pedir aos alunos que eles mesmos criassem uma rima para declamarem à mãe e que, de seguida, interpretassem essa rima como se de uma música tratasse. Nisso, estaríamos a assistir a dois momentos criativos, onde num deles, no da

Expressão Musical, poderíamos assistir ao ato criativo espontâneo e personalizado de cada um dos alunos.

A73– Folclore

Esta última atividade surgiu como uma atividade de melhoramento da primeira, anteriormente descrita. Procurámos colmatar as falhas que achámos que tinham sido limitativas da criatividade das crianças, ao mesmo tempo que decidimos aproximar as tradições do meio dos alunos, pois tal como Moser (2015) já referiu, o meio é um fator que intervém na e para a ação criativa, “é através do contato com diferentes experiências que se dá o desenvolvimento da atividade criadora” (p. 5).

Neste sentido, e após uma breve reflexão sobre a atividade de dança flamenga, explicámos à turma que naquela aula iríamos ter mais uma vez uma aula de Expressão Musical e que esta novamente estaria associada à dança e que seria uma dança do conhecimento da turma, o folclore. Posteriormente, demos a conhecer alguns passos básicos do folclore e ensaiámos uma música com os alunos à roda, cantando e dançando tal como de costume neste tipo de dança. Seguidamente, demos espaço para os alunos dançarem todos juntos, sozinhos, em roda, enquanto íamos dando algumas indicações de quando podiam ou deveriam mudar de passo e se iam juntos ou com o seu par.

Na parte final da atividade, a estagiária separou os alunos em dois grupos distintos e pediu para que, em grupo, os alunos planeassem uma coreografia original, usando a sua criatividade e tendo por base os passos e o encadeamento do folclore. Neste processo de criação da coreografia foi possível observar que os grupos tiveram alguma dificuldade em organizar-se e decidir o que iriam fazer. Alguns alunos mostraram dificuldade em aceitar as opiniões dos colegas mas, após algumas indicações e na sequência do nosso apoio, os alunos chegaram a um consenso e, tal como pedido, os dois grupos arranjaram duas alternativas ao folclore tradicional. Enquanto num grupo a sua criatividade traduziu-se na organização dos elementos do grupo por alturas e por rodarem sempre no mesmo sentido e utilizarem apenas um tipo de passo, o segundo grupo foi mais criativo organizando-se com elementos à roda que utilizaram dois tipos de passos e rodavam para os dois lados, no centro encontravam-se com quatro elementos que apenas moviam os braços de um lado para o outro.

Por forma a elucidarmos o leitor acerca desta realidade apresentamos na figura que se segue (ver Figura 27) alguns apontamentos referentes às atividades desenvolvidas.



Figura 27-Folclore- a) coreografia grupo A; b), d) e e) explicação e demonstração de folclore; c)- coreografia do grupo B.

Resumidamente, podemos concluir que esta foi uma atividade que, à semelhança da atividade homóloga, também correu bem. Foi notória a felicidade dos alunos ao dançarem, assim como uma maior desenvoltura relativamente aos passos e à sua movimentação no espaço, além de que foi possível, mais uma vez, testemunharmos a relação das Expressões Artísticas como promotoras de um desenvolvimento criativo. Nisto, a nossa ação, durante estas intervenções, foi ao encontro das palavras de Condessa (2006), que nos lembra a importância de se “partilhar com os alunos estratégias que possibilitem a aquisição e o reforço das suas possibilidades de recurso ao movimento, como instrumento de promoção desta competência, que é a de "ser criativo" (p. 50).

3.5.2. As rotinas diárias da sala de aula como um convite à criatividade

Neste ponto do nosso trabalho retomaremos a mesma metodologia que seguimos aquando da nossa reflexão acerca do estágio em Educação Pré-Escolar.

Assim, neste segundo eixo de análise, decidimos focar-nos essencialmente nas atividades expressivas que ocorreram aquando da lecionação das outras áreas do currículo. Nisto, iremos analisar qual ou quais os subdomínios das expressões mais utilizados pelas crianças aquando da aprendizagem de conteúdos de Matemática, Português e Estudo do Meio. Iremos averiguar quais os subdomínios das expressões em

que predominou o exercício da criatividade, quando o aluno desempenha tarefas de carácter rotineiro. No quadro que se segue, organizámos uma síntese com as principais atividades convocadas nestes domínios.

Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Pizza das frações
	<ul style="list-style-type: none"> • Robots das áreas
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura com entoação do texto “A Estrelinha”
	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de um bilhete de espetáculo
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho em grupo sobre a primavera

Apesar de os alunos terem realizado atividades de todas as áreas curriculares apoiados nas Expressões Artísticas, ao longo das nossas intervenções e observações notámos exatamente que a criatividade é despoletada por todas as áreas das Expressões de igual forma, dependendo dos conteúdos em questão. Percebemos pelo discurso da Docente C que esta, nas suas práticas letivas, também procurava interligar as Expressões Artísticas com as outras áreas do currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico. A este propósito, a professora afirma que:

“na área de português, os alunos dramatizam e criam situações do dia a dia, de textos estudados na áreas curricular de Português e de Estudo do Meio”
(Professora C).

Por forma a elucidarmos o leitor desta realidade apresentamos na Figura que se segue (ver Figura 28) as tarefas/ trabalhos desenvolvidos neste contexto.



Figura 28- As rotinas como um convite à criatividade- a) elaboração de banda desenhada para uma história lida em aula; b) pintura em grupo sobre a Primavera, c) pizza de frações;

Enquanto que na área da Matemática, apesar dos conteúdos serem mais específicos, os alunos tinham mais facilidade em encontrar soluções para as questões apresentadas, no Estudo do Meio, como normalmente se abordavam temas mais objetivos, os alunos realizavam as atividades recorrendo às suas vivências e noções, convocando a criatividade em questões de organização e de escolha de elementos para as suas produções.

Relativamente ao Português, a criatividade dos alunos traduzia-se essencialmente na ilustração de textos e histórias. A criatividade era muitas vezes condicionada pela fio condutor ou temática da história ou texto a ilustrar. É de ressaltar que ao longo das nossas intervenções promovemos sempre a criação de histórias e textos criativos e, apesar de nem sempre pedirmos aos alunos que ilustrassem as mesmas, com o passar do tempo, estes já viam a ilustração como um recurso e como um apoio à sua história e/ou texto.

3.5.3. A organização da sala de atividades como um espaço de criatividade

Neste eixo de análise pretendemos focar a nossa atenção na sala de atividades, mais propriamente, procurando saber como é que a sala, a sua organização e os espaços que fazem parte desta estrutura, poderiam eventualmente ser utilizados a favor do desenvolvimento da criatividade e/ou como um incentivo ao desenvolvimento da mesma. Aquando do período de observação, foi possível notarmos que a turma necessitava de mais tempo dedicado às Expressões Artísticas. Apesar destas estarem contabilizadas no horário escolar, muitas vezes não eram realmente trabalhadas. O tempo reservado para estas áreas era utilizado para a lecionação ou dinamização de conteúdos de outras áreas do currículo.

Nesta ordem de ideias, decidimos que seria de grande utilidade para os alunos terem na sala de aula uma zona livre onde pudessem expressar-se e criar livremente recorrendo para isso à Expressão Plástica e aos seus materiais. Deste modo, organizámos na sala de aula um “Cantinho dos Artistas”, onde os alunos tinham ao seu dispor, folhas brancas, marcadores, lápis de cores, tecidos, colas, tesouras e plasticina entre outros materiais, os quais podiam utilizar para criar diferentes obras artísticas, fruto da sua criatividade. Percebemos pelo discurso da professora D que este espaço pode trazer grandes vantagens para o desenvolvimento da criatividade dos alunos. Além disso, a docente considerava que este tipo de espaços se afigura necessário, embora “com as exigências dos novos Currículos do ensino-aprendizagem, a escassez de tempo e a dificuldade dos alunos fazem

com que estes espaços fiquem para terceiro plano”. No entanto, acrescentava ainda que “há que incentivar os alunos à criatividade, de forma a desenvolver as suas capacidades cognitivas, coordenativas e motoras, que os possam auxiliar na solução de problemas, no desempenho na sua futura profissão e até na sua vida pessoal” (Professora D).

O “Cantinho dos Artistas”, como já foi referido, era um espaço na sala de aula onde os alunos podiam dar asas à sua criatividade, através do exercício da Expressão Plástica. Este “cantinho” estava sempre disponível para os alunos, no entanto, estes só poderiam frequentar este espaço mediante a aprovação da docente e após o término das suas tarefas das outras áreas curriculares. Desta forma, segundo a nossa observação, este espaço não funcionava como um espaço secundário, ou menos importante da sala, mas sim, como um espaço motivador para os alunos, visto que estes realizavam as tarefas de forma mais atenta e organizada vendo o “cantinho” como um prémio.

De igual forma, tendo por base as nossas observações, podemos constatar que os alunos, quando iam para o “cantinho” usavam o máximo de recursos possível, muitas vezes, sem grande preocupação com a forma como os materiais combinavam entre si. No nosso entender, muitas vezes, esta utilização massiva dos materiais estava relacionada com a pouca frequência com que os alunos trabalhavam a Expressão Plástica.

Na Figura que se segue partilhamos com o leitor alguns dos momentos acima enunciados, que comprovam a dinamização do espaço em questão (ver Figura 29).



Figura 29- Cantinho dos artistas- a) materiais para criação de produções artísticas; b) e d) recorte e colagem; c) sinalética de delimitação do “cantinho”; e)- pintura; g) folha de expressão individual composta por recorte, colagem e pintura.

Da mesma forma que verificámos no estágio em Educação Pré-Escolar, também no contexto do 1.º Ciclo, a criatividade traduzia a forma de ser do aluno. Enquanto havia alunos que gostavam de trabalhar com uma grande diversidade de recursos, outros limitavam-se a usar os lápis de cor.

De um modo geral, podemos referir também que, à semelhança do nosso estágio no contexto Pré-Escolar foi novamente a Expressão Plástica, o domínio das Expressões que mais facilmente permitiu aos alunos serem criativos. No que concerne a este tipo de Expressão pudemos observar que a criatividade das crianças estava associada essencialmente ao traço, às cores e ao empenho que cada aluno colocava nos seus desenhos. No caso deste domínio é de salientar o facto de que muitos dos alunos, perante a existência de vários recursos para o uso numa atividade, geralmente exageravam no uso destes, descuidando muitas vezes do aspeto estético do trabalho apenas pela oportunidade de poder utilizar tudo aquilo que tinham ao dispor. Acreditamos que essa forma de agir estava relacionada com a escassez de momentos dedicados ao exercício das Expressões, nomeadamente da Expressão Plástica.

No que concerne à Expressão Dramática, apesar de esta ser um dos domínios das Expressões Artísticas a que a turma mais vezes recorria quando se tratava do tempo “dedicado” às Expressões Artísticas, inicialmente reparámos que, apesar deste facto, nem todos os alunos se sentiam confortáveis para a prática das atividades convocadas por este tipo de Expressão.

Em relação à Expressão Musical, esta foi mais uma vez o tipo de expressão que menos despertou nos alunos o “ser criativo”, talvez devido ao facto de nós não termos criado condições e/ou atividades devidamente estruturadas que possibilitassem o suscitar dessa capacidade cognitiva. Apesar de considerarmos que este é um domínio tão importante como qualquer outro, as nossas intervenções coincidiam essencialmente com dias em que as Expressões a trabalhar eram a Dramática e a Plástica. No entanto, salientamos a importância do horário ser mais flexível relativamente ao tempo de trabalho de cada expressão, pois agora mais precisamente em relação à Expressão Musical foi possível perceber que os alunos necessitavam de tempo para explorar este tipo de expressão, do qual gostavam e que era um tipo de expressão que trazia igualmente vantagens para o seu desenvolvimento, nomeadamente ao nível criativo. Na realidade, durante as nossas intervenções pudemos perceber que os alunos tinham um sentido de ritmo desenvolvido e que, ao ser trabalhado esta competência, poderia facilmente refletir-

se em trabalhos criativos.

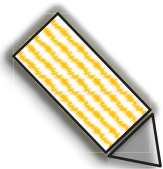
Na sequência dos nossos momentos de observação, reflexão e entrevista aos docentes é-nos possível retirar algumas conclusões relativamente à forma como a criatividade é promovida e vivenciada pelos docentes e crianças no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A grande tendência neste nível de ensino é ver a criatividade como uma forma de inovação sobre aquilo que é criado e pensar de forma diferente e alternativa em relação aquilo que se conhece. As práticas mais utilizadas pelas docentes como forma de perceber a criatividade das crianças baseiam-se essencialmente em trabalhos de Expressão Artística (ofertas do Natal, Dia da Mãe, entre outros) e da redação e dramatização de textos produzidos pelos alunos.

Neste seguimento, os domínios que as docentes entrevistadas consideraram ser mais propícias ao desenvolvimento da criatividade foram a Expressão Plástica e a Expressão Dramática, concordando que as Expressões Artísticas são essenciais no currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico e que Expressões Artísticas e criatividade estão relacionadas, na medida em que através da sua natural relação, o aluno desenvolve-se de uma forma mais completa e global.

Depois de analisarmos e refletirmos acerca dos contornos práticos do nosso estágio pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico, vemo-nos chegar à reta final deste nosso trabalho.

É tempo de fazermos um balanço geral de todo o nosso processo formativo, bem como avaliar o nível de sucesso na prossecução dos objetivos que delineámos inicialmente. É a estes aspetos que dedicamos o derradeiro ponto do nosso trabalho, que apresentamos já de seguida.



Considerações Finais

Terminada a análise das atividades desenvolvidas no contexto do nosso Estágio em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, propomo-nos fazer, nesta última parte do nosso trabalho, uma reflexão acerca das nossas práticas nestes contextos, bem como aferir acerca da concretização dos objetivos a que nos propusemos atingir no início deste Relatório de Estágio.

Antes de mais, há que referir que acreditamos que este trabalho constituiu um elemento essencial na nossa formação, pois é através do processo de ação e reflexão acerca das nossas práticas que as mesmas poderão ser melhoradas e tornarem-se significativas no futuro, aspeto que virá a refletir-se nas aprendizagens dos nossos futuros alunos.

Consideramos que o estágio foi parte essencial no nosso percurso como futuras profissionais. Através desta experiência, foi-nos possível mobilizar conhecimentos adquiridos ao longo do nosso trajeto escolar, não só na licenciatura, como também através das componentes teóricas do mestrado. Foi a passagem da teoria à prática.

Este foi um período que nos permitiu amadurecer tanto como pessoa, bem como profissional, pois a tarefa de gerir um grupo de crianças e as suas aprendizagens muitas vezes se assumiu como um grande desafio para nós. No entanto, a gratificação que recebemos quando vemos o nosso trabalho reconhecido, superou todas as dificuldades e expectativas tendo a sensação de dever cumprido. Neste processo de aprendizagem destacamos a importância dos documentos norteadores das nossas intervenções, tais como as nossas sequências didáticas e as respetivas reflexões, que nos ajudaram a evoluir de intervenção em intervenção. É de salientar que no nosso estágio procurámos ter sempre em consideração as limitações e potencialidades das turmas, procurando promover aprendizagens relevantes, com significado e com sentido.

Os objetivos deste Relatório de Estágio foram, na sua globalidade, atingidos e conseguimos responder a cada um, de forma clara e concisa.

No que concerne à influência das Expressões Artísticas no desenvolvimento das crianças, ficámos a perceber que, para além de necessárias, estas áreas são essenciais, pois através das delas as crianças desenvolvem-se ao nível cognitivo, motor e social. Com ajuda das nossas observações, da recolha bibliográfica que fizemos, bem como da reflexão acerca das nossas propostas práticas, ficámos a perceber que as Expressões Artísticas são “canais” utilizados pela criança para se comunicar com o mundo.

Com base neste pressuposto procurámos saber de que forma a prática das Expressões Artísticas favorece o aparecimento da criatividade e chegámos à conclusão que estas são, de facto, um ponto de partida para o exercício de criação da criança. Na

realidade, da reflexão que fizemos acerca da nossa ação educativa, percebemos que através da proposta de um simples desenho, de uma dramatização ou da interpretação livre de uma canção, a criatividade pode ganhar vida.

Verificámos ao longo do nosso percurso de estágio que tanto a escola como o professor podem ser inibidores ou incentivadores da criatividade, tudo dependerá da visão que estes têm acerca da criatividade e das suas potencialidades. Tanto a literatura como as conclusões que retiramos do nosso estudo nos mostram que para os alunos serem criativos têm que ser criadas condições para tal. Tais condições passam pela abertura do educador/professor àquilo que a criança tem para mostrar, sem julgar ou menosprezar o seu trabalho, colocando à sua disposição uma diversidade de materiais para que esta crie sem limitações. Se o professor assumir esta posição, posteriormente também a escola poderá ser considerada como um espaço incentivador de criatividade.

Neste cenário, tentámos perceber de que modo a criatividade era trabalhada nas escolas e chegámos à conclusão que esta é essencialmente convocada para atividades que consistem na prática das Expressões Artísticas, nomeadamente atividades de Expressão Plástica (através da pintura, do desenho, do recorte e colagem e da modelagem), bem como atividades de Expressão Dramática (através da leitura de um texto com dinâmica e entoação e de pequenas dramatizações a nível individual ou em grupo). Outra atividade que potencializa o uso da criatividade, referida pelas docentes entrevistadas estava relacionada com a produção textual, no entanto, não aprofundamos esta questão, que se prende com a exploração intensiva da criatividade na sala de aula nas várias áreas curriculares, por esta não estar no foco dos objetivos do nosso Relatório de Estágio.

Ainda nesta clarificação de objetivos não podemos deixar de salientar o facto de, quer aquando das nossas intervenções, quer ao nível da nossa investigação ou da bibliografia consultada, não haver muitas referências quanto à forma como a criatividade é trabalhada no âmbito da Expressão Musical. Entendemos que se tivéssemos criado mais oportunidades para a criança improvisar no contexto desta área, tirando partido dos sons do seu corpo, dos sons dos objetos, fossem eles construídos por ela ou utilizados os próprios instrumentos musicais, experimentando várias formas de entoar canções, de cantar em danças de roda, de dizer lengalengas, convocando os conteúdos específicos desta área, certamente que teríamos tido resultados bem mais relevantes neste domínio.

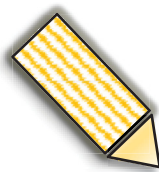
Relativamente ao objetivo em que pretendíamos averiguar de que forma a criatividade influenciava o desenvolvimento da criança ficámos a perceber que esta influencia diretamente o desenvolvimento da mesma, pois através da expressão criativa para além da criança desenvolver as suas capacidades cognitivas ao desenvolver a sua

imaginação, também melhora as suas habilidades e destrezas motoras ao inventar e experimentar. A autonomia do pensar e do fazer também é um dos fatores que provém do exercício da criatividade, bem como a expressão de sentimentos que se traduz numa autoestima reforçada e numa maneira de ver o mundo de forma única.

Terminada a exposição dos nossos objetivos fazemos referência ao estudo que realizámos, que consistia na entrevista a quatro docentes titulares (duas da Educação Pré-Escolar e duas do 1.º Ciclo do Ensino Básico). Além destas quatro entrevistas, tínhamos ainda a intenção de entrevistar professores de áreas artísticas (Expressão Plástica, Expressão Dramática, Expressão Musical e Dança) que lecionassem em contextos não escolares, para comparar as suas opiniões acerca do papel e do lugar da criatividade no processo educativo. No entanto, estas últimas quatro entrevistas não se concretizaram devido à indisponibilidade dos vários docentes contactados para a realização das mesmas. Para além desta limitação, que de certa forma empobreceu a riqueza da reflexão que pensávamos realizar nesta fase, durante o nosso estágio deparámo-nos igualmente com algumas limitações e dificuldades. No que diz respeito ao 1.º Ciclo destacamos a questão da prática letiva se desenrolar a um ritmo acelerado, no qual tivemos muitas vezes de alterar as nossas planificações, para que pudéssemos corresponder às necessidades do currículo, prejudicando de certa forma a nossa observação e, conseqüentemente, a nossa resposta aos objetivos inicialmente delimitados. Outra das dificuldades que identificámos, que se prende diretamente com este trabalho, está relacionada com a questão do nosso estudo. Embora tenha sido um estudo de natureza qualitativa, conseguimos realizar apenas quatro entrevistas, ficando assim o estudo um pouco limitado devido à nossa pequena amostra, pelo que não nos permite fazer qualquer tipo de generalização acerca das perceções gerais que os docentes destes níveis de ensino têm sobre esta matéria. A escassez de bibliografia recente relativamente ao nosso tema em estudo também foi uma das dificuldades com as quais nos confrontámos aquando da redação deste relatório. No entanto, tentámos contornar esta dificuldade recorrendo a trabalhos académicos cuja temática foi igualmente explorada.

Num trabalho o futuro, que poderia servir de complemento ao que foi aqui exposto, consideramos que seria interessante investigar a origem da criatividade manifestada nos desenhos dos alunos, procurar saber qual/quais as suas motivações para desenhar determinado objeto e perceber de que forma estas obras transmitem as vivências e perceções das crianças/alunos.

Estamos conscientes de que, em processos como este, cada meta convida a uma nova caminhada. Este será certamente o espírito que nos moverá, hoje e sempre... sempre que houver lugar a novas experiências, sempre que for possível vencer novos desafios, sempre que nos deparemos com uma criança com vontade de criar. Aí viajaremos juntos novamente, nós e ela, para um lugar onde nunca seja proibido sonhar!



Referências Bibliográficas

A

- Alencar, E.** (1991). *Como Desenvolver o Potencial Criador*. Petrópolis: Editora Vozes;
- Almeida, A., Santos, J., Santos, M.** (1971). *Educação pela Arte na Escola Primária*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional;
- Almeida, P.** (2012). *Aprender com a Expressão Dramática*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores;

B

- Bahia, S. & Veiga, F.** (2014). A Percepção de Criatividade por Educadores de Infância do Brasil e de Portugal. *INFAD Revista de Psicologia*, (2014), 6, (1), pp. 403-408;
- Best, D.** (1996). *A racionalidade do sentimento: o papel das artes na educação*. Porto: Edições Asa;
- Brassart, S. & Rouquet, A.** (1977). *A Educação Artística na Ação Educativa*. Coimbra: Livraria Almedina;
- Botas & Moreira** (2013). A utilização dos materiais didáticos nas aulas de Matemática – Um estudo no 1º Ciclo - *Revista Portuguesa de Educação*, 2013, 26 (1), pp. 253-286, 2013, CIED - Universidade do Minho Disponível em:
<http://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3259/2633>

C

- Coletto, D.** (2010). A importância da arte para a formação da criança. *Revista Conteúdo*. 1, (3), pp. 137-152. Disponível em:
<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/35/34>;
- Comissão Nacional da Unesco.** (2006). *Roteiro de Educação Artística*. Lisboa: Lisboa. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/alfredoslopes/roteiro-para-a-educacao-artstica> ;
- Condessa, I.** (2006). O Movimento Criativo. Em: Castro G. e Carvalho M. [Coord]. *A Criatividade na Educação*. (pp. 37-52). Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Centro de Estudos Filosóficos;

D

- Dias, C.** (2014). *Criatividade no Ensino Básico: um olhar sobre as representações de alunos e professores em escolas públicas e privadas* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Minho;
- Dicionário da Língua Portuguesa.** 2014. Porto: Porto Editora;

F

Fialho, A.(2003). *Sentidos para uma formação dialogada : o trabalho colaborativo na formação inicial de professores do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.*(Relatório de estágio não publicado). Universidade dos Açores: Ponta Delgada;

Fróis, J. (coord.) (2000).*Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

Formosinho. J (coord.) (2009). *Formação de Professores – Aprendizagem profissional e acção docente* – Porto Editora, LDA;

Fortunato, A. (2013). *O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia.* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Aberta, Lisboa;

Foshay, A.W.(1976). *Descrição do processo criativo.* Em Miel, A. [Coord]. *Criatividade no ensino.* (p. 40-59). São Paulo: IBRASA;

Furtado, N. (2011). *As potencialidades didáticas das actividades da área das Expressões (Artísticas e Físico-motora) na escola de Jardim-de-Infância/ 1.º ciclo do Ensino Básico* (Relatório de estágio não publicado). Ponta Delgada: Universidade dos Açores;

G

Gabey, G. & Vimenet, C.(1974). *A criança criadora.* Lisboa: Assírio e Alvim;

Gaspar, M. (2014). *A dramatização na sala de aula como recurso para desenvolver a expressão e a interação orais* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Nova de Lisboa: Lisboa;

Gloton, R. & Clero, C. (1971). *A actividade criadora na criança.* São Paulo: Editorial Estampa;

Gonçalves, E.(1991). *A arte descobre a criança.* Amadora: Raíz Editora, Lda;

H

Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a criança.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

L

Leenhardt, P. (1997). *A criança e a expressão dramática.* Lisboa: Editora Estampa;

Leite, E. & Malpique, M.(1986). *Espaços de Criatividade.* Edições Afrontamento: Porto;

Lowenfeld, V. & Brittain, W. Lambert(1987) *Creative and Mental Growth.* New York: Macmillan Publishing Company;

M

- Martins, V.** (2000). *Para uma pedagogia da Criatividade: Propostas de trabalho*. Edições ASA : Lisboa;
- Ministério da Educação** (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*, Lisboa: Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica;
- Morris, D.** (2011). *O Desenvolvimento da Criança*. Arte Plural Edições: Lisboa;
- Moser, V.** (2015). *A Criatividade: A necessidade da promoção da atividade criadora no Pré-Escolar* (Dissertação de mestrado não publicada). Lisboa: Instituto Superior De Educação e Ciências;
- Mouzon, C.** (2014). *A criatividade na educação: Enquadramento Curricular e Estratégias de facilitação na Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico* (Relatório de estágio não publicado). Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores;

O

- Oliveira, E.** (2006). O Movimento Criativo em: Castro G. e Carvalho M. [Coord]. *A Criatividade na Educação*. (pp. 69-84). Ponta Delgada: Universidade dos Açores - Centro de Estudos Filosóficos;
- Oliveira, S.** (2013). *Criatividade, Autoestima e Rendimento Escolar no 2º Ciclo do Ensino Básico* (Relatório de estágio não publicado). Universidade da Madeira: Madeira;

P

- Piaget, J.** (1999). *Pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget;

Q

- Queiroz, J. P. & Bila, M. S.** (2014) “Como motivar a exploração artística no Pré-Escolar?.” *Revista Matéria-Prima*. 2,3, 112-122;
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.** (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*; Lisboa: Gradiva;

R

- Read, H.** (1958). *A Educação pela arte*. Lisboa: Edições 70;
- Reis, C.** (2012). *A importância da Educação Artística no 1º Ciclo do Ensino Básico: conceção, implementação e avaliação do Projeto Tum-Tum* (Dissertação de mestrado não publicada). Lisboa: Universidade Aberta;
- Reis, R.** (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta;

S

- Santos, A & Balancho, M.**(1993). *A Criatividade no Ensino do Português*. Texto Editora: Lisboa;
- Silva, I.(coord.)**, Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral da Educação;
- Sousa, A.** (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Instituto Piaget;
- Sousa, R.** (2014). *A Expressão Plástica na Prática Pedagógica: Olhares de Educadores e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico* (Relatório de estágio não publicado). Ponta Delgada: Universidade dos Açores;
- Stern, A.** (1974). *Uma nova compreensão da arte infantil*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.;

T

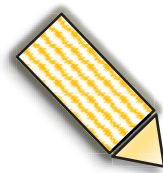
- Teixeira, C.**(2012). *As Expressões Artísticas no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico – Uma Abordagem Interdisciplinar* (Relatório de estágio não publicado). Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro;
- Torrance, E.**(1971). *Encouraging creativity in the classroom*. Iowa: WM.C. Brown Company Publishers;

V

- Valqueresma, A & Coimbra, J.L.** (2013) *Criatividade e Educação: A educação artística como o caminho do futuro?. Educação, Sociedade e Culturas*. 40, sem volume, pp. 131-146;
- Disponível em: https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=588621;
- Veríssimo, I.** (2012). *A Expressão Musical na Educação Pré-Escolar* (Relatório de estágio não publicado). Beja: Instituto Politécnico de Beja;

Documentação consultada:

Lei de Bases do Sistema Educativo nº49/2005.



Anexos



Universidade dos Açores

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo I- Guião de entrevista- Docentes titulares

Objetivos do trabalho	Questões para a entrevista
- Compreender como criatividade é encarada e trabalhada em contexto escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Como define o conceito de criatividade? • Na sua opinião, a criatividade assume-se como importante no ensino atual? Em que sentido/medida? • Acha possível observar manifestações de criatividade dentro de uma sala de aula? Se sim, em que medida? • A criatividade é considerada como critério de avaliação dos trabalhos dos seus alunos? • Se sim, como faz esta avaliação? O que privilegia? Que indicadores/ aspetos costuma considerar?
- Analisar ambientes de aprendizagem e perceber se são ambientes inibidores ou incentivadores da criatividade nos alunos;	<ul style="list-style-type: none"> • No seu ponto de vista acha pertinente/importante considerar momentos, espaços ou lugares destinados ao exercício da criatividade dos seus alunos? Porquê?
- Apresentar exemplos de atividades a serem desenvolvidas em contexto de sala de aula, com vista a desenvolver a criatividade dos alunos.	<ul style="list-style-type: none"> • Tem por hábito promover atividades com o intuito/objetivo de desenvolver a criatividade dos alunos? Pode dar-me alguns exemplos de atividades que costume desenvolver ou que já tenha desenvolvido?
- Entender qual a relação entre as Expressões Artísticas e a criatividade;	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião, encontra alguma relação entre a criatividade e a capacidade expressiva das crianças? • Na sua opinião, as Expressões Artísticas potenciam o uso da criatividade? Se sim, em que medida? • Na sua opinião, de entre as várias áreas de expressão artística, há alguma que possibilite às crianças exprimirem/ expressarem mais e melhor a sua

	<p>criatividade? Qual(ais) delas? Justifique. Ordene-as pela sua relevância/ importância neste domínio.</p>
<p>- Perceber de que forma as Expressões Artísticas contribuem para o desenvolvimento das crianças;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua perspectiva, qual o papel desempenhado pelas Expressões Artísticas no currículo do aluno? • (Lowenfeld, V. e Brittain, W. Lambert (1987), defendem que “a arte é um processo humano fundamental”. Concorda com esta afirmação? Porquê?
<p>- Averiguar de que forma a criatividade influencia o progresso das crianças;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião, encontra alguma relação entre a criatividade e a capacidade expressiva das crianças? Acha-as importantes para o desenvolvimento das crianças? Se sim, em que sentido?



Universidade dos Açores
 Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
 Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo II- Guião de entrevista- Professores de Expressões Artísticas

Objetivos do trabalho	Questões para a entrevista
<p>- Compreender a criatividade como capacidade intelectual associada ao desenvolvimento das crianças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como define o conceito criatividade? • Na sua opinião, haverá ambientes mais favoráveis ao desenvolvimento da criatividade? Se sim, que características/potencialidades devem reunir? • Costuma convocar a criatividade para as suas dinâmicas? • Em que medida é que é possível observar a criatividade numa sessão dinamizada por si? • A criatividade é considerada como critério de avaliação dos desempenhos dos seus alunos? Se sim, como faz esta avaliação? O que é que privilegia? Que indicadores/aspetos costuma considerar?
<p>- Analisar ambientes de aprendizagem e perceber se são ambientes inibidores ou incentivadores da criatividade nos alunos;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • No seu ponto de vista acha pertinente considerar momentos, espaços ou lugares destinados ao exercício da criatividade dos seus alunos? Porquê? • No seu entender o que distingue um bom professor de expressão artística?
<p>- Apresentar exemplos de atividades a serem desenvolvidas em contexto de sala de aula, com vista a desenvolver a criatividade dos alunos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tem por hábito promover atividades com o intuito/objetivo de desenvolver a criatividade dos alunos?
	<p>Pode dar-me alguns exemplos de atividades quês costume desenvolver ou que já tenha desenvolvido?</p>

<p>- Entender qual a relação entre as Expressões Artísticas e a criatividade;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • No seu entender criatividade é sinónimo de expressão? Porquê? • Na sua opinião em que medida é que as Expressões Artísticas potenciam o uso da criatividade? • Entre as áreas das Expressões Artísticas qual é aquela que considera que permite às crianças expressarem mais e melhor a sua criatividade? • Tendo por base o seu domínio das Expressões Artísticas, qual/quais as melhores técnicas ou exercícios para promover o desenvolvimento da criatividade ?
<p>- Averiguar de que forma a criatividade influencia o progresso das crianças;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião, encontra alguma relação entre a criatividade e a capacidade expressiva das crianças? Acha-as importantes para o desenvolvimento das crianças? Se sim, em que sentido?
<p>- Perceber de que forma as Expressões Artísticas contribuem para o desenvolvimento das crianças;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua perspetiva qual o papel que as Expressões Artísticas representam no currículo do aluno? • Lowenfeld,V. e Brittain,W.Lambert(1987), “a arte é um processo humano fundamental”. Concorda com esta afirmação? Porquê? • Considerando o conhecimento que tem das várias áreas de Expressão Artística, qual/ quais as melhores técnicas ou exercícios para promover o desenvolvimento da criatividade nas crianças?